

Resource: Dicionário Bíblico (Tyndale)

License Information

Dicionário Bíblico (Tyndale) (Portuguese) is based on: Tyndale Open Bible Dictionary, [Tyndale House Publishers](#), 2023, which is licensed under a [CC BY-SA 4.0 license](#).

This PDF version is provided under the same license.

Dicionário Bíblico (Tyndale)

T

Taã, Taás, Taate (lugar), Taberá, Tabernáculo, Tabita, Tabletes de Ebla, Taboa, Tabor, Monte, Tabuleta de Argila, Tadeu, O apóstolo, Tahanita, Talitá Cumi, Talmai, Talmude*, Tamar (Pessoa), Tâmara, Tamargueira, Tamargueira, Tangedor, Tanque de Bronze, Tanque do rei, Tara, Társis, Társis (Lugar), Tear, Teatro, Teba (Pessoa), Tecelagem, Tecido e fabricação de tecidos, Tell, Tema (lugar), Tema (Pessoa), Temã (Pessoa), Temente a Deus, Templo, Tenda, Teocracia, Teófilo, Tera (lugar), Tera (Pessoa), Terafins, Terra, Terra, Terra, Nova, Terremoto, Tértulo, Tesoureiro, Tessalônica, Tessalonicenses, Primeira carta aos, Testemunha, Tetragrama, Tetrarca*, Teudas, Texto Ocidental, Texugo, Tiago (Pessoa), Tiago, Carta De, Tiatira, Tício Justo, Tidal, Tigela, Tijolo, Forno de tijolos, Timão, Timeu, Timna (Lugar), Timna (Pessoa), Timnate, Timóteo (pessoa), Timóteo, Primeira Carta A, TIMOTÉO, Segunda Carta a, Tinha, Tinta, Tinteiro, Tipo, Tíquico, Tirano, Salão de, Tiras, Tirás, Tiro, Tirza (pessoa), Tito (Pessoa), Tito, Carta A, Toá, Tobe, Tobe-Adonias, Tobias, Tobias, Livro de, Tobite (Pessoa), Todo-Poderoso, Tofel, Tofete, Togarma, Tola, Tolaíta, Tomé, O Apóstolo, Topázio, Torá*, Torre de vigia, Torre, Fortaleza, Toupeira, Touro selvagem, Touro, Novilho, Trabalho, Traça, Traconites, Traconitis, Tradição, Tradição oral, Transfiguração*, Transjordânia, Três Vendas, Tribo de Levi, Tribulação, Tribunais e julgamentos, Tribuno, Trigo, Tristeza, Trôade, Trófimo, Trogílio, Troncos, Trono, Trono do julgamento, Trovão, Filhos Do, Tubal, Tubalcaim, Tuberculose, Túmulo de Raquel, Túnel de Ezequias, Túnica, Tutor*

Taã

1. Filho de Efraim e pai do clã Tahanita ([Nm 26.35](#)).
2. Filho de Telá e descendente de Efraim ([1Cr 7.25](#)).

Taás

Filho de Naor e Reumá, sua concubina; irmão de Abraão ([Gn 22.24](#)).

Taate (lugar)

Um local de acampamento temporário para os israelitas durante suas peregrinações no deserto. Estava localizado entre Maquelote e Tera ([Nm 33.26.27](#)).

Taberá

Local temporário de parada para Israel no deserto de Parã, listado com Massá e Quibrote-Hataavá como lugares onde Israel reclamou contra o

Senhor. Taberá foi nomeada pelo fogo que Deus usou para julgar os israelitas murmuradores ([Nm 11.3](#); [Dt 9.22](#)).

Tabernáculo

Local de adoração durante os primeiros anos da história de Israel.

Resumo:

- Introdução
- Nomes para o tabernáculo
- Contexto
- O tabernáculo e seus móveis
- O tabernáculo propriamente dito
- O pátio externo e seus mobiliários
- A construção e consagração do tabernáculo

Introdução

O tabernáculo foi o precursor do templo durante a maior parte do período entre a formação de Israel no Sinai e seu estabelecimento final na Terra Prometida no início do período da monarquia. Um santuário portátil em conformidade com a demanda por fácil mobilidade, era o símbolo da presença de Deus com seu povo e, portanto, de sua

disponibilidade, bem como um lugar onde sua vontade era comunicada. Em um período inicial, foi antecipado que, quando a paz e a segurança fossem asseguradas, um santuário nacional permanente seria estabelecido ([Dt 12.10-11](#)). Isso não foi realizado até o tempo de Salomão, quando o templo foi erguido ([2Sm 7.10-13](#); [1Rs 5.1-5](#)). Eventos históricos, bem como as semelhanças na construção e na teologia subjacente, ilustram a estreita conexão entre o tabernáculo e o templo.

Nomes para o tabernáculo

Várias palavras e frases descritivas são usadas:

1. “Residência sagrada”, “santuário”, ou “lugar santo” ([Êx 25.8](#); [Lv 10.17-18](#)) derivam do verbo “ser santo”.
2. “A tenda” ocorre 19 vezes e também é encontrada em expressões como “a tenda do testemunho” ([Nm 9.15](#)), “a tenda do Senhor” ([1Rs 2.28-30](#)), “a casa da tenda” ([1Cr 9.23](#)), e “a tenda da congregação” (por exemplo, [Êx 33.7](#)). O último nome aparece aproximadamente 130 vezes. A palavra envolve o conceito de encontro por nomeação e designa o tabernáculo como o lugar onde Deus se encontrava com Moisés e seu povo para dar a conhecer sua vontade.
3. “Lugar de habitação” é o significado literal de “tabernáculo”. Em [Êxodo 25.9](#), a palavra indica todo o tabernáculo (incluindo o átrio externo), mas em [Êxodo 26.1](#) refere-se ao tabernáculo propriamente dito (que incluía o Lugar Santo e o Santo dos Santos). Uma variante disso é “o tabernáculo do testemunho” ([Êxodo 38.21](#); NTLH “Tenda da Presença”), que, com outras expressões como “a tenda do testemunho”, enfatiza a presença das duas tábuas da lei.
4. “A casa do Senhor” ([Êx 23.19](#)).

Contexto

A construção tripartida do tabernáculo, composta por uma área geral e duas áreas restritas, não era única. Em outras religiões desenvolvidas que incluíam um sacerdócio organizado, havia três níveis principais de aproximação: um para todos os membros da comunidade; um para os sacerdotes em geral; e um para os principais líderes religiosos, que era um santuário interno, concebido como a morada da divindade. Escavações de santuários pagãos na Palestina e na Síria no período pré-israelita revelaram esse tipo de santuário dividido.

Há também evidências generalizadas do uso de estruturas portáteis, muitas vezes complexas e pré-fabricadas, durante o segundo milênio a.C., geralmente como salas monárquicas para reis e outros altos dignitários, ou como santuários. Governantes de comunidades estabelecidas usavam essas estruturas ao viajar para outras áreas dentro de seus reinos (por exemplo, Egito e, em menor medida, Canaã). Além disso, povos nômades ou seminômades, como os midianitas, usavam santuários portáteis. No Egito pré-mosaico, os artesãos usavam técnicas semelhantes às utilizadas na construção do tabernáculo.

O Tabernáculo e seus móveis

O livro de Êxodo ([Êx 25-40](#)) descreve o tabernáculo e seus móveis em detalhe. Os materiais usados incluíam itens que variavam de materiais preciosos a comuns. Três metais são mencionados em ordem decrescente de importância: ouro, cobre e prata. Somente o ouro foi empregado nos principais móveis do santuário. A quantidade total de metais usados foi de aproximadamente uma tonelada (0.9 tonelada métrica) de ouro, três de cobre e quatro de prata ([38.24-31](#)). A quantidade relativamente grande de prata veio de uma oferta ([30.11-16](#)), que aumentou a prata e o ouro já dados pelos egípcios ([12.35](#)).

Significativamente, nas especificações de construção de Deus, o ponto de partida foi o mobiliário do santuário interno (o Lugar Santo e o Santo dos Santos). Na construção real, esse mobiliário foi feito após o próprio tabernáculo, presumivelmente para que pudesse ser imediatamente e adequadamente abrigado ([Êx 25.9-27.19](#); cf. [36.8-37.28](#)).

O primeiro item listado era a arca, o único móvel no Santo dos Santos. Era uma caixa de madeira revestida de ouro, com aproximadamente um metro e dez centímetros de comprimento, com uma largura e altura de setenta centímetros. O supremo símbolo da relação de aliança entre Deus e Israel, era frequentemente chamada de “a Arca da Aliança do Senhor” ([Dt 10.8](#)). Ao contrário das arcas contemporâneas em alguns países vizinhos, não continha nenhuma representação da divindade, apenas os Dez Mandamentos ([Êx 25.16](#)), um jarro de maná ([16.33](#)) e a vara de Arão ([Nm 17.10](#)) — todos simbólicos de vários aspectos da provisão de Deus (veja [Hb 9.4](#)).

A arca era transportada por dois varais que passavam por argolas presas a cada canto inferior ([Êx 25.13-15](#)). Esses varais, deixados no lugar,

projetavam-se por baixo do véu para o Lugar Santo, servindo como um lembrete da presença da arca invisível.

Sobre a arca estava o propiciatório (“cobertura de expiação” ou “tampa da arca da aliança” NTLH), uma laje retangular de ouro maciço, à qual estavam presos dois querubins. Os querubins voltados para dentro e o propiciatório formavam um trono para o Deus invisível ([Êx 25.22](#)), que é frequentemente descrito como entronizado acima ou sobre os querubins ([Sl 80.1](#); [99.1](#)). O substantivo “propiciatório” vem de um verbo que significa “fazer expiação”. O propiciatório era aspergido com sangue no clímax do Dia anual da Expiação ([Lv 16.14](#)). O fato de que a arca foi colocada *sob* o propiciatório ([Êx 25.21](#)) significa que a lei estava sob a proteção de Deus e explica as referências à arca como seu escabelo (e.g., [Sl 132.7](#)). Como os querubins no Jardim do Éden ([Gn 3.24](#)), aqueles no Santo dos Santos provavelmente tinham uma função protetora semelhante. No mundo antigo, criaturas aladas simbólicas como os querubins eram frequentemente colocadas como guardiãs de tronos e edifícios importantes.

Como a arca, a mesa portátil do pão da Presença ([Êx 25.30](#)) foi feita de madeira de acácia revestida de ouro. Era marginalmente menor, com um comprimento de três pés (0.9 metro), uma largura de um pé e meio (0.5 metro) e uma altura de dois pés e um quarto (0.7 metro). Os vários vasos auxiliares e implementos são detalhados (v. [29](#)); presumivelmente os pratos seriam usados para carregar o pão. A cada dia de sábado, 12 pães, simbolizando a provisão de Deus para as 12 tribos de Israel, eram colocados em duas fileiras sobre a mesa ([Lv 24.5-9](#)). A mesa estava localizada no Lugar Santo, no lado norte.

No lado sul estava o candelabro de ouro de sete braços ([Êx 25.31-39](#); [37.17-24](#); [40.24](#)). Era o item de mobília mais impressionante no Lugar Santo; como os querubins e o propiciatório, era feito de ouro puro. Seis ramos de ouro, três de cada lado, estendiam-se de um eixo central, e todo o candelabro era ornamentado com flores de amêndoa. A partir da evidência bíblica, não está claro se o candelabro dava iluminação contínua ([Êx 27.20](#); [Lv 24.2](#)) ou apenas luz noturna ([1Sm 3.3](#) na maioria das versões). [Lv 24.4](#) apoia fortemente o primeiro, e a referência em 1 Samuel provavelmente reflete a negligência que se infiltrou durante o período dos juízes. Na Escritura, o candelabro de ouro simboliza o testemunho contínuo da comunidade da aliança ([Zc 4.1-7](#); [Ap](#)

[2.1](#)). A atenção precisa ao menor detalhe é bem ilustrada na listagem dos itens suplementares, todos feitos de ouro puro, necessários para o serviço das lâmpadas. Sem essa atenção precisa, a luz logo se tornaria fraca, e o santuário em si seria contaminado por depósitos de carbono ([Êx 25.38](#)). Além disso, apenas o azeite de oliva da melhor qualidade era usado, garantindo assim a luz mais brilhante possível ([27.20](#)).

O altar de incenso ([Êx 30.1-10](#)) pode ter sido deliberadamente minimizado para dar maior destaque ao altar sacrificial no pátio externo, que é frequentemente referido como “o altar”. Para distinguir o altar de incenso do altar de bronze do sacrifício, o primeiro foi chamado de “o altar de ouro” ([40.5](#)). O altar de incenso estava localizado no Lugar Santo, imediatamente em frente à arca no Santo dos Santos, mas logo fora do véu, entre a mesa dos pães da Presença e o candelabro. Feito de madeira de acácia revestida de ouro, tinha 45,7 centímetros (18 polegadas) quadrados e 0,9 metros (3 pés) de altura, com chifres e uma moldura dourada ao redor dos quatro lados. Como a arca, era facilmente portátil pela provisão de anéis e varas de transporte. O altar era usado para a oferta de incenso todas as manhãs e noites e para ungir os chifres para a expiação anual ([30.7-10](#)). O incenso de uma receita especial era proibido para uso secular. Originalmente, o incenso indicava algo que ascendia de um sacrifício, um aroma agradável a Deus. O incenso reconhecia Deus na adoração ([Mt 1.11](#)) e, em uma data precoce, significava as orações dos piedosos ([Sl 141.2](#)). Também ocultava Deus dos olhos humanos ([Lv 16.13](#)).

O tabernáculo propriamente dito

O tabernáculo era fundamentalmente uma estrutura de tenda apoiada em uma estrutura rígida. Como com a maioria dos outros itens, uma triplicação de detalhes sublinha a importância do tabernáculo propriamente dito. As especificações são dadas em [Êxodo 26](#), a construção em [Êxodo 36.8-38](#), e a montagem final em [Êxodo 40.16-19](#). As dimensões gerais eram aproximadamente 13,7 metros (45 pés) de comprimento, 4,5 metros (15 pés) de largura e 4,5 metros de altura.

A estrutura básica era uma série de suportes verticais, cada um com 4,6 metros (15 pés) de altura e 0,7 metros (2½ pés) de largura, e cada um apoiado em duas bases de prata ([Êx 26.15-25](#)). Os estudiosos costumavam pensar que esses suportes ou quadros eram tábuas sólidas de madeira de acácia, mas a maioria dos estudiosos modernos

aceita que cada um era composto por dois lados verticais conectados por peças horizontais como uma escada. Tais seções seriam consideravelmente mais fortes, manteriam melhor sua forma e permitiriam uma visão da bela camada interna de cortinas de dentro do santuário. Nos lados sul e norte havia 20 desses quadros, com mais 6 na extremidade oeste. Além disso, no lado oeste havia duas peças de canto às quais todas as paredes eram fixadas por grampos (v. [23-25](#)). Uma série de barras, que passavam por anéis de ouro presos a cada quadro vertical, proporcionava maior segurança e alinhamento (v. [26-29](#)). Havia cinco dessas barras em cada um dos três lados. A central nos lados sul e norte se estendia por todo o comprimento; as outras quatro provavelmente se estendiam até a metade, de modo que cada quadro era efetivamente fixado por três barras. Todas as seções de madeira eram revestidas de ouro.

Sobre essa estrutura, várias camadas de coberturas formaram o topo, os lados e a parte de trás do tabernáculo. A primeira camada de dez cortinas de linho foi tingida de azul, púrpura e escarlate, e bordada com querubins ([Êx 26.1-6](#); [36.8-13](#)). Cada uma media 12,8 por 1,8 metros. Pares unidos ao longo de seu comprimento formavam cinco conjuntos de cortinas. As duas grandes cortinas eram elas mesmas presas com 50 colchetes dourados que passavam por um número semelhante de laços em cada uma. Provavelmente, as cortinas eram esticadas sobre a estrutura como uma toalha de mesa.

Onze cortinas ou lonas de pelo de cabra, cada uma com 13,7 metros por 1,8 metros, formavam a próxima camada. Estas eram divididas em dois conjuntos, unindo cinco e seis cortinas respectivamente, e eram ligadas usando um método semelhante ao da cortina inferior, exceto que eram usados fechos de bronze em vez de ouro. O comprimento extra das lonas de pelo de cabra proporcionava uma sobreposição para proteger a cortina inferior, e a lona maior sobrepunha-se tanto na frente quanto na parte traseira do tabernáculo ([Êx 26.7-9,12-13](#)). Duas camadas adicionais garantiam impermeabilização completa, uma de peles de carneiro tingidas de vermelho e outra de peles de cabra.

Um véu feito do mesmo material que a cortina inferior dividia o santuário e pendia sob as presilhas douradas que uniam as duas cortinas, sustentado por quatro pilares de madeira de acácia revestidos de ouro e apoiados em bases de prata. Os querubins tanto no véu quanto nas cortinas

eram guardiões simbólicos do santuário. A posição do véu fazia do Santo dos Santos um cubo perfeito de 4,6 metros (15 pés). As camadas de material sobrepostas e a atenção dada às juntas enfatizam a escuridão do santuário mais interno. Deus estava cercado por escuridão, cuidadosamente isolado de qualquer visão não autorizada ([Sl 97.2](#)). O Lugar Santo ocupava uma área de 9,1 por 4,6 metros (30 por 15 pés), exatamente o dobro da área do Santo dos Santos. Uma tela feita do mesmo tecido que a cortina principal ficava entre o Lugar Santo e o átrio externo e pendia de ganchos dourados em cinco postes de madeira de acácia, revestidos de ouro e apoiados em soquetes de bronze. Não há menção de serafins bordados nesta seção, que formava a parede oriental do tabernáculo.

O tabernáculo, embora provavelmente tivesse uma aparência um tanto achatada que sugeria força, podia ser facilmente desmontado, transportado e remontado. Pelos padrões daquela época, era uma habitação adequada para Deus, construída com as melhores habilidades humanas e os materiais da mais alta qualidade.

O pátio externo e seus mobiliários

O átrio do tabernáculo era um retângulo de 45,7 metros (150 pés) de comprimento nos lados norte e sul e 22,9 metros (75 pés) de largura nos lados leste e oeste ([Êx 27.9-18](#); [38.9-19](#)). O próprio tabernáculo estava na extremidade oeste. Cortinas de linho fino torcido, com 2,3 metros (7½ pés) de altura, cercavam toda a área do tabernáculo. Na seção oriental, havia uma entrada central, com 9,1 metros (30 pés) de largura. Uma cortina bordada da mesma altura cobria esta entrada, que provavelmente era recuada para facilitar a entrada de ambos os lados. Varas de prata sustentavam todas as cortinas. Essas varas passavam por ganchos de prata presos aos postes revestidos de prata que repousavam sobre bases de bronze ([38.17](#)).

O altar do holocausto ([Êx 27.1-8](#); [38.1-7](#)), na extremidade oriental do átrio adjacente à entrada ([40.29](#)), era um lembrete de que não poderia haver aproximação a Deus exceto pelo lugar de sacrifício. Com 2,1 metros quadrados (7 pés) e 1,4 metros (4,5 pés) de altura, era pequeno em comparação ao altar gigantesco no templo de Salomão ([2Cr 4.1](#)). Basicamente, era uma estrutura de madeira oca revestida de bronze, leve o suficiente para ser carregada em varas revestidas de bronze que passavam por anéis de bronze em cada canto. A grelha ([Êx 27.4-5](#)) estava provavelmente dentro

do altar no meio, embora alguns estudiosos acreditem que se estendia ao redor das partes inferiores e externas do altar, para fornecer ventilação e permitir que o sangue sacrificial fluísse para a base do altar. Os chifres, possivelmente simbolizando as vítimas sacrificiais, poderiam ser usados para amarrar os animais prestes a serem sacrificados. Em Israel, uma pessoa poderia reivindicar proteção contra punições ou ataques agarrando-se aos chifres do altar (e.g., [1Rs 1.50](#)), com o possível simbolismo de que estava oferecendo a si mesma como sacrifício a Deus e assim reivindicando sua proteção. A parte inferior do altar pode ter sido parcialmente preenchida com terra para absorver o sangue ([Êx 20.24](#)). Todos os acessórios eram de bronze: baldes de cinzas, pás para remover as cinzas e preencher a base com terra, bacias para o sangue, ganchos para carcaças e incensários ([27.3](#)).

Nenhuma especificação sobre o tamanho da pia (ou, "bacia de lavar") sobreviveu ([Êx 30.17-20; 38.8](#)). Foi feita a partir dos espelhos das mulheres que serviam na entrada do átrio. A pia ficava entre o altar de sacrifício e o tabernáculo. Falhar em lavar-se na pia antes de ministrar era punível com a morte — um lembrete solene da necessidade de limpeza e obediência antes de realizar qualquer tarefa para Deus. O pedestal de bronze pode ter sido apenas um suporte para a pia, mas possivelmente incorporava uma bacia inferior na qual os sacerdotes podiam lavar os pés.

A construção e consagração do tabernáculo

As especificações dadas por Deus exigiam habilidades além das capacidades de Moisés e Arão. Proeminentes na construção estavam Bezalel e Aoliabe ([Êx 30.1-11](#)), com um grande grupo de especialistas de apoio, que devem ter aprendido seu ofício no Egito. Em um esforço comunitário notável, os israelitas deram tão generosamente que o fluxo de presentes teve que ser interrompido ([35.20-24; 36.4-7](#)). Além disso, muitos deram de suas habilidades especiais ([35.25-29](#)).

Quando todos os itens foram concluídos e colocados em posição ([Êx 40.1-33](#)), cada peça, exceto o propiciatório e os querubins, foi ungida com óleo especial ([30.22-33; 40.9-11](#)) e simbolicamente consagrada para sua função particular. O clímax ocorreu quando a glória do Senhor encheu o tabernáculo ([40.34](#)). Ele veio para estar presente entre seu povo, e daí em diante a nuvem de dia e o fogo de noite proporcionaram segurança quanto à sua presença e orientação. No

entanto, não poderia haver negligência ao se aproximar dele, e até mesmo Moisés foi excluído do Santo dos Santos. O tabernáculo foi erguido exatamente um ano após a libertação do Egito e apenas nove meses após a revelação no Sinai.

Depois disso, quando Israel acampou, os levitas cercaram o tabernáculo em três lados ([Nm 1.53](#)), com as famílias de Moisés e Arão ocupando o lado leste restante ([Nm 3.14-38](#)). Isso impedia qualquer intrusão não autorizada na área sagrada. Quando o tabernáculo era movido, o desmantelamento era cuidadosamente regulado ([4.5-15](#)). Os coaitas eram responsáveis por transportar os itens mais sagrados, usando as varas de transporte; os gersonitas lidavam com todos os tecidos, o altar de sacrifício e seus acessórios; e os meraritas carregavam os móveis pesados, como as armações, barras e bases. Mesmo em marcha, o tabernáculo permanecia central, com seis tribos precedendo e as seis restantes seguindo ([Nm 2](#)).

Veja também Templo.

Tabita

Um nome aramaico que significa "gazela". O nome grego é Dorcas ([At 9.36.40](#)).

Veja Dorcas.

Tabletes de Ebla

Tabletes datados de cerca de 2220 a 2240 a.C. foram descobertos na antiga cidade-estado síria de Ebla, atualmente o local de Tell Mardikh.

Ebla era uma grande cidade comercial. As pessoas lá fabricavam tecidos, itens de madeira, cerâmica e objetos de ouro, prata e outros metais. Muitas dos tabletes de argila encontradas são registros econômicos que documentam transações com cidades da Ásia Menor, Egito, Chipre e Irã (Pérsia). Os tabletes listam milhares de nomes de cidades. Muitos desses nomes são familiares da Bíblia, como:

- Hazor
- Megido
- Dor
- Joze
- Gaza
- Uru-Salim (que pode ser Jerusalém ou "cidade de Salém")

Um tablete até menciona Sodoma, Gomorra e Zoar. Ele descreve Zoar como estando "no território de Bela" (cp. [Gn 14.2](#)). De acordo com o relato bíblico, Sodoma e Gomorra foram destruídas nos dias de Abraão ([Gn 19.24-29](#)). Assim, os detalhes em [Gênesis 14](#) e [19](#) só poderiam ter sido registrados através de uma tradição viva.

Os tabletes de argila de Tell Mardikh (também conhecido como Ebla) contêm muitos nomes pessoais que se assemelham aos nomes encontrados na Bíblia. Alguns exemplos são:

- Abrão (escrito como *ab-ra-mu*)
- Israel (escrito como *ish-ra-ilu*)
- Saul (escrito como *sha-u-lu*)
- Davi (escrito como *da-u-du*)

Algumas pessoas acreditam que isso prova que a Bíblia é verdadeira. Outros têm perguntas sobre isso. Por exemplo, como o nome "Israel" poderia estar escrito em tabletes quatro ou mais séculos antes de Deus dar esse nome a Jacó?

Mas a Bíblia não diz que o nome era novo. Naquela época, as pessoas frequentemente criavam nomes combinando o nome de um deus com uma palavra sobre o que o deus fazia. Por exemplo, Isaías significa "Yah é salvação" (Yah é uma forma abreviada de Yahweh). Portanto, é possível que antes de Jacó, os pais nomeassem seus filhos *ish-ra-ilu*, que significa "El [Deus] prevaleceu". O que foi novo na história de Jacó foi seu encontro pessoal com Deus e a bênção que ele recebeu.

Alguns nomes de Ebla aparecem de duas formas:

1. com *-ilu* (significando El ou Deus)
2. com *-ya* (possivelmente significando Yah, abreviação de Yahweh)

Assim, tanto os nomes *mi-ka-ya* (Micaías, Miquéias) quanto *mi-ka-il* (Miguel) são encontrados ao lado de outros nomes teofóricos

(portadores de Deus). Mas, se o sufixo *-ya* realmente é um nome divino (Yah, o Senhor), sua aparição levanta uma questão importante. Em [Êxodo 6.3](#), Deus diz que Abraão, Isaque e Jacó o conheceram como El Shaddai, "porém não deixei que me conhecessem pelo meu nome de Senhor". Isso implica que o nome Yahweh não era conhecido antes do Sinai.

No entanto, o nome Javé aparece muitas vezes em Gênesis. Não está apenas em histórias onde um escritor posterior poderia tê-lo adicionado. Está também em:

- promessas que as pessoas fizeram usando o nome de Yahweh, e
- Citações que indicam que as pessoas realmente usavam o nome Yahweh.

Esses juramentos e citações sugerem que as pessoas realmente usavam o nome Yahweh em suas vidas cotidianas.

Acadêmicos conhecem esse problema há muito tempo. Eles se dividiram em dois grupos principais:

- aqueles que acreditam que as pessoas não conheciam o nome Yahweh antes de Moisés, ou
- aqueles que acreditam que as pessoas conheciam o nome, mas ele adquiriu um novo significado quando Deus libertou os israelitas do Egito.

Os tabletes de argila de Ebla nos proporcionaram uma nova maneira de aprender sobre o passado. Levará muitos anos para entender tudo o que está escrito nessas tábuas. Mas algumas coisas já estão claras: é improvável que as histórias sobre Abraão, Isaque e Jacó em [Gênesis 11-35](#) tenham sido escritas por autores dos séculos VIII ou VII a.C. É improvável que um escritor desses séculos pudesse ter incluído aleatoriamente centenas de nomes historicamente precisos de lugares, pessoas, itens de comércio e outros detalhes nesses capítulos. Escavações modernas (arqueologia) encontraram os mesmos nomes, lugares, itens de comércio e outros detalhes nas tábuas de Ebla. Não é razoável pensar que isso seja apenas por acaso. As evidências de Ebla desafiam fortemente a ideia de que as histórias de Gênesis foram criadas muito tempo depois dos eventos que descrevem.

Veja também Inscrições.

Taboa

Tradução da NTLH de uma planta de pântano incerta em [Jó 8.11](#). Veja Plantas (Papiro; Caniço; Junco).

Tabor, Monte

Importante colina na baixa Galileia, localizada na área nordeste do Vale de Jezreel. Cerca de 9,7 quilômetros a leste de Nazaré, Tabor se ergue abruptamente do chão do vale. Parecendo mais proeminente do que sua altura indicaria (587,9 metros), se tornou um importante ponto de referência geográfica na antiguidade. Definia a fronteira ocidental da tribo de Issacar ([Js 19.22](#)) e era uma ferramenta de navegação útil na estrada internacional costeira (a Via Maris) que atravessava Megido, na Galileia, a caminho de Hazor. Sua proeminência convidava a comparação com o Monte Hermon, bem ao norte ([Sl 89.12](#); cf. [Jr 46.18](#)).

No AT, o Monte Tabor é mencionado no livro de Juízes quando Débora e Baraque lutam contra Sísera, o comandante de um exército cananeu de Hazor ([Jz 4.1-24](#)). As tropas de Baraque das tribos próximas de Naftali e Zebulom se encontraram no Monte Tabor e no comando de Débora fizeram uma campanha bem-sucedida contra Sísera. Mais tarde no mesmo livro, o Monte Tabor foi nomeado como o lugar onde Gideão finalmente confrontou os reis midianitas, Zeba e Zalmuna, que haviam matado seus irmãos ([8.18](#)).

Localizado estrategicamente, o topo moderadamente dimensionado do Tabor, com menos de meio quilômetro quadrado (1,3 quilômetros quadrados), era facilmente fortificável. Durante o período da monarquia no AT, santuários podiam ser localizados lá (veja [Os 5.1](#)), mas na era helenística, as fortificações foram construídas. Os Ptolomeus o fortaleceram, e na época de Antíoco III (218 a.C.), Tabor pode ter se tornado o centro administrativo do Vale de Jezreel. A era romana testemunhou vários conflitos no Monte Tabor. Na principal guerra judaica de 66 d.C., Josefo fortificou a colina com uma grande parede, que ainda é visível. Desde o quarto século, o Monte Tabor tem sido identificado como o local da transfiguração de Jesus ([Mc 9.2-13](#)). No entanto, isso é incerto, uma vez que o NT não menciona o Monte Tabor pelo nome. Helena, a mãe de Constantino, estava convencida de que a Transfiguração ocorreu lá, e em 326 d.C. ela

construiu uma igreja no local. Outros santuários, mosteiros e igrejas embelezavam a colina até o décimo segundo século, quando tudo foi destruído pelo conquistador árabe Saladino. Hoje, um mosteiro ortodoxo grego e uma basílica latina desde o décimo nono século podem ser vistos na montanha.

Tabuleta de Argila

Veja Escrita.

Tadeu, O apóstolo

Um dos 12 apóstolos originais de acordo com as listas em [Marcos 3.18](#) e [Mateus 10.3](#) (ARC “Lebeu, apelidado Tadeu”). É bem provável que esta seja a mesma pessoa que Judas, filho de Tiago (não Iscariotes) em [Lucas 6.16](#) e [Atos 1.13](#). Veja Apóstolo, Apostolado.

Tahanita

Qualquer descendente de Taã da tribo de Efraim ([Nm 26.35](#)).

Veja Taã #1.

Talitó Cumi*

Palavras aramaicas faladas por Jesus e retidas por Marcos em seu Evangelho ([Mc 5.41](#)). Jairo, um oficial da sinagoga na região da Galileia, chamou Jesus para curar sua filha doente; no entanto, ela morreu antes de Jesus chegar. Vindo até a menina, Jesus pegou em sua mão e disse: “*Talitó cumi*”, que significa “Menina, levante-se”. “*Talitó*” é um termo de afeto que significa “cordeiro” ou “juventude”. “*Cumi*” é um comando para levantar-se, traduzido por Marcos como “Eu digo a você: levante-se!”

Em seu Evangelho, Marcos inclui outras frases em aramaico atribuídas a Jesus ([Mc 3.17](#); [5.41](#); [7.11.34](#); [11.9-10](#); [14.36](#); [15.22.34](#)). Mateus retém apenas duas frases em aramaico ([Mt 27.33.46](#)), e Lucas não mantém nenhuma.

Talmai

1. Um filho de Anaque e irmão de Aimã e Sesai. Os 12 espiões israelitas viram Talmai e seu povo quando exploraram a terra de Canaã ([Nm 13.22](#)). Mais tarde, Calebe conseguiu derrotar Talmai e seus irmãos. Eles estavam vivendo em Hebrom ([Js 15.14](#); [Jz 1.10](#)).
2. Um filho de Amiúde e pai de Maaca. Maaca foi a esposa do Rei Davi. Ela deu à luz Absalão, o terceiro filho de Davi ([2Sm 3.3](#); [1Cr 3.2](#)). Depois que Absalão matou seu meio-irmão Amnom, ele fugiu para o pequeno reino de Gesur, de seu avô Talmai, para se proteger. ([2Sm 13.37](#)).

Talmude*

Palavra que significa “estudar”, “aprender”. É um corpo de literatura em hebraico e aramaico, que cobre interpretações de porções legais do AT, bem como ditos sábios de muitas fontes rabínicas; abrange um período que vai logo após Esdras, cerca de 400 a.C., até aproximadamente os anos 500 d.C.

Origem e desenvolvimento da Lei Oral

Os judeus tradicionais acreditam que uma segunda lei foi dada a Moisés, além da primeira ou palavra escrita; esta segunda foi dada oralmente, e transmitida de geração em geração em forma oral. O próprio Talmude faz esta alegação de uma origem primitiva, e *Pirke Aboth* 1.1 afirma que é atribuído a Moisés. Outros estudiosos não concordam sobre esta origem da lei oral e insistem que ela teve seu início e desenvolvimento após Esdras. Por exemplo, não há menção por parte dos profetas pré-exílicos sobre uma transgressão da lei oral, mas as mensagens dos profetas estão repletas de advertências sobre o abandono da revelação escrita dada a Moisés, indicando assim a ausência de um corpo de tradição oral antes do exílio babilônico.

No período que sucedeu Esdras (“um escriba habilidoso na lei de Moisés”, [Ed 7.6](#)), um mestre sucedia outro nas sinagogas e escolas, e sua compreensão do Antigo Testamento era valorizada e memorizada. Ao longo dos séculos, muitos dispositivos de memorização foram usados para

aprender e lembrar a crescente massa de opiniões e interpretação. Mas eventualmente nem mesmo a melhor memória poderia reter todos os materiais disponíveis. Foi finalmente necessário compilar um resumo de todos os ensinamentos essenciais das gerações anteriores, e também facilitar o acesso para as futuras gerações ao imenso tesouro de pensamento, sentimento religioso e sabedoria para orientação e inspiração. A compilação é conhecida como o Talmude, o repositório básico da lei oral. Os judeus o consideram como secundário em relação às Escrituras. Uma literatura reconhecida como a obra-prima de uma criação nacional e religiosa que possui uma profunda influência sobre o desenvolvimento da visão judaica de mundo.

Lógica para uma Lei Oral

Com a cessação dos profetas pós-exílicos, e com o desenvolvimento contínuo da complexidade da vida em Israel e seus relacionamentos com o mundo exterior, surgiu uma necessidade de uma elaboração mais detalhada das leis do Pentateuco. A lei oral, a princípio, tinha a intenção de ser útil para que as pessoas pudessem obedecer à Palavra escrita de Deus.

A lei oral contida no Talmude tem uma função dupla. Primeiro, fornecia uma interpretação da Lei escrita. De acordo com os rabinos, isso é necessário, uma vez que a lei oral possibilita a observância da Lei escrita. Sem a primeira, seria impossível observar a última. Um bom exemplo é o conceito de não trabalhar, como indicado pela lei bíblica do Sábado. Todos sabiam que o trabalho não era feito no sábado. No entanto, os rabinos sustentam que foi necessária a lei oral para definir o que se entendia por trabalho.

O segundo aspecto da lei oral é que ela modifica e busca adaptar a Lei escrita para se adequar a novas condições e circunstâncias. A lei oral deve tornar a Lei escrita um documento viável de geração em geração. Sem esta lei oral, a Lei escrita se tornaria obsoleta. Portanto, a lei oral é necessária para a observância de proibições, bem como para enfatizar o que é devoção e lealdade judaica.

É verdade que cada geração deve enfrentar novas condições sociais, políticas e econômicas, que tornam necessária uma aplicação diferente da Palavra de Deus. Mas a Palavra de Deus não pode ser mudada para acomodar desejos pessoais ou interpretar novos problemas em diferentes eras. Algo disso é evidente no primeiro século d.C., quando Jesus desafiou os líderes judeus por

sobreponham a Palavra de Deus com suas tradições orais ([Mc 7.9-13](#)).

Antecedentes básicos para o Talmude

Um dos primeiros meios para ensinar a lei oral era um comentário contínuo, ou Midrash (“expor”), do texto bíblico. Se o ensino tratava das partes legais do Antigo Testamento, então era referido como Midrash Halakah (este enfatizava o modo de viver ou caminhar). Ao tratar porções não-legais, éticas ou devocionais do AT, então as opiniões e entendimento eram chamadas de Midrash Haggadah (“narração”). Esdras e seus associados treinados estavam usando o método de Midrash na ocasião da conclusão das muralhas de Jerusalém em 444 a.C., quando “ensinavam o povo na lei; e o povo estava no seu lugar. E leram no livro, na lei de Deus; e declarando, e explicando o sentido, faziam que, lendo, se entendesse.” ([Ne 8.7-8](#), ACF). Este tipo de Midrash oral é o método seguido por gerações de mestres após Esdras, quando os líderes religiosos eram conhecidos como Soferim (“escritores” ou “escribas”), até cerca de 200 a.C. Às vezes chamados de “Grande Sinagoga”, esses estudiosos forneceram ensinamentos para “cercar” a palavra moral e cerimonial revelada, de modo que Israel nunca mais se desviasse para a idolatria ou ignorância. Os soferim foram sucedidos pelos hassidim (“piedosos”), que tentaram manter um alto nível de devoção religiosa. Por sua vez, os hassidim foram sucedidos pelos fariseus (“separados”) por volta de 128 a.C. Cada um desses grupos contribuiu para o método Midrash. Este material continuou crescendo e foi transmitido oralmente. Gerações sucessivas aprenderam esses materiais por repetição contínua. Portanto, o novo método foi chamado de Mishná (“repetição”), e os mestres da Mishná eram conhecidos como Tanaim (“aqueles que proferiam oralmente”). Tanto o Midrash quanto a Mishná existiram lado a lado nas gerações seguintes. Houve um momento, no entanto, em que se tornou necessário codificar a lei oral abordada pela Mishná, já que esta se tornava difícil de aprender como um corpo de material. Eventualmente, este material foi colocado por escrito e passou a ser conhecido como Guemará (“complementação”). A combinação da Guemará com a Mishná constitui o Talmude.

Veja também Guemará; Haggadah; Halakah; Lei, Conceito Bíblico de; Midrash; Mishná; Fariseus; Torá; Tradição; Oral, Tradição.

Tamar (Pessoa)

1. A esposa de Er, o primogênito de Judá com uma cananeia, foi Tamar. Mais tarde, como viúva, Tamar deu à luz dois filhos de Judá chamados Perez e Zerá ([Gn 38.6-24](#); [1Cr 2.4](#)). Tamar continuou a linhagem de Judá através de Perez ([Rt 4.12](#)), e seu nome está registrado na lista familiar de Cristo ([Mt 1.3](#)).
Veja também Genealogia de Jesus Cristo.
2. Irmã de Absalão e filha de Davi com sua esposa Maaca, a gesurita. Através de engano, Tamar foi seduzida por Amnom, seu meio-irmão. Seu irmão de sangue, Absalão, vingou-se e mandou matar Amnom em Baal-Hazor ([2Sm 13](#); [1Cr 3.9](#)).
3. Filha de Absalão, notável por sua beleza ([2Sm 14.27](#)). Ela possivelmente se casou com Uriel de Gibeá e se tornou mãe de Maaca.
Veja Maaca, Maacá (Pessoa) #4.

Tâmara

O fruto da tamareira. A Bíblia menciona este fruto e árvore apenas algumas vezes em [2 Samuel 6.19](#), [1 Crônicas 16.3](#) e [Cântico dos Cânticos 7.7](#).

Veja Palmeira, Tamareira.

Tamargueira

A planta mencionada em [Jeremias 17.6](#) e [48.6](#) é provavelmente um tipo de zimbro, possivelmente o zimbro fenício (*Juniperus phoenicea*) ou o zimbro savin (*Juniperus sabina*).

- *Juniperus phoenicea* cresce em regiões rochosas e áridas da Arábia e do Mediterrâneo;
- *Juniperus sabina* é mais comum nos desertos e nas terras altas rochosas da Síria e da Palestina.

Ambos são arbustos ou pequenas árvores resistentes e tolerantes à seca que crescem em

lugares áridos. Isso se encaixa com a imagem bíblica de uma pessoa que não confia no Senhor e vive em terras secas e desabitadas. Essas referências em Jeremias podem descrever o que às vezes é chamado de cedro de bagas marrons ou cedro afiado, que são nomes tradicionais para certos tipos de zimbro.

Consulte também Vassoura.

Tamargueira

Pequena árvore do deserto com pequenas flores ([Gn 21.33](#)). *Veja Plantas.*

Tangedor

Um termo antigo para um músico ([2Rs 3.15](#); [Sl 68.25](#); [Mt 9.23](#); [Ap 18.22](#)).

Tanque de Bronze

Grande tanque de água no pátio do templo de Salomão para a lavagem dos sacerdotes ([1Rs 7.23-44](#); [2Rs 16.17](#); [25.13](#); [1Cr 18.8](#); [2Cr 4.2-6.15](#); [JR 52.17](#)). Fundido em bronze e com cerca de 7,6 centímetros de espessura, estava montado sobre 12 bois de bronze (três voltados para cada direção da bússola) no pátio, no canto sudeste do santuário. Tinha cerca de 2,3 metros de altura e 4,6 metros de diâmetro, com capacidade de quarenta mil litros ([1Rs 7.26](#)) ou sessenta mil litros ([2Cr 4.5](#)). A discrepância possivelmente vem de um erro de escrita. No texto original, o banho (originalmente um recipiente grande o suficiente para conter uma pessoa) era uma medida líquida de cerca de 23 litros, então o tanque continha, talvez, 68.000 litros de água.

Veja também Templo; Lavabo.

Tanque do rei

Um reservatório no jardim do rei em Jerusalém ([Ne 2.14](#)). É conhecido como o tanque de Selá ([3.15](#)).

Tara

Grafia da Bíblia Tradução Brasileiras para Tera. Este foi um dos lugares onde os israelitas pararam durante sua jornada pelo deserto ([Nm 33.27,28](#)).

Veja Tera (lugar).

Társis

Local de nascimento e cidade natal de Saulo (Paulo), Társis é a capital e principal cidade da província romana da Cilícia na Ásia Menor. A cidade é mencionada apenas cinco vezes na Bíblia, todas no livro de Atos. Após a conversão de Saulo, o Senhor orientou Ananias a visitar Saulo; foi dito a Ananias para procurar “um homem de Tarso chamado Saulo” ([At 9.11](#)). Então, quando Saulo voltou a Jerusalém e um plano contra sua vida foi descoberto, os cristãos o enviaram para Társis ([v.30](#)). Quando Barnabé estava servindo em Antioquia da Síria e precisava de ajuda, ele foi a Társis buscar Saulo para trabalhar com ele ([11.25](#)). Na ocasião do resgate de Paulo da multidão judaica no templo, o tribuno romano estava preocupado com a identidade de Paulo. Paulo se identificou: “Sou judeu, de Tarso na Cilícia” ([21.39](#)). Na defesa que fez diante daquela multidão furiosa, falando em hebraico, ele declarou: “Sou judeu, nascido em Tarso na Cilícia” ([22.3](#)).

Társis estava situada no rio Cidno, a aproximadamente 20 quilômetros rio acima do Mar Mediterrâneo. A planície onde a cidade foi construída era muito fértil, composta por aluviões trazidos das Montanhas Taurus pelo Cidno e por vários outros riachos.

Embora o rio fosse navegável por pequenos barcos até Tarso, as rotas comerciais terrestres eram as mais importantes. A Ásia Menor estava entrelaçada com estradas muito antes de os romanos chegarem à área. Do Leste, havia duas rotas principais: uma começava no norte da Mesopotâmia e seguia para Carquemis ou Alepo, atravessando o Passo de Amanus. A outra partia de Nínive, passando por Malatya e Antioquia até os Portões da Síria. Essas duas rotas convergiam perto de Cesareia, a aproximadamente 81 quilômetros a leste de Társis. Durante o Império Romano, “a antiga rota do Oriente” chegava até a Babilônia; em direção ao oeste, passava por Alepo, Antioquia da Síria, Adana, Társis, os Portões da Cilícia, Derbe, Listra, Icônio, Antioquia da Pisídia, Hierápolis, Colossos, Laodiceia, Éfeso, Esmirna e Troade, a maioria dos

quais é bem conhecida pelos escritos de Paulo e pelo livro de Apocalipse.

Társis era um centro educacional; a universidade de Tarso era famosa por sua erudição, e Estrabão indicou que Társis superava Atenas, Alexandria e outras cidades como um centro de aprendizado. A universidade oferecia instrução em uma ampla gama de estudos; uma de suas especializações era a filosofia conhecida como Estoicismo, com a qual Paulo estava familiarizado. Embora Paulo não afirme que frequentou essa instituição, muitas vezes se sugere que ele estudou lá.

Társis também era um centro de fabricação de tendas, uma vocação na qual Paulo havia sido treinado (cf. [At 18.3](#)). As cabras das frias e nevadas Montanhas Taurus produziam pelos longos que eram transformados em um tecido particularmente adequado para tendas.

Társis foi descrita como "o coração do mundo greco-romano" e "um ponto de encontro entre o Oriente e o Ocidente". De um ambiente assim, um homem como Saulo de Tarso, familiarizado com a cultura grega e romana e educado aos pés de Gamaliel, estava singularmente bem preparado para levar o evangelho primeiro aos judeus e também aos gregos.

Veja também Paulo, O apóstolo.

Társis (Lugar)

Local considerado muito distante de Israel. Vários lugares foram apontados como o possível local de Társis, desde a Sardenha até a Grã-Bretanha. A identificação mais comumente aceita é a Espanha, onde o nome Tartessus remete a Társis.

Os fenícios, que eram grandes navegadores, são frequentemente associados a Társis. Salomão utilizou os marinheiros de Hirão, rei de Tiro, para sua frota (cf. [2Cr 9.21](#)). Eles usavam embarcações à vela que eram chamadas de navios de Társis ([1Rs 10.22](#); [22.48](#)); aparentemente, eram um tipo distinto usado para viajar até aquele lugar ou eram típicos de Társis ([Sl 48.7](#); [Is 2.16](#); [23.1-14](#)).

A referência mais famosa a Társis na Bíblia está no relato de Jonas, que tentou fugir para Társis para escapar de fazer a vontade de Deus ([Jn 1.3](#); [4.2](#)).

Tear

Estrutura ou máquina para tecelagem. *Veja* Tecido e fabricação de tecido.

Teatro

Uma orquestra plana e semicircular cercada por um auditório ao ar livre, uma criação grega do século VI a.C. Um coro e atores se apresentavam na orquestra, e o público sentava-se na encosta elevada diante deles. O drama mais antigo era a tragédia, que celebrava os feitos do deus Dionísio e começava com um sacrifício no altar da orquestra. Mais tarde, desenvolveu-se a comédia.

A Idade de Ouro de Atenas (450 a.C.) também foi a idade de ouro do drama grego; Sófocles, Eurípides e Ésquilo escreveram seus dramas nessa época. Naquele tempo, o público sentava-se no chão ou nos assentos de madeira do Teatro de Dionísio em Atenas, localizado na encosta sul da Acrópole. Durante o século IV a.C., os teatros na Grécia foram equipados com assentos de pedra dispostos em camadas concêntricas contra uma encosta côncava, e a orquestra foi pavimentada.

Nos séculos segundo e primeiro a.C., grandes teatros de pedra estavam sendo construídos por todo o Leste Helenístico, e nessa época um palco elevado foi construído contra o lado reto do semicírculo da orquestra. A ação agora era transferida para o palco. O auditório do teatro típico consistia em três grandes faixas de assentos, que eram divididas em grandes cunhas pelas escadas que davam acesso aos assentos. O elaborado palco era construído em pedra e possuía camarins e salas de armazenamento. A orquestra era sempre pavimentada.

Embora inicialmente o teatro tenha sido destinado a eventos dramáticos, ele passou a ser usado para uma variedade de reuniões públicas porque era uma das maiores estruturas. Por exemplo, o Grande Teatro em Éfeso comportava cerca de 25.000 pessoas; o Teatro de Dionísio em Atenas, cerca de 17.000; e o Teatro Sul em Jerash da Decápolis, cerca de 5.000.

O teatro deve ser distinguido do odeão, que tinha a forma de um teatro, mas era coberto. O odeão acomodava apenas 1.000 ou 2.000 pessoas e era usado principalmente para eventos musicais. Deve-se também distinguir do anfiteatro, que era uma estrutura independente em pedra, como o Coliseu de Roma e a arena de Verona, com uma

arena oval cercada por camadas concêntricas de assentos e usada para combates de gladiadores, caçadas de feras e outros eventos semelhantes. Apenas ocasionalmente, como em Salamina, em Chipre, e Cesareia, na Palestina, os teatros eram estruturas de pedra independentes; quase sempre eram construídos na encosta de uma colina.

Na época do Novo Testamento, teatros foram construídos em cidades greco-romanas por todo o mundo mediterrâneo. Eles até surgiram na Palestina, como resultado das atividades helenizantes de Herodes, o Grande, que construiu teatros de estilo grego em Samaria, Cesareia e Jerusalém.

Apenas um teatro, o de Éfeso, é mencionado especificamente no NT ([At 19.29-41](#)).

Veja também Arquitetura.

Teba (Pessoa)

Filho do irmão de Abraão, Naor ([Gn 22.24](#)). Sua mãe era Reumá, concubina de Naor.

Tecelagem

O processo de fabricar tecido que envolve cruzar fios sobre e sob outros.

Veja Tecido e fabricação de tecido.

Tecido e fabricação de tecidos

Desde a antiguidade, tecidos têm sido feitos de fibras naturais como linho, lã, algodão, seda e cabelo. Linho (fiado de linho), lã e saco (tecido de pelo de cabra ou camelo) são os tecidos mais frequentemente mencionados nas Escrituras. A Bíblia também menciona a seda e o algodão.

Fibras para tecelagem

Linho

O linho era cultivado extensivamente no Oriente Próximo. Na Palestina, florescia ao redor do Mar da Galileia. Os caules eram reunidos em feixes e mergulhados em água, fazendo com que as fibras se separassem do caule não fibroso. Os feixes eram então abertos e espalhados para secar ao sol. Raabe escondeu espiões hebreus no telhado de sua casa

entre caules de linho dispostos para secar ([Js 2.6](#)). Após a secagem, os caules eram divididos e penteados para separar as fibras para fiar e tecer em linho. As referências bíblicas ao linho incluem [Êxodo 9.31](#), [Juízes 15.14](#), e [Provérbios 31.13](#).

O tipo de tecido do qual os casacos, cintos e gorros sacerdotais ([Êx 28.40](#)) foram feitos não é mencionado, embora a menção de calções de linho possa implicar que a maioria, senão todas, das vestes sacerdotais eram feitas de linho. O linho mais fino, usado por reis e nobres, servia como um símbolo de honra ou como um presente especial. José recebeu uma veste de linho fino quando foi feito governante do Egito ([Gn 41.42](#)). Quando os hebreus saíram do Egito na época do êxodo, levaram consigo um linho de alta qualidade e o doaram para a Tenda Sagrada (Tabernáculo) ([Êx 25.4](#); [35.6](#)). Um artesão treinado para trabalhar em linho fino veio de Tiro para trabalhar para Salomão nas cortinas do Templo ([2Cr 2.14](#)).

Lã

A lã era outra fibra extremamente importante na economia do Oriente Próximo. A lã podia ter qualquer tonalidade, desde amarelo cremoso até marrom ou preto. Às vezes, para obter lã branca pura, uma ovelha era mantida enrolada para evitar que sua lã fosse suja. A preparação da lã era um artesanato doméstico na antiguidade ([Pv 31.13](#); cf. [Êx 35.25](#)). A lã precisava ser lavada cuidadosamente, seca e depois batida para soltar as fibras e remover a sujeira antes de ser desembaraçada, alisada e fiada. As mulheres fiavam seu próprio fio e teciam roupas para suas famílias. A lã era o tecido de povos seminômades, criadores de ovelhas; em contraste, o cultivo do linho exigia um estilo de vida mais sedentário.

Pelo de cabra

Um tecido grosso que era extremamente quente e também à prova d'água era feito a partir do pelo de cabra ([Êx 35.23,26](#)). Roupas usadas pelos pobres eram frequentemente fabricadas a partir do pelo de cabra ou de camelo. Esse tecido de pelos ásperos (saco) às vezes era usado junto à pele como uma forma de penitência ([Ne 9.1](#); [Dn 9.3](#); [Mt 11.21](#)), como uma vestimenta de luto ([Gn 37.34](#); [2Sm 3.31](#)), ou até mesmo como um protesto profético contra a vida luxuosa ([Ap 11.3](#)).

Algodão, seda e fio de ouro

O povo da Judeia certamente estaria ciente do algodão durante seu exílio persa (começando em

538 a.C.). O algodão é mencionado uma vez em uma descrição de cortinas elaboradas no palácio do rei persa ([Et 1.6](#)). No entanto, é duvidoso que o algodão tenha sido cultivado na antiga Palestina ou mesmo encontrado lá até depois do exílio.

No início da história de Israel, parte do tecido da Tenda Sagrada era feito com fio de ouro, produzido a partir de folhas finas de ouro batido cortadas em tiras finas de arame ([Êx 39.3](#)). Um tipo mais largo de fio de ouro com superfície plana era usado para adornar vestes caras, palestinas e sírias. Um antigo novelo de fio de ouro fino foi descoberto durante escavações em Dura, no Rio Eufrates.

Fiação

Nos tempos bíblicos, um fuso era uma vara fina e arredondada, afilada e entalhada em uma extremidade e pesada na outra com uma "roda" de argila, pedra, vidro ou metal para servir como uma espécie de volante. O fio fiado na extremidade afilada era enrolado no fuso. Outra vara fina, chamada de roca, segurava as fibras que seriam alimentadas no fuso giratório.

Tear e tecelagem

A tecelagem é o entrelaçamento de fios de "urdidura" esticados em um tear com fios de "trama" ou "enredo" passados de um lado para o outro, sobre e sob o urdidura. Uma urdidura primitiva poderia ser esticada em torno de pinos ou hastes amarradas a uma árvore ou viga de telhado e, às vezes, conectada à cintura do tecelão.

À medida que a técnica de tecelagem se desenvolveu, três tipos de tear surgiram: o tear horizontal de chão, o tear vertical de dois feixes e o tear de peso de urdidura. Em um tear horizontal de chão, a urdidura era esticada entre duas vigas de madeira presas ao chão por quatro estacas. Nômades viajantes podiam retirar as estacas e enrolar a tecelagem inacabada nas vigas. Dalila teceu o cabelo de Sansão em um tear horizontal de chão ([Jz 16.13-14](#)).

O tear vertical de duas vigas tinha sua urdidura esticada em uma estrutura retangular de madeira. Além das duas colunas verticais e duas vigas de urdidura, outra viga era frequentemente usada para manter a tensão da urdidura, especialmente em comprimentos maiores.

O tear de peso, também em uma estrutura vertical, era trabalhado de cima para baixo. A borda inferior era mantida no lugar com pesos de tear, frequentemente pedaços de argila moldados.

O grau de sofisticação nas técnicas de tecelagem nos tempos bíblicos é evidenciado nas especificações referentes aos tecidos para a Tenda Sagrada e seu átrio. As cortinas para o átrio deveriam ter 45,7 metros de comprimento e provavelmente um padrão de 1,8 metros de largura ([Êx 27.9-18](#)). O véu da Tenda Sagrada ([26.31](#)) e a cortina para a entrada (v. [36](#)) deveriam ser de "lã azul, púrpura e vermelha", provavelmente destacados ou bordados com linho.

Vestuários como a túnica que Jesus usava eram tecidos em uma única peça, com a orla (borda da tecelagem) chegando ao pescoço e à bainha, as áreas de maior desgaste. Uma túnica tecida em um tear estreito seria composta por três peças.

Corantes para tecido e tingimento

Assim como as fibras, os corantes usados na antiguidade também eram de origem animal ou vegetal. Um corante vermelho era obtido do corpo de um inseto. O púrpura vinha principalmente de dois tipos de moluscos encontrados em muitas partes da costa leste do Mediterrâneo. O tom mais puro de púrpura podia ser obtido de moluscos encontrados na costa de Tiro, por isso uma grande indústria se desenvolveu lá ([Ez 27.1-3,16](#)). A púrpura, o corante mais caro, permaneceu como a cor distintiva de reis e nobres. A primeira cristã convertida na Europa, Lídia, era uma empresária que vendia o caro tecido púrpura ([At 16.14](#)). O amarelo era obtido das pétalas e cabeças das flores do cártamo. O açafrão (amarelo-alaranjado) vinha dos estigmas do açafrão (*croccus savitus*) que crescia extensivamente na Síria e no Egito. O verde era geralmente criado a partir de uma mistura de outros corantes. Nos tempos helenísticos, o pastel (*isatis tinctoria*), uma planta da família da mostarda, era cultivado na Mesopotâmia por seu corante azul. O índigo (corante natural) era cultivado no Egito e na Síria. O tingimento na antiguidade era frequentemente realizado em grandes tonéis, cujas imagens foram encontradas em pinturas e em cerâmica. As ruínas de estruturas incluindo tonéis foram escavadas em alguns locais palestinos.

Veja também Corante, Tingimento, Tinturaria.

Tell

Palavra árabe (hebraico, tel) que significa um monte artificial composto por muitas camadas de detritos ocupacionais, representando as ruínas de

cidades sucessivas, aproximadamente como camadas de um bolo. A distinção das camadas, ou níveis de construção, é um dos maiores desafios para o arqueólogo de campo. Os níveis são datados principalmente pela cerâmica encontrada neles.

Geralmente, os tells têm nomes árabes, que às vezes possuem significados interessantes ou divertidos. Tell el Ful (Gibeá), a cidade natal do Rei Saul, significa "o monte dos feijões". Tell Beit Mirsim se traduz como "o monte da casa do condutor de camelos rápidos". Outros nomes modernos preservam a identidade de locais antigos; e.g., Tell Taanak é o bíblico Taanaque; Tell Jezer é o bíblico Gezer.

Há inúmeras referências a tells na Bíblia, embora em português tell possa aparecer como "monte", "pilha" ou "pilha de ruínas". O Senhor ordenou a Israel que uma cidade que praticasse idolatria abominável deveria ser queimada e "ser uma pilha para sempre" ([Dt 13.16](#)). [Josué 11.13](#) afirma que Israel não queimou nenhuma das cidades que estavam sobre montes, exceto Hazor. Josué queimou Ai e fez dela "uma pilha de ruínas para sempre" ([Js 8.28](#)). Em uma profecia contra os amonitas, Jeremias disse que Rabá "se tornará um monte desolado" ([Jr 49.2](#)).

Veja Arqueologia e a Bíblia; Cerâmica.

Tema (lugar)

Algumas bíblias em português usam a grafia "Temá".

Tema era uma cidade geralmente identificada com Teima. Este lugar era um oásis localizado a 322 quilômetros ao norte de Medina e 64 quilômetros ao sul de Dumá. Teima estava em uma antiga rota de caravanas que conectava o Golfo Pérsico ao Golfo de Aqaba. Isso significa que era uma parada importante para os comerciantes que viajavam pelo deserto.

Nos escritos dos profetas, Tema é mencionada junto com Dedã e Buz como oásis árabes que não escapariam do julgamento de Deus ([Is 21.14](#); [Jr 25.23](#)). A passagem em Jeremias contém uma referência aos residentes de Dedã, Tema e Buz como estando entre aqueles que "cortam curto o cabelo".

A prática de cortar as pontas do cabelo os diferenciava do povo judeu. Os judeus deixavam as pontas do cabelo sem cortar ([Lv 19.27](#)). Assim como a incircuncisão, a prática de cortar as pontas

do cabelo identificava os homens de Tema como pessoas não judias que seguiam outras religiões.

Tema (Pessoa)

Nono filho de Ismael, que se tornou chefe de uma poderosa tribo nômade no deserto do norte da Arábia ([Gn 25.15](#); [1Cr 1.30](#); [Jr 25.23](#)). Os descendentes de Tema eram principalmente comerciantes de caravanas que controlavam o acesso a rotas importantes através do deserto ([16.6.19](#)). Tema também estava associada a um território e a uma cidade. *Veja* Tema (Lugar).

Temã (Pessoa)

Um dos chefes dos edomitas e primogênito de Elifaz ([Gn 36.11.15.42](#); [1Cr 1.36.53](#)). Ele provavelmente foi o fundador ou um chefe da cidade edomita de Temã.

Temente a Deus

Alguém que tem um profundo respeito, reverência ou temor a Deus. Este temor pode ser:

- Um termo de respeito;
- Uma reação emocional de terror;
- Um medo do castigo de Deus.

No Antigo Testamento, frases que descrevem um temente a Deus são frequentemente emparelhadas com termos como "ficou em reverência" ou "manteve-se em reverência". A reverência pelo Senhor é menos comum, mas é usada quando Obadias escondeu os profetas para salvá-los de Jezabel ([1 Reis 18.3-4.12](#)). Esperava-se que um governante temente a Deus proporcionasse justiça ([2 Samuel 23.3](#); [2 Crônicas 19.7](#)). Longa vida foi prometida àqueles que temiam o Senhor ([Provérbios 10.27](#); [14.27](#); [19.23](#)). Uma família temente a Deus confiaria no Senhor para ajuda durante problemas ([2 Reis 4.1](#); [Provérbios 14.26](#)). O temor do Senhor era poderoso para afastar o pecado e era o princípio da sabedoria ([Sabedoria de Salomão 10.13](#)).

No Novo Testamento, o temor a Deus frequentemente acompanha instruções para amar e servir ao Senhor ([Colossenses 3.22](#); [1 Pedro 2.17](#)). Em [Lucas 1.50](#), a declaração de Maria "Sua

misericórdia se estende aos que o temem” significa reverenciar e obedecer. Em Atos, o termo “temente a Deus” refere-se a gentios que frequentavam a sinagoga. Paulo os aborda separadamente: “Homens de Israel e vocês gentios que temem a Deus” ([Atos 13.16](#)). Cornélio era um centurião romano temente a Deus, reconhecido por levar uma vida aceitável ao Senhor, mesmo não sendo judeu ([Atos 10.2.35](#)).

O temor de Deus também representa pavor ou terror do poder e julgamento de Deus, como visto tanto no Antigo quanto no Novo Testamento ([Gênesis 3.10](#); [Deuteronômio 9.19](#); [Jó 6.4](#); [9.28-29](#); [Salmo 76.8](#); [Mateus 17.7](#); [28.10](#); [Lucas 5.10](#); [12.5](#); [Atos 5.5,11](#); [1 Timóteo 5.20](#)).

Veja também Medo; Prosélito.

Templo

Resumo

- Contexto;
- Templo de Salomão;
- Templo de Zorobabel;
- Templo de Herodes;
- O significado do Templo no Antigo Testamento;
- O significado do Templo no Novo Testamento.

Contexto

A conquista de Davi de Jerusalém ([2Sm 5.6-9](#)) e sua designação como capital da nação é um dos grandes golpes de mestre da história. Ocupada pelos jebuseus, era um território neutro entre as seções norte e sul do reino unido de Davi e era politicamente aceitável para ambos. Jerusalém foi então estabelecida como o centro religioso nacional com o retorno da arca, que havia sido amplamente negligenciada desde sua captura pelos filisteus ([2Sm 6.1-17](#)). Daí em diante, as escolhas de Deus tanto de Davi quanto de Jerusalém (“Monte Sião”) estavam indissolivelmente ligadas ([Sl 78.67-72](#)).

O grande desejo de Davi era construir uma morada adequada para o Deus de Israel. A ideia foi inicialmente aprovada por Natã, o profeta ([2Sm 7.1-3](#)), mas Deus revelou o contrário a ele, e Natã transmitiu o propósito divino a Davi (vv. [4-17](#)). Num jogo de palavras significativo, Davi foi informado de que, embora ele não devesse

construir uma casa (templo) para Deus, Deus edificaria uma casa (dinastia) para ele. Davi não foi escolhido para construir um templo devido às numerosas guerras durante seu reinado; o templo seria construído por seu filho ([1Rs 5.3](#); [1Cr 22.7-8](#); [28.3](#)). No entanto, Davi entusiasticamente acumulou a maior parte das finanças e materiais necessários e elaborou os planos para o templo ([1Cr 22.3-5,14](#); [28.2,11-19](#)). Ele também comprou o local do templo ([21.25](#)).

Templo de Salomão

Dados

A construção começou no quarto ano de Salomão, por volta de 966 a.C., e levou sete anos para ser concluída ([1Rs 6.1.38](#)). Tudo o que era necessário para o templo, incluindo os trabalhadores, havia sido preparado por Davi ([1 Cr 28.21](#)). O templo claramente tinha prioridade entre os projetos de construção de Salomão, já que ele construiu seu próprio palácio posteriormente ([1Rs 7.1](#)).

Supervisores e Força de trabalho

O principal arquiteto dos móveis de bronze foi Hurão (hebraico "Hirão"), cujo pai era um artesão de metal de Tiro e cuja mãe era israelita ([1Rs 7.13-14](#)). O cedro para o templo veio do Líbano e foi derrubado e transportado pelos habilidosos lenhadores de outro Hirão — o rei de Tiro, aliado de Salomão ([5.5-9](#)). Trinta mil israelitas, divididos em três grupos, foram convocados para ajudar no Líbano. Cada grupo estava de serviço por um mês a cada três. Para a alvenaria, Salomão recrutou 153.600 estrangeiros residentes em Israel para formar um grupo autossuficiente de carregadores, cortadores de pedra e supervisores (vv. [15-17](#); [2 Cr 2.17-18](#)). Possivelmente os "homens de Gebal", com suas habilidades especializadas, formaram ainda outro grupo ([1Rs 5.18](#)). Construir o templo foi obviamente um projeto nacional de imensa dimensão e esforço. Para preservar a santidade do local e eliminar o ruído, a alvenaria e a carpintaria não foram feitas no local do templo ([6.7](#)).

Descrição

Os detalhes fornecidos na Bíblia são suficientemente claros para que possamos fazer uma descrição razoavelmente precisa do templo. Os relatos em Reis e Crônicas são complementados pela descrição do templo feita por Ezequiel (veja abaixo), que foi amplamente baseada em seu conhecimento do templo de Jerusalém ([Ez 40-48](#)).

As salas laterais provavelmente repousavam sobre uma fundação ou plataforma separada do templo em si ([1Rs 6.5.10](#); cf. [Ez 41.8-9](#)) e estavam dispostas em três andares, cada um com 2,3 metros de altura, estendendo-se ao redor de todo o edifício, exceto pelo lado do pórtico. Cada andar sucessivo era meio 0,5 metro mais largo que o inferior, sendo essas dimensões correspondentes à espessura da parede lateral do Lugar Santo. As salas do térreo tinham 2,3 metro de largura; o primeiro andar tinha 2,7 metros, e o segundo tinha 3,2 metros. O acesso aos andares superiores era possivelmente por escadas em espiral ([1Rs 6.8](#)). Há alguma incerteza quanto à localização das entradas; pode ter havido uma de cada lado, mas apenas uma é mencionada ([v.8](#)). Como no templo de Ezequiel ([Ez 40.17.28](#)), havia dois pátios adjacentes, um interno e um externo ([1Rs 6.36](#); [7.12](#)), mas não são dadas dimensões para estes. O pátio interno, ou "pátio dos sacerdotes", estando próximo ao templo em si, também era chamado de "pátio superior" ([2 Cr 4.9](#); [1r 36.10](#)). A parede do pátio interno era feita de três camadas de pedra lavrada unidas por uma camada de vigas de cedro ([1Rs 6.36](#)), e as portas de ambos os pátios eram revestidas de bronze ([2 Cr 4.9](#)). Os edifícios do palácio estavam dentro da área do pátio externo, provavelmente com uma passagem privada entre o palácio e o templo que foi posteriormente fechada durante o reinado de Acaz ([2 Cr 4.9.12](#); [2Rs 16.18](#)).

O templo em si tinha 27,4 metros de comprimento, 9,1 metros de largura e 13,7 metros de altura ([1Rs 6.2](#)), com um pórtico ou vestíbulo de 4,6 metros de profundidade que se estendia por toda a largura. Provavelmente, o vestíbulo estava na extremidade leste do templo, correspondendo assim à orientação do templo de Ezequiel ([Ez 43.1](#); [44.1](#)). A maior parte do santuário principal, ao lado do pórtico, formava o Lugar Santo, que tinha 18,3 metros de comprimento ([1Rs 6.17](#)). Além disso, havia o santuário mais interno, o Santo dos Santos (ou o "Lugar Santíssimo"), que era um cubo perfeito de 9,1 metros. Todas as paredes internas eram revestidas com cedro decorado com padrões de flores, querubins e palmeiras, de modo que nenhuma alvenaria era visível. As paredes dos santuários interno e externo eram "revestidas" ([v.22](#)) com ouro puro. Na verdade, a decoração em ouro pode ter sido embutida, com base no fato de que uma cobertura sólida de ouro estragaria a beleza natural da escultura em madeira. O piso era feito de tábuas de cipreste ([v.15](#)). Janelas estreitas, colocadas no alto das paredes acima do nível das câmaras externas de três andares, forneciam luz no

Lugar Santo ([v.4](#)). O teto era revestido com vigas e tábuas de cedro. Nenhum detalhe é dado sobre a cobertura externa, mas provavelmente a técnica contemporânea foi empregada, usando uma estrutura de madeira em forma de treliça na qual um reboco impermeável de calcário era compactado e rolado.

A varanda externa parecia ser um espaço aberto, já que não são mencionadas portas. O acesso ao Lugar Santo era feito por portas duplas, ambas articuladas para se dobrarem sobre si mesmas, feitas de cipreste e decoradas exatamente da mesma forma que as paredes internas ([vv.34-35](#)). Os batentes das portas eram feitos de madeira de oliveira. Dentro do Lugar Santo estava o altar de incenso feito de cedro revestido de ouro; estava colocado centralmente diante do Santo dos Santos. Também no Lugar Santo havia uma mesa para o pão da Presença de Deus, dez candelabros dispostos em dois grupos de cinco de cada lado, e vários utensílios necessários para a manutenção dos deveres sacerdotais ([1Rs 7.48-50](#)). Todos estes eram feitos ou revestidos de ouro. As dez mesas, dispostas cinco de cada lado, eram provavelmente para os utensílios e acessórios ([2Cr 4.8](#)).

Entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos havia uma porta dupla feita de madeira de oliveira, esculpida com querubins, palmeiras e padrões de flores, revestida com ouro. Dentro dessas portas, protegendo ainda mais o Santo dos Santos, havia uma cortina azul, púrpura e carmesim, feita dos tecidos mais finos e ornamentada com querubins ([2Cr 3.14](#)).

No Santo dos Santos, havia dois querubins, cada um com 4,6 metros de altura, feitos de madeira de oliveira coberta com ouro ([1Rs 6.23-28](#)). Cada asa media 2,3 metros. Uma asa de cada querubim tocava as paredes laterais; as outras asas se encontravam no centro da sala. O trono divino era consideravelmente menos impressionante no tabernáculo, onde uma asa de cada querubim se fundia no propiciatório acima da arca ([Êx 25.17-22](#)). No templo de Salomão, a Arca da Aliança foi colocada abaixo dos querubins voltados para frente, os protetores simbólicos. A arca, o único item principal que sobreviveu do tabernáculo mosaico, ainda continha as tábuas da lei, mas o pote de maná e a vara de Arão estavam ausentes ([1Rs 8.9](#)).

Imediatamente fora do templo e de cada lado do vestíbulo, havia dois pilares ocios de bronze ([1Rs 7.15-20](#); [2 Cr 3.15-17](#)). De acordo com o livro dos

Reis, esses pilares tinham 8,2 metros de altura, com uma circunferência de 5,5 metros. O metal em si tinha cerca de 10,2 centímetros de espessura. Os pilares eram encimados por capitéis de bronze em forma de lírio, com 2,3 metros de altura e 1,8 metros de largura, adornados intrinsecamente com uma treliça de correntes que sustentava duas fileiras de romãs. O peso total deve ter sido enorme, e seu tamanho é atestado por Jeremias, que observa que os babilônios tiveram que quebrá-los em pedaços antes de transportá-los para Babilônia ([1Rs 52.17,21-23](#)).

O altar de bronze de sacrifício em frente ao vestíbulo não está listado nas especificações de [1Rs 7](#). No entanto, é mencionado na dedicação do templo e posteriormente ([1Rs 8.22,54,64](#); [9.25](#)) e claramente estava no pátio interno. Suas dimensões eram de 9,1 metros de lado e 4,6 metros de altura ([2 Cr 4.1](#)). Em vista de seu peso, provavelmente foi fundido em seções na fundição de Salomão no Vale do Jordão (vv.[17-18](#)) e depois transportado para o local do templo para montagem.

Provavelmente, o artigo mais impressionante no pátio interno era o “mar de bronze”, um enorme tanque redondo feito de bronze com 8 centímetros de espessura, 2,3 metros de altura e 4,6 metros de diâmetro ([1Rs 7.23-26](#)). Sua borda se abria como um lírio ([2 Cr 4.2-5](#)). O tanque era sustentado por 12 bois de bronze, quatro de cada lado, e tinha duas fileiras de decoração, possivelmente cabaças ou romãs, sob a borda. Sua capacidade era entre 37.850 e 45.420 litros. O mar de bronze era usado para abluções sacerdotais (v.[6](#)). Presumivelmente, isso envolvia uma plataforma de algum tipo, pois a borda deste vasto reservatório estaria cerca de 4,6 metros acima do nível do solo.

Hirão também construiu dez grandes lavatórios, montados em suportes móveis e colocados em dois grupos de cinco, nos lados norte e sul do pátio interno ([1Rs 7.27-39](#)). Basicamente, os suportes eram caixas de bronze, com 1,8 metros de lado e 1,4 metros de altura, com uma borda de 22,9 centímetros ao redor da borda superior. Cada canto estava ligado a postes reforçados aos quais os eixos estavam fixados. As rodas de quatro raios tinham 68,6 centímetros de altura. Em cada suporte havia um lavatório contendo aproximadamente 832,7 litros de água, usado para lavar animais sacrificiais ([2 Cr 4.6](#)). Provavelmente, cada um estava adjacente a uma das dez mesas que seriam usadas para esfolar e preparar os sacrifícios de outras formas (v.[8](#)). Itens suplementares, como

potes, pás e bacias, todos feitos de bronze, também foram fabricados ([1Rs 7.40,45](#)).

A Dedicação

Onze meses se passaram entre a conclusão do templo e sua dedicação ([1Rs 6.38](#); [8.2](#)), período durante o qual os principais itens de mobília foram colocados no lugar. A própria dedicação ocorreu no sétimo mês, provavelmente em conexão com a Festa dos Tabernáculos e o Dia da Expição ([Lv 23.23-36](#)). A Arca da Aliança foi levada ao seu local de descanso final ([1Rs 8.3-4](#)), mas o pátio interno se mostrou inadequado para o grande número de animais sacrificados ([1Rs 8.62-64](#); [2Cr 7.7](#)).

O templo utilizou as técnicas de construção mais sofisticadas da época, e nenhuma despesa foi poupada na construção, ornamentação ou equipamento. No entanto, Salomão prontamente confessou sua total inadequação para abrigar o Deus eterno ([1Rs 8.27](#)). Sua oração também destacou a propensão de Israel a abandonar o Senhor, contrastando a nação com Deus, que, embora seja um juiz justo, também é misericordioso e fiel. O clímax dos acontecimentos ocorreu quando fogo do céu consumiu os sacrifícios e a glória shekinah encheu o templo ([2 Cr 7.1-3](#)).

História posterior

Como a maioria dos santuários antigos, o templo tornou-se uma tesouraria para a riqueza nacional e, como tal, foi frequentemente alvo de ataques. Sisaque do Egito saqueou-o dentro de cinco anos após a morte de Salomão ([1Rs 14.25-38](#)). Pouco depois, o Rei Asa (910-869 a.C.) esgotou seus tesouros de ouro e prata para comprar ajuda síria contra seu opressor, Baasa (908-886 a.C.), rei de Israel ([15.16-19](#)). Joás, o rei de Judá (835-796 a.C.), que foi escondido no templo da cruel Atalia durante sua juventude ([2Rs 11](#)), providenciou sua reparação após protestar contra o desvio de presentes pelos sacerdotes ([12.4-16](#)). Mas após a morte de Joiada, o sumo sacerdote, o próprio Joás foi negativamente influenciado por seus nobres ([2 Cr 24.15-19](#)). Como punição por sua apostasia, o Senhor permitiu que os sírios atacassem, e Joás usou os tesouros do templo para suborná-los ([2Rs 12.17-18](#)). Mal havia sido feita provisão para substituições, quando Joás de Israel (798-782 a.C.), tendo destruído o orgulho arrogante de Amazias de Judá (796-767 a.C.), novamente saqueou o templo ([14.8-14](#)). Mais tarde, o Rei Acáz (735-715 a.C.) usou os recursos restantes do templo para obter

apoio dos assírios ([16.7-9](#)), embora eventualmente tenha se tornado completamente submisso a eles.

Então Ezequias (715-686 a.C.), um dos grandes reis reformadores, renovou completamente o templo e restaurou o culto após ele ter caído em desuso durante os anos finais de Acáz ([2Cr 29.1-19; 31.9-21](#)). Manassés (696-642 a.C.), no entanto, reverteu completamente a política de seu pai, trazendo as práticas de adoração dos cananeus e mesopotâmicos para o templo ([2Rs 21.3-7](#)). Sua experiência de conversão, que provavelmente ocorreu no final de seu reinado e resultou em certas medidas de reforma no templo ([2Cr 33.12-19](#)), não foi suficientemente abrangente para escapar do julgamento final de que seu reinado foi o ponto escuro da história de Judá ([2Rs 21.10-16](#)).

O neto de Manassés, Josias (640-609 a.C.), foi o segundo grande rei reformador. Ele organizou o reparo do templo em 622 a.C., durante o qual o Livro da Lei perdido (quase certamente o livro de Deuteronômio) foi descoberto ([2Rs 22.3-13](#)). Como resultado, a reforma de Josias ganhou uma nova dimensão e senso de urgência ([22.14-23.3](#)). A reforma incluiu uma purgação completa de todos os elementos idólatras do templo ([23.4-12](#)) e a restauração das festividades tradicionais. Infelizmente, porém, a reforma de Josias morreu com ele, e a decadência de Judá continuou sob o apóstata Jeoaquim (609-598 a.C.). Provavelmente foi durante esse tempo que Jeremias pregou seu famoso sermão do templo prevendo sua destruição ([Jr 7.1-8.3; 26.1-19](#)), o que o afastou dos líderes religiosos. Na incursão de represália de Nabucodonosor após a rebelião de Jeoaquim em 601 a.C. ([2Rs 24.1-4](#)), Jerusalém foi capturada (596 a.C.) e muitos dos tesouros do templo foram transportados para Babilônia ([2Cr 36.7](#)). O próprio templo parece ter escapado de danos, mas quando Judá novamente se rebelou sob Zedequias (597-586 a.C.), o templo foi demolido ([2Rs 25.8-10](#)). Os tesouros restantes do templo foram levados embora.

Templo de Zorobabel

Construção

Embora o templo tenha sido devastado, o local ainda permaneceu como um lugar de peregrinação durante o exílio ([Jr 41.4-5](#)). Em 538 a.C., o rei persa, Ciro, em cumprimento de uma política liberal diametralmente oposta à dos impérios anteriores, permitiu que os judeus retornassem do exílio. Ele

autorizou a reconstrução do templo, financiando-a a partir da Tesouraria Persa.

No livro de Esdras, o decreto de autorização foi preservado em duas formas: a proclamação geral ([Ed 1.2-4](#)) e um memorando mais prosaico nos arquivos nacionais, indicando as principais especificações do templo e a quantidade de ajuda persa prometida ([6.1-5](#)). Provavelmente, apenas uma minoria dos judeus optou por deixar os confortos relativos da Mesopotâmia pelos perigos de uma longa jornada para sua pátria desolada. De acordo com o livro de Esdras, 42.360 indivíduos dedicados e seus servos ([2.64-65](#)) responderam sob a liderança de Sesbazar ([1.8-11; 5.14-16](#)) e Zorobabel ([2.2; 3.2.8; 4.2](#)). Com grande entusiasmo, o altar foi reconstruído no local do templo e o padrão tradicional de adoração foi restabelecido ([3.1-6](#)). Utilizando a concessão da Pérsia, bem como suas próprias ofertas voluntárias ([2.68-69; 3.7](#)), os judeus começaram a planejar o segundo templo e a lançar suas fundações ([3.7-13](#)). O ímpeto inicial rapidamente morreu como resultado da oposição local ([4.1-4.24](#)), preocupação egoísta e falhas nas colheitas ([Ag 1.2-11](#)). Em 520 a.C. ([Ed 4.24; Ag 1.1; Zc 1.1](#)), inspirados pelos profetas Ageu e Zacarias, os judeus sob Zorobabel e Josué, o sumo sacerdote, começaram a reconstruir. O trabalho continuou apesar da suspeita oficial, senão oposição direta, e o templo foi concluído e dedicado em 515 a.C. ([Ed 5.1-6.22](#)).

Pouco se sabe sobre as características físicas do templo de Zorobabel. A inferência de que era vastamente inferior ao templo de Salomão ([Ag 2.3](#)) provavelmente se refere a um estágio inicial da construção. De fato, o segundo templo permaneceu por mais de 500 anos. As dimensões anotadas em [Esdras 6.3](#) estão incompletas; o novo templo era sem dúvida do mesmo tamanho que seu predecessor e provavelmente foi construído sobre a mesma fundação. A técnica de construção parece ter seguido o método do original, com camadas de madeira fornecendo uma estrutura para seções de alvenaria ([v.4](#)). Claramente, havia acomodações auxiliares, provavelmente como as salas laterais do templo de Salomão ([Ed 8.29; Ne 12.44; 13.4-5](#)). Se a ajuda persa foi fornecida como prometido ([Ed 6.8-12](#)), o Segundo templo era uma estrutura mais esplêndida e substancial do que geralmente se supõe.

História posterior

Várias referências na literatura apócrifa, pseudepígrafos, escritos rabínicos e o historiador

Josefo ajudam a iluminar a história do templo e fornecem mais detalhes sobre sua estrutura e móveis. Josefo, citando Hecateu de Abdera (século 4 a.C.), afirma que o templo era um grande edifício em um recinto de cerca de 152,4 metros por 45,7 metros, cercado por um muro de pedra, com um altar de pedras não lavradas do mesmo tamanho que o altar de bronze de Salomão (cf. [2Cr 4.1](#)). Dentro do santuário havia um altar de incenso dourado e um candelabro, cuja chama queimava continuamente. Josefo também observa que Antíoco III (223–187 a.C.) apoiou financeiramente o templo quando os Selêucidas substituíram os Ptolomeus como mestres de Jerusalém.

Ben Siraque, no início do segundo século a.C., elogiou Simão, filho de Onias, o sumo sacerdote, por seu trabalho em fortificar e reparar a área do templo. Primeiro Macabeus fornece evidências valiosas sobre o destino do templo durante a opressão sob Antíoco IV Epifânio (175–164 a.C.). Os livros dos Macabeus relatam a profanação do altar de holocaustos ([1Mc 1.54](#)) e o saque do candelabro de ouro, altar de incenso, mesa de oferendas, véu e outros tesouros ([2Mc 5.15–16; 6.2–4](#)). Quando o templo foi recapturado e restaurado, os vitoriosos Macabeus substituíram os itens levados pelos Selêucidas, exceto o altar de sacrifício, que foi considerado tão poluído que foi desmontado e substituído por um novo construído de pedra não lavrada ([1Mc 4.36–61; 2Mc 10.1–9](#)). Claramente, a área do templo foi usada como uma fortaleza, tanto em oposição à guarnição selêucida que foi mantida em Jerusalém no período macabeu quanto nos conflitos do período hasmoneu posterior. Quando Pompeu capturou Jerusalém por volta de 63 a.C., ele entrou no templo para afirmar sua autoridade, mas não levou nenhum saque, mostrando assim respeito por ele.

A história do templo de Zorobabel terminou quando Herodes, tendo cuidadosamente preservado-o de qualquer dano maior ao ganhar o controle de Jerusalém com a ajuda romana em 37 a.C., começou a desmontá-lo por volta de 21 a.C. em preparação para a construção de seu próprio grande templo.

Templo de Herodes

Além de mais de 100 referências no NT, nossas principais fontes de informação sobre o templo de Herodes vêm do historiador judeu Josefo e do Middot (uma seção dos escritos rabínicos judaicos). Existem diferenças consideráveis em detalhes entre os dois, o que exclui qualquer

interpretação dogmática em tentativas de reconstrução. Como Josefo foi contemporâneo do templo (ele nasceu por volta de d.C 37 e morreu no início do segundo século), ele é provavelmente mais confiável do que o Middot, que, datando de cerca de d.C 150, parece exagerar ocasionalmente. A pesquisa arqueológica tem sido útil na determinação das posições das paredes externas e dos portões.

O motivo de Herodes ao construir seu templo era mais político do que religioso. Como idumeu, ele desejava apaziguar seus súditos judeus construindo um santuário tão magnífico quanto o de Salomão. Possíveis temores de que o local pudesse ser profanado, ou de que o templo existente pudesse ser demolido e nunca reconstruído, foram dissipados pelo treinamento de 1.000 sacerdotes como pedreiros e pelo acúmulo de materiais antes do início das obras. O templo de Herodes seguiu o plano tripartido de seus predecessores, embora seu pórtico fosse muito maior. Foi construído no estilo arquitetônico greco-romano contemporâneo e, portanto, deve ser considerado distinto do templo de Zorobabel. As obras começaram em 20 a.C., e enquanto o santuário principal foi rapidamente erguido (estava em pleno funcionamento dentro de dez anos), o projeto total só foi concluído em 64 d.C., apenas seis anos antes de ser destruído pelos romanos.

Herodes primeiro preparou o local limpando e nivelando uma área de aproximadamente 457,2 metros de norte a sul e cerca de 297,2 metros de leste a oeste. Isso envolveu cortar seções de rocha em algumas áreas e construir com entulho em outras. Consideráveis seções da parede de fechamento, construída com blocos de pedra com média de cerca de 4,6 metros de comprimento por 1,2 metros de altura, ainda sobrevivem. Algumas das pedras nos cantos da parede sul pesam até 70 toneladas.

O santuário em si parece ter sido baseado nas mesmas dimensões do templo de Salomão. Foi dividido no Lugar Santo, que tinha 18,3 metros de comprimento, 9,1 metros de largura e 18,3m de altura, e no Santo dos Santos, que era um quadrado de 9,1 de lado. Não havia móveis dentro do Santo dos Santos, que era separado por um véu do Lugar Santo. O Lugar Santo continha o candelabro de sete braços, a mesa para o pão da Presença e o altar de incenso. A principal diferença em relação ao templo de Salomão era o imponente pórtico, com 45,7 metros de largura e altura. Do lado de fora havia

uma porta de aproximadamente 9,1 metros de largura por 12,2 metros de altura, com uma porta interna de cerca de metade desse tamanho levando ao santuário. Ao permitir salas vazias sobre o Santo dos Santos e o Lugar Santo, havia uma altura de telhado uniforme de 45,7 metros. Espigas douradas no telhado desencorajavam os pássaros de pousarem e profanarem a estrutura. Como seus predecessores, o templo estava orientado para o leste e era cercado nos outros lados por três andares de salas que se elevavam a uma altura de 18,3 metros. A pedra usada era a pedra branca local, cortada em blocos enormes e altamente polida.

O acesso ao pórtico era por uma escadaria de 12 degraus a partir do Pátio dos Sacerdotes. Centralmente posicionado diante do pórtico e a 10,1 metros de distância estava o altar do sacrifício. Feito de pedra não lavrada, era uma construção de vários níveis com 4,6 metros de altura e cerca de 14,6 metros quadrados na base. Os israelitas do sexo masculino podiam entrar nesta área uma vez por ano, durante a Festa dos Tabernáculos, para caminhar ao redor do altar do sacrifício. Caso contrário, eles eram restritos ao Pátio de Israel. A leste do Pátio de Israel, e separado dele por uma escadaria de 15 degraus e pelo ornamentado Grande Portão, feito de bronze coríntio, estava o Pátio das Mulheres. Aqui estavam localizados os cofres de ofertas para as despesas do templo ([Mc 12.41-44](#)). O próximo pátio era o grande, inferior e externo Pátio dos Gentios, que cercava os pátios internos e era separado deles por um balaústre e uma série de avisos de advertência. Dois destes foram escavados, escritos em latim e grego, proibindo a entrada de gentios nas áreas internas, sob pena de morte. Este pátio externo era amplamente utilizado. Imediatamente dentro de suas paredes havia um pórtico, sustentado por quatro fileiras de colunas com quase 12,2 metros de altura no lado sul (o Pórtico Real), e duas fileiras nos outros lados, o pórtico oriental conhecido como "Pórtico de Salomão" ou "Colunata de Salomão". Aqui é a área onde as barracas dos cambistas e comerciantes eram montadas, onde o Sinédrio se reunia, e onde Cristo e os escribas ensinavam e debatiam ([Mc 11.27](#); [Lc 2.46](#); [19.47](#); [Jo 10.23](#)). Aqui também a igreja primitiva se reunia antes de ser rejeitada por um judaísmo hostil ([At 3.11](#); [5.12](#)). Logo a noroeste do recinto do templo estava a Fortaleza de Antônia, onde o governador romano residia enquanto em Jerusalém, e onde uma guarnição romana estava presente para lidar com distúrbios ([At 21.31-40](#)). Com vista para a

área do templo, era separada dela por um amplo fosso. As vestes do sumo sacerdote eram armazenadas na fortaleza como um símbolo da autoridade romana. O acesso ao Pátio dos Gentios era por quatro portões na parede oeste; dois na parede sul, onde o terreno caía abruptamente no vale, um local frequentemente identificado como o pináculo do templo ([Mt 4.5](#); [Lc 4.9](#)); e um portão em cada uma das paredes leste e norte.

O significado do Templo no Antigo Testamento

O templo em Jerusalém funcionava como o ponto focal da confederação tribal. Apesar da tentativa de Jeroboão I, o primeiro rei do reino do norte, de desviar a atenção de Jerusalém estabelecendo santuários em Betel e Dã ([1Rs 12.26-30](#)), Jerusalém nunca perdeu sua preeminência. Naturalmente, tanto Ezequias quanto Josias procuraram estender suas reformas para a área das tribos do norte ([2Cr 30.1-12](#); [34.6-7](#)), e Jerusalém era um centro de peregrinação para essas áreas mesmo após sua destruição ([Jr 41.5](#)). Os profetas previram seu destino como o ponto focal da adoração universal ([Is 2.1-4](#)).

O templo era o local de habitação de Deus entre seu povo. A presença de Deus, simbolizada pela glória shekinah e pela coluna de nuvem, estava associada à tenda do encontro ([Êx 33.9-11](#)), com o tabernáculo ([40.34-38](#)) e, finalmente, com o templo ([1Rs 8.10-11](#)). O paradoxo é que, enquanto Deus é completamente irrestrito, o templo era considerado um lugar para Deus habitar para sempre (vv. [13.27](#)). Deus havia escolhido Sião, assim como havia escolhido Davi ([Sl 68.15-18](#); [76.2](#); [78.67-72](#)), então o templo era considerado a casa de Deus ([27.4](#); [42.4](#); [84.1-4](#)).

O Templo de Ezequiel

A descrição detalhada de Ezequiel sobre o templo ideal ([Ez 40-48](#)) não foi usada como modelo para o templo de Zorobabel. Na verdade, como Ezequiel deve ter conhecido o templo de Salomão antes de sua deportação em 597 a.C., sua descrição é de grande ajuda para determinar detalhes incertos do primeiro templo. A preocupação de Ezequiel era mostrar a natureza da adoração pura, protegida de toda contaminação. Essa adoração permitiria que a glória de Deus, que havia se afastado do templo corrompido de Salomão ([9.3](#); [10.4.18-19](#); [11.22-23](#)), retornasse para que Jerusalém pudesse novamente ser chamada de "o Senhor está lá" ([43.1-5](#); [48.35](#)). Este pensamento, ligado ao

conceito vital de Ezequiel sobre o Espírito de Deus habitando em seus adoradores fiéis ([36.24-28](#)), antecipou o ensino do NT de que os crentes se tornariam o templo de Deus.

O Significado do Templo no Novo Testamento

Cristo e o Templo

Cristo demonstrou um respeito considerável pelo templo. Quando tinha 12 anos, ele participou das discussões rabínicas em seus pátios e o descreveu como a casa de seu Pai ([Lc 2.41-50](#)). Para ele, “a casa de Deus” era habitada por Deus ([Mt 12.4](#); [23.21](#)). Embora ele a tenha purificado duas vezes em justa ira ([Mt 21.12-13](#); [Jó 2.13-16](#)), ele chorou pela iminente destruição da cidade e do templo ([Lc 19.41-44](#)). Ele frequentemente ensinava lá, mas era “maior que o templo” ([Mt 12.6](#)). Quando sua apresentação a Jerusalém como o Messias predito foi rejeitada, apesar dos milagres que a acompanhavam, ele previu sua inevitável destruição ([Mt 21.9-15](#); [24.1-2](#)). Por um breve período após o Pentecostes, a igreja primitiva usou o templo como seu local de reunião, até que a crescente oposição expulsou os crentes de Jerusalém ([At 5.12,21,42](#); [8.1](#)).

A Igreja como Templo

Os escritores do NT usaram duas palavras gregas diferentes para descrever o templo: *naos* e *hieron*. *Naos* refere-se ao santuário real do templo, o lugar da habitação de Deus. *Hieron* refere-se aos recintos do templo, bem como ao santuário. De modo geral, *naos* era usado para designar a seção interna do templo conhecida como o Lugar Santo e o Santo dos Santos, enquanto *hieron* incluía o pátio externo e o templo propriamente dito.

Nas epístolas de Paulo, a palavra *naos* aparece seis vezes ([1Co 3.16-17](#); [6.19](#); [2Co 6.16](#); [Ef 2.21](#); [2Ts 2.4](#)) e *hieron* uma vez ([1Co 9.13](#)). Nesses versículos, Paulo mantém a distinção de definição mencionada acima. Ao falar do templo físico real, ele usou a palavra *hieron* para indicar o lugar onde os sacerdotes ofereciam sacrifícios de animais no altar ([1Co 9.13](#)), que estava situado no pátio externo (veja [Êx 27-29](#), [40](#)). E quando Paulo se referiu ao ato abominável do iníquo em usurpar o lugar de Deus no templo, ele usou a palavra *naos* — a palavra que designa o lugar da presença da divindade ([2Ts 2.4](#)).

Em todas as outras passagens paulinas, “*naos*” é usado metaforicamente para representar uma habitação humana para o Espírito divino. Em uma

instância, a imagem do santuário é usada para descrever o corpo do crente individual ([1Co 6.19](#)); em todas as outras instâncias, o santuário representa o corpo de Cristo, a igreja ([1Co 3.16-17](#); [2Co 6.16](#); [Ef 2.21](#)). Erroneamente, muitos leitores pensam que [1 Coríntios 3.16-17](#) fala do indivíduo, mas de acordo com o texto grego, é inquestionavelmente claro que Paulo estava falando sobre a igreja coletiva (especificamente, a igreja em Corinto).

Quando Paulo disse à igreja em Corinto que era o santuário de Deus, eles teriam entendido a imagem a partir de seu conhecimento dos templos pagãos. Mas Paulo provavelmente tinha em mente o único templo em Jerusalém. Os gentios tinham muitos deuses com muitos templos em uma cidade; os judeus tinham um Deus com apenas um templo em todo Israel. Isso ajudava a preservar a unidade entre os israelitas. Os coríntios precisavam de unidade espiritual; eles estavam fragmentados devido às suas preferências individuais (veja [1Co 1.10-13](#)).

Em Efésios, a obra-prima de Paulo sobre a igreja, ele descreve as igrejas locais como entidades vivas e orgânicas que estão todas (falando de forma composta) crescendo em um santuário santo no Senhor ([Ef 2.21](#)). Paulo imaginou cada igreja local como proporcionando a Deus uma habitação espiritual naquela localidade ([v.22](#)) e crescendo junto com todas as outras igrejas em um santuário santo e universal para a habitação do Senhor.

O Templo no Apocalipse de João

No Apocalipse de João, não há um templo material, embora ele continue a usar a imagem de Jerusalém e do Monte Sião ([Ap 3.12](#); [14.1](#); [21.2,10,22](#)). Três ideias inter-relacionadas predominam. Primeiro, o conceito da igreja composta por mártires, cujos membros fiéis são o templo de Deus ([3.12](#); [14.1](#)). Este templo cresce gradualmente à medida que o número de mártires aumenta ([6.11](#)). Outro aspecto é o templo como lugar de julgamento ([11.19](#); [14.15](#); [15.5-16.1](#)). Finalmente, qualquer templo na nova era é desnecessário, “pois seu templo é o Senhor Deus Todo-poderoso e o Cordeiro” ([21.22](#)). O estado final será a morada de Deus com seu povo — o templo eterno e espiritual.

Veja também Altar; Arca da Aliança; Pão da Presença; Davi; Festas e Festivais de Israel; Primeira Revolta Judaica; Judaísmo; Propiciatório; Ofertas e Sacrifícios; Sacerdotes e Levitas; Santuário; Cantores no Templo; Salomão (Pessoa).

Tenda

Uma tradução da palavra hebraica sukkah e sokoh na KJV. A palavra sukkah também é traduzida como “cabana” ([Gn 33.17](#)), “tabernáculo” ([Lv 23.34](#)) e “tenda” ([2Sm 11.11](#)). Outras traduções de sokoh são “toca” ([Sl 10.9](#)), “casa” ([76.2](#)) e “abrigo” ([Jr 25.38](#)). As palavras sukkah e sokoh significam um abrigo ou cobertura, que pode ser na forma de uma tenda (cabana ou tabernáculo), cabana ou toca.

A palavra “pavilhão” é usada para se referir às tendas do séquito real de Ben-Hadade e seus aliados, que estavam em um estupor alcoólico quando Acabe os atacou ([1Rs 20.16](#)). Outra versão lê “barracas” (NTLH).

O uso metafórico é encontrado no livro dos Salmos. Em [Salmos 27.5](#) e [31.20](#), o salmista fala da proteção especial do Senhor como um lugar onde se pode encontrar refúgio dos malfetores. A palavra também pode se referir às nuvens que, na linguagem pictórica do salmista, cobrem a presença do Senhor: “Ele se cobriu de escuridão; nuvens grossas, cheias de água, estavam ao seu redor” ([Sl 18.11](#), NTLH).

Teocracia

Uma forma de governo onde Deus possui a mais alta autoridade política. Às vezes, Deus é representado por um governante humano, como um rei. Assim, [Deuteronômio 17.14–20](#) argumenta que um rei humano só deve governar se for escolhido pelo Senhor.

Desenvolvimento da Teocracia em Israel

A teocracia (governo de Deus) desenvolveu-se no antigo Israel ao longo do tempo. Os israelitas no Egito acreditavam que Javé, seu Deus especial, se importava com seu sofrimento. Eles pensavam que Yavé queria libertá-los da escravidão e dos governantes terrenos, especialmente o Faraó (governante do Egito). Os israelitas acreditavam que Javé queria que eles servissem somente a Ele (veja [Êx 3.7–10](#); [8.1](#); [9.1](#)).

É importante entender como a vida era diferente sob vários governantes. Os camponeses egípcios (agricultores pobres) enfrentavam um tratamento severo sob o Faraó. Eles lidavam com opressão, exigências de trabalho irracionais e perda de liberdade e respeito próprio. Essas condições

diffíceis eram experiências cotidianas para os camponeses egípcios.

Em contraste, a vida sob o governo de Javé passou a significar algo muito diferente. Os israelitas começaram a associar a liderança de Javé com liberdade, justiça e igualdade. Isso representou uma mudança significativa em relação às suas experiências anteriores.

Quando os israelitas chegaram a Canaã, encontraram um tipo de liderança diferente daquela que haviam visto no Egito. As jovens tribos israelitas também não gostaram desse novo sistema. Em Canaã, os reis geralmente eram proprietários das cidades-estado (pequenas áreas independentes) que governavam. Esses reis frequentemente arrendavam parte da terra para as pessoas que viviam lá.

Isso era muito diferente do que Deus queria para os israelitas. Quando Josué liderou os israelitas em Canaã, o plano de Deus era que eles fossem livres. Cada tribo recebeu uma área específica de terra. Deus desejava que os israelitas vivessem nessa terra e servissem apenas a Ele, não a qualquer governante humano.

O Período dos Juízes

No período dos juízes, a ideia de teocracia era clara e constante. Os israelitas não eram um grupo unificado e não tinham um governante único. Em vez disso, Javé governava sobre eles e os unificava. É por isso que Gideão rejeitou a realeza, dizendo “O Senhor reinará sobre vós” ([Jz 8.23](#)).

Neste período, a liderança humana era às vezes necessária, especialmente quando as tribos estavam ameaçadas. Esses governantes, chamados juízes, eram “levantados” para proteger o povo e conduzi-lo de volta ao Senhor ([Jz 2.16](#)). Os juízes não alcançavam a vitória por causa de suas próprias habilidades. Javé recebia o crédito pela vitória.

O Período da Monarquia

Samuel foi um líder importante que viveu durante um período de mudanças em Israel. Ele surgiu após os juízes e antes dos primeiros reis de Israel. Durante esse tempo, os filisteus, um grupo vizinho, tornaram-se um grande problema para os israelitas.

Por cerca de 200 anos antes de Samuel, os israelitas e os filisteus viveram próximos uns dos outros sem muitos conflitos. Mas isso mudou durante o tempo

de Samuel. Os filisteus começaram a atacar Israel, tentando tomar suas terras. Os israelitas viviam sob um governo teocrático. Diferentes tribos de israelitas trabalhavam juntas para se defender quando necessário. No entanto, esse sistema agora não parecia forte o suficiente para lutar contra os filisteus.

Muitos israelitas importantes achavam que precisavam de uma nova maneira de se governar. Eles acreditavam que ter um rei tornaria Israel mais forte e os ajudaria a sobreviver. Eles pediram um rei para liderá-los na batalha contra seus inimigos (veja [1Sm 8.5,19-20](#)).

A ideia de ter um rei desafiava a crença de Israel na teocracia. Muitas pessoas achavam que ter um rei era uma boa ideia. Elas acreditavam que um rei poderia ajudá-los nas batalhas e tornar a nação mais forte. No entanto, os israelitas tinham uma antiga tradição de serem governados apenas por Deus, o que tornava a decisão muito difícil. Samuel, o líder deles na época, achava que querer um rei significava rejeitar o governo de Deus. Ele alertou o povo sobre os problemas que um rei poderia trazer ([1Sm 8.10-18](#); [10.19](#)).

No entanto, algo inesperado aconteceu. Samuel recebeu uma mensagem de Deus sobre um homem chamado Saul. Deus parecia disposto a permitir que Saul se tornasse rei. Foi dito a Samuel para ungir Saul (colocar óleo em sua cabeça para mostrar que Deus o havia escolhido) como o primeiro rei de Israel ([1Sm 9.27-10.1](#)).

Então, a Bíblia nos diz que "o espírito de Deus" veio sobre Saul ([1Sm 11.6](#)). Isso foi semelhante a como Deus havia capacitado os juízes que lideraram Israel anteriormente. Isso mostrava que Deus estava com Saul de uma maneira especial.

A posição de Saul como rei foi ainda mais fortalecida quando ele venceu uma batalha contra os amonitas. Após essa vitória, o povo aclamou Saul e o aceitou como seu rei. Essa aprovação pública foi o passo final para consolidar a reivindicação de Saul ao trono.

Esses eventos mostraram que o reinado de Saul tinha tanto a bênção de Deus quanto o apoio do povo. A Bíblia nos informa que havia opiniões diferentes sobre ter um rei em Israel. Algumas pessoas desejavam um rei, enquanto outras acreditavam que isso poderia ir contra o governo de Deus. No entanto, estava claro que Deus escolheu o rei e revelou ao seu profeta quem deveria ser escolhido.

Teocracia no futuro

A Bíblia fala sobre um tempo em que o povo de Deus não precisaria de um rei humano para governá-los. [Ezequiel 40-48](#) descreve um futuro onde Deus governaria seu povo através de sacerdotes especiais chamados Zadoquitas. Essa ideia começou a tomar forma por volta de 520 a.C., com o trabalho de dois profetas chamados Ageu e Zacarias. Tornou-se muito importante para o povo judeu após o retorno do exílio na Babilônia. Essa nova forma de pensar mudou como a comunidade vivia e se comportava.

Um homem chamado Esdras ajudou a tornar essa ideia do governo de Deus comum no Judaísmo. Após o tempo de Esdras, os sacerdotes desempenharam um papel importante na vida da nação. Mesmo que governantes estrangeiros como os Selêucidas ainda tivessem poder sobre o povo, os judeus aguardavam ansiosamente por um tipo diferente de rei.

Eles esperavam por um líder especial chamado Messias (o escolhido de Deus). Acreditavam que o Messias seria da família do Rei Davi. Este líder traria paz e salvaria Israel, cumprindo as antigas promessas de Deus e trazendo justiça, bondade e equidade para todos.

Veja também Rei.

Teófilo

1. Uma pessoa para quem Lucas escreveu dois livros do Novo Testamento: o Evangelho de Lucas e Atos ([Lc 1.3](#); [At 1.1](#)). O nome "Teófilo" significa "amante de Deus" ou "amado por Deus" em grego. Devido a esse significado, algumas pessoas acreditam que Teófilo pode não ser o nome de uma pessoa real. Elas sugerem que poderia ser um título usado para se dirigir a todos os leitores desses livros. No entanto, isso é improvável por duas razões. Primeiro, o Novo Testamento geralmente usa nomes reais em vez de títulos ao se dirigir às pessoas. Segundo, Lucas chama Teófilo de "excelentíssimo", um termo de respeito usado para importantes oficiais. Por exemplo, Paulo usou esse mesmo título ao falar com Festo, e tanto Cláudio Lísias quanto Tértulo o usaram ao se dirigir a Félix ([At 23.26](#); [24.2-3](#); [26.25](#)). Embora Teófilo provavelmente fosse uma pessoa importante na sociedade, não sabemos exatamente qual era a sua posição.
2. O sumo sacerdote judeu de 37 a 41 d.C. veio de uma importante família religiosa. Seu pai era Anás, seu irmão era Jônatas e seu cunhado era Caifás. Vitélio, que governava a área para Roma, nomeou Teófilo como sumo sacerdote após Jônatas. O rei Herodes Agripa mais tarde removeu Teófilo dessa posição. Este Teófilo foi provavelmente o sumo sacerdote que deu a Paulo permissão para prender cristãos. Embora tenha desempenhado esse papel importante, seu nome não aparece no Novo Testamento.

Tera (lugar)

Um dos lugares onde os israelitas pararam durante suas peregrinações no deserto. Estava localizado entre Taate e Mitcá ([Nm 33.27,28](#)).

Tera (Pessoa)

O pai de Abrão (Abraão), Naor e Harã ([Gn 11.26](#); [1Cr 1.26](#); [Lc 3.34](#)).

Abrão é listado primeiro entre os filhos de Tera, mas provavelmente não era o mais velho. Depois que Tera viveu 70 anos, ele gerou Abrão, Naor e Harã ([Gn 11.26](#)). O Novo Testamento relata que Abrão deixou Harã após a morte de seu pai quando tinha 75 anos ([Gn 12.4](#); [At 7.4](#)).

Tera morreu aos 205 anos ([Gn 11.32](#)). Isso sugere que Tera tinha pelo menos 130 anos quando Abrão nasceu. Tera começou a viagem para Canaã, embora não tenha conseguido ir além de Harã ([Gn 11.31-32](#)). Abrão foi ordenado lá a deixar sua família e seguir para Canaã ([Gn 12.1](#)).

Veja também Abraão.

Terafins

Ídolos associados a rituais mágicos pagãos. No AT, o termo é frequentemente traduzido como "deuses domésticos", indicativo de talismãs que eram mantidos em santuários familiares ([Gn 31.19,34](#)). Esses foram os ídolos que Raquel roubou de seu pai, o que ocasionou a perseguição furiosa de Labão. Muitos postularam que a raiva de Labão reflete uma tradição nuziana, onde a posse dos deuses domésticos conferia direitos de herança ao proprietário. É mais provável que Raquel tenha roubado os terafins simplesmente para garantir boa sorte e segurança.

Os terafins também são mencionados em conexão com a tentativa de Miquéias de estabelecer um sacerdócio privado ([Jz 17.5](#)). Quando os danitas se mudaram para Laís, roubaram os terafins e o éfode de Miquéias para uso oracular ([18.14-20.31](#)). Os terafins eram tipicamente pequenos ídolos, mas ocasionalmente podiam ser em tamanho real também. Davi escapou de Saul quando Mical colocou um terafim em sua cama como um manequim ([1Sm 19.13-16](#)). Durante o período do reino de Israel, os terafins continuaram a ser usados em práticas culturais heréticas. Josias tentou livrar o país dos terafins, feiticeiros e médiuns, mas

suas reformas parecem ter sido temporárias ([2Rs 23.24](#)). Os profetas regularmente condenavam o uso de terafins, identificando-os com abominações pagãs ([Ez 21.21](#); [Os 3.4](#); [Zc 10.2](#)).

Veja também Ídolos, Idolatria.

Terra

O termo para o nosso planeta habitado. É usado para distingui-lo de céu e inferno. Também pode significar terra, solo ou várias outras coisas. A Bíblia usa o termo "terra" de várias maneiras, semelhante a como o usamos hoje.

Em hebraico, uma palavra traduzida como "terra" também é usada para "homem" ou "Adão" ([Gênesis 2.7,19](#)). Esta palavra refere-se ao solo avermelhado do qual o corpo de Adão foi feito. Outra palavra hebraica traduzida como "terra" ou "território" pode referir-se a um país ([Gênesis 21.21](#)). Uma palavra traduzida como "pó" pode simplesmente significar terra ou solo seco ([Gênesis 3.19](#)). No Novo Testamento, uma palavra grega traduzida como "terra" também pode referir-se a uma terra ou país ([Mateus 27.45](#)). Outra palavra grega, da qual "ecumênico" é derivado, refere-se a toda a terra habitada ([Lucas 21.26](#)) ou ao Império Romano naquela época ([Lucas 2.1](#)).

No princípio, "Deus chamou a terra seca de 'terra', e ao ajuntamento das águas chamou de 'mares'. E Deus viu que era bom. Então Deus disse: 'Que a terra produza vegetação'" ([Gênesis 1.10-11](#)). Em algumas passagens, "a terra" é usada de forma semelhante à maneira como pensamos em todo o planeta hoje ([Jó 1.7](#)), suspensa no espaço vazio ([Jó 26.7](#)). Referências aos quatro cantos da terra ([Isaías 11.12](#); [Ezequiel 7.2](#)) referem-se aos pontos de uma bússola, não à forma da terra. O "círculo da terra" provavelmente se refere à circunferência do horizonte ([Isaías 40.22](#); compare [Jó 38.13](#)). A terra às vezes é descrita como sendo sustentada por pilares ([Jó 9.6](#); [Salmo 75.3](#)) ou fundações ([Salmo 104.5](#); [Provérbios 8.29](#); [Isaías 24.18](#); [Jeremias 31.37](#)). Muitas dessas descrições são encontradas em passagens poéticas ou proféticas, portanto, não revelam muito sobre a compreensão dos hebreus sobre o cosmos.

A palavra "terra" também pode se referir ao solo ou chão que um agricultor trabalha (veja [2 Reis 5.17](#)). De acordo com a Bíblia, a condição original da terra ([Gênesis 2.6](#)) foi afetada pela maldição trazida pelo pecado humano ([Gênesis 3.17-19](#)). (Especialistas

ambientais modernos concordam que a terra sofre por causa da ganância e arrogância humanas). Após o sangue de Abel ser derramado no chão, a dificuldade de Caim em cultivar era um lembrete constante de que ele havia assassinado seu irmão ([Gênesis 4.8-12](#)).

Os israelitas foram instruídos a deixar a terra descansar a cada sete anos ([Êxodo 23.10-12](#); [Levítico 25.4-5](#)) para que o solo pudesse repor os nutrientes usados pelas colheitas. Após sete desses "anos sabáticos", no 50º "ano do jubileu", a terra retornaria aos seus proprietários familiares originais ([Levítico 25.10-17](#)). Esta lei lembrava ao povo que Deus era, em última instância, o dono da terra e impedia o surgimento de poderosos proprietários de terras com grandes propriedades.

A lei mosaica também ensinou aos israelitas que a condição da terra era um sinal de seu relacionamento com Deus. Seca ou colheitas ruins indicavam um relacionamento rompido ([Levítico 26](#); Deuteronômio 28). Israel foi avisado de que sua maldade poderia se tornar tão grande que Deus os expulsaria de Sua terra (veja [Levítico 26.37](#); [Deuteronômio 28.64](#)). Mas mesmo que isso acontecesse, Deus prometeu eventualmente restaurar Seu povo para que pudessem ser casados com a terra novamente ([Isaías 62.4](#)).

Muitas passagens na Bíblia apontam para uma "era vindoura" quando a terra será libertada de sua "escravidão à decadência", e toda a criação é dita estar "gemendo" em antecipação a isso ([Romanos 8.19-23](#)). A Bíblia descreve um tempo de grande renovação quando a fertilidade da terra será restaurada ([Ezequiel 47](#); [Joel 3.18](#); [Amós 9.13-15](#); [Zacarias 14.6-9](#)). No entanto, um dia, "Os céus desaparecerão com um estrondo, os elementos serão destruídos pelo fogo, e a terra e suas obras serão expostas" ([2 Pedro 3.10](#)). Ainda assim, na visão do apóstolo João, ele viu "um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra haviam passado" ([Apocalipse 21.1](#)).

Veja também Novos céus e nova terra.

Terra

O relacionamento dos humanos com a terra é um tema proeminente no AT. Em Gênesis, a terra com seu solo seco foi criada como um lugar para os humanos habitarem em comunhão com Deus. Os humanos receberam a tarefa de subjugar a terra e governar sobre a criação animal para satisfazer

suas próprias necessidades e trazer glória ao Criador. Após a queda da humanidade em pecado, eles sofreram alienação não apenas de Deus e de seus semelhantes, mas também da terra em que viviam. Eles foram expulsos do Jardim do Éden, e a terra se tornou amaldiçoada. Foram forçados a trabalhar e suar para subjugar a terra e prover para sua própria subsistência porque a colheita era sufocada por espinhos e cardos.

Após assassinar seu irmão, Caim recebe uma intensificação individual da maldição da terra como punição. Ele é informado de que a terra não dará seu fruto para ele, mesmo com trabalho árduo, forçando-o a vagar de um lugar para outro. Sem uma pátria permanente, Caim é negado o desfrute de descanso e prosperidade. Por causa do pecado, a importante aspiração humana por um senso de lugar é recusada a Caim ([Gn 4.12](#)).

Após o Dilúvio, que foi o julgamento de Deus sobre uma raça humana extremamente perversa, os humanos novamente provocaram a ira de Deus; a construção da Torre de Babel exalta o poder humano à parte de Deus. Deus intervém para confundir a linguagem do povo e “espalhá-los por toda a face da terra” ([11.9](#)). O livro de [Gênesis 1-11](#) é, portanto, caracterizado por uma sequência de narrativas descrevendo a perda de terra com suas privações decorrentes como consequência do pecado e da rebelião contra Deus.

Terra e a aliança abraâmica

Na época de Abraão, Deus interveio nos assuntos humanos para fornecer uma pátria especial para um grupo seleto de pessoas que são separadas para si. É aqui que o tema da Terra Prometida é introduzido nas Escrituras. Deus disse a Abraão: “Saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa do seu pai e vá para uma terra que eu lhe mostrarei. Os seus descendentes vão formar uma grande nação.” ([Gn 12.1-2](#), NTLH). Esta promessa a Abraão é ampliada em [Gênesis 12.7](#); [13.14-18](#); [15.7-21](#); [17.7-8](#). É dito a Abraão que a terra de Canaã será a “posse Eterna” de seus descendentes ([17.8](#)).

A narrativa do AT então traça a linha de descendência de Abraão através de Isaque e Jacó, e conta sobre a migração da família de Jacó para o Egito, onde durante aproximadamente quatro séculos eles se tornaram um grande e numeroso povo. Durante este período, a promessa de posse da terra de Canaã é reiterada ([Gn 28.15](#); [35.11-12](#); [46.3-4](#); [50.24](#)) e mantida diante dos descendentes

de Abraão como uma característica integral das promessas da aliança de Deus.

Terra e a aliança mosaica

Quando Deus chamou Moisés para liderar os israelitas para fora do Egito, ele associou a tarefa de Moisés com o cumprimento das promessas aos patriarcas: “lembrei da aliança que fiz com eles... Farei com que vocês sejam o meu povo e eu serei o seu Deus... Eu os levarei para a terra que jurei que daria a Abraão, a Isaque e a Jacó. E eu darei essa terra para ser propriedade de vocês.” ([Êxodo 6.5-8](#), NTLH). Israel deve ser libertado do Egito por duas razões: primeiro, para ser estabelecido como o povo da aliança de Deus no Monte Sinai, e segundo, para possuir a terra prometida a seus pais. É de extrema importância, no entanto, que com o estabelecimento da aliança mosaica a posse contínua da terra dependa da obediência. Se Israel violar as obrigações da aliança, trará sobre si as maldições da aliança, a mais severa das quais é o banimento da Terra Prometida ([Lv 26.32-33](#)). Isso não significa que Deus abandonará seu povo e a terra totalmente ou para sempre, porque Deus também promete que quando o povo se arrepender, “então eu lembrarei das alianças que fiz com Jacó e com Isaque e com Abraão e lembrarei também da Terra Prometida.” ([Lv 26.42](#), NTLH).

Durante o reinado do rei Davi, a promessa de terra recebeu pelo menos um cumprimento provisório. Embora seja verdade que o cumprimento inicial ocorreu quando Josué entrou na terra, naquela época o território não se estendia até as fronteiras prometidas a Abraão ([Gn 15.18](#)) e grande parte da terra ocupada ainda continha focos de resistência pelos antigos habitantes ([Js 13.1-6](#); [Jz 1](#)). Não foi até o tempo de Davi que a terra foi totalmente possuída como originalmente prometido ([2Sm 8](#); [1Rs 4.21,24](#)).

A responsabilidade do rei de observar a lei e a conexão entre a obediência ao pacto e a posse da terra são novamente esclarecidas quando Salomão dedica o templo ([1Rs 9.4-9](#)). A desobediência trará não apenas a expulsão da terra, mas também a destruição do templo.

A história subsequente da era do reino dividido é, na maior parte, uma história de revogação da aliança, tanto pelo povo quanto pelos reis. O Senhor enviou repetidos avisos através dos profetas de que tal desobediência só poderia levar à expulsão da terra. Mas sua mensagem caiu em ouvidos surdos ([Is 6.11-12](#); [Am 5.27](#); [7.17](#); [Os 9.17](#)). Os reis repetidamente se mostraram indignos do cargo.

Como o povo persistia em seu caminho maligno, Jeremias anunciou que Nabucodonozor seria o agente do Senhor para expulsá-los da terra ([Jr 21.2; 22.25; 25.8-9; 27.6; 28.14; 29.21](#)). No entanto, Jeremias e outros profetas também olharam além do exílio para uma futura restauração e retorno à terra ([Jr 32.6-25](#)). Historicamente, isso foi realizado sob o governo de Ciro, o Grande da Pérsia (538 a.C.) e é descrito nos livros de Esdras e Neemias.

Uma dificuldade de interpretação surge ao encontrar um cumprimento adequado de certas profecias do retorno (cf. [Ez 37; Am 9.14-15](#)), que preveem grande prosperidade e posse permanente da terra sob o governo de um rei davídico. O período intertestamentário não parece ser um cumprimento adequado para essas previsões.

Terra e a nova aliança

No NT, o tema da terra é muito menos proeminente e parece ser dado principalmente um simbolismo espiritual. O escritor de Hebreus sugere que Abraão entendeu a promessa da terra como algo que apontava além de um cumprimento meramente geográfico para um lar celestial mais elevado e muito mais satisfatório. Percebendo a imperfeição e a natureza transitória de tudo o que este mundo oferece, Abraão olhou além do cumprimento temporal da promessa da terra para uma cidade cujo arquiteto e construtor é Deus ([Hb 11.10](#)), e ele buscou um “país melhor, isto é, um celestial” (v. 16). No NT, parece que a promessa da terra de Israel e a entrada em Canaã devem ser entendidas como tipificando algo do futuro descanso celestial que aguarda o povo de Deus ([Hb 3-4](#)). Talvez isso explique a ênfase do AT na conexão entre a obediência de Israel à lei de Deus e a posse da terra. Quando os israelitas não tipificam uma condição de santidade, eles se desqualificam de tipificar uma condição de bem-aventurança e, assim, são negados o acesso ou expulsos da terra. O NT indica que é propósito de Deus preparar uma pátria eterna para seu povo, onde o governo do Rei divino é direto e justo, onde todas as coisas estão sujeitas à sua vontade, onde a morte e o pecado são abolidos e onde as necessidades de seu povo são completamente satisfeitas ([Hb 11.13-16; Ap 21](#)).

As promessas de terra do AT foram vistas por alguns como tendo apenas significado típico. À luz da encarnação de Cristo, qualquer declaração das Escrituras sobre um futuro para a terra deve ser interpretada como cumprida em um sentido espiritual na igreja. A igreja é agora o novo Israel e

herdeira das promessas do AT. Como o reino de Deus é agora uma realidade espiritual, considera-se um mal-entendido do AT esperar ainda futuros cumprimentos das profecias do AT sobre o retorno de Israel à terra e o estabelecimento de um período de paz e prosperidade sob o governo de Cristo, o Filho de Davi (cf. [Is 2.1-5; 11.6-11; Ez 37; Am 9.14-15](#)). Permanecer em Cristo é considerado um cumprimento adequado das promessas físicas e geográficas da economia do AT.

Outros, embora não neguem o significado típico dessas realidades do AT, sugeririam que as promessas de terra ainda estão em vigor nas categorias físicas e geográficas em que foram dadas. É apontado que Paulo argumenta em [Romanos 9-11](#) que ainda há um futuro para Israel nacional. Apesar da história de desobediência de Israel, culminando na rejeição do Messias, a eleição e o chamado de Deus são irrevogáveis, e Israel ainda será reenxertado na oliveira da qual havia sido anteriormente cortado. Lucas diz que Jerusalém será pisada pelos gentios até que os tempos dos gentios se cumpram ([Lc 21.24](#)), indicando que haverá um tempo futuro em que Jerusalém será novamente possuída pela nação judaica. Isso não significa necessariamente que se deve ver o estado atual de Israel como o cumprimento direto das promessas do AT de retorno à terra. O AT indica que o retorno será ocasionado pela crença ([Dt 30.1-16](#)). O retorno atual é em incredulidade. Ao mesmo tempo, a notável preservação do povo judeu ao longo dos séculos e o recente restabelecimento da nação talvez devam ser entendidos como antecipações ou sinais de uma futura e mais completa realização das promessas de terra do AT.

Terra, Nova

Veja Novos Céus e Nova Terra.

Terremoto

Um terremoto ocorre quando o chão treme ou vibra. Isso acontece devido à atividade vulcânica ou ao movimento na crosta terrestre.

Os terremotos ocorrem frequentemente na Palestina. Isso se deve principalmente aos vulcões próximos ao Mar Morto e ao Mar da Galileia. Os terremotos são mais comuns nestas áreas:

1. Alta Galileia;

2. O país dos samaritanos perto de Siquém;
3. A borda oeste das Montanhas da Judeia, perto de Lida.

Em hebraico, a palavra para "terremoto" significa um grande ruído ou rugido alto. Isso indica que os israelitas perceberam o som retumbante dos terremotos.

A Bíblia menciona vários terremotos:

1. No Monte Sinai, quando Deus deu a Moisés a lei ([Êx 19.18](#));
2. Durante as peregrinações no deserto dos israelitas, quando Corá se rebelou contra Moisés ([Nm 16.31-33](#));
3. Entre os filisteus, quando Jônatas e seu escudeiro lutaram contra eles ([1Sm 14.15](#));
4. Depois que Elias matou os profetas de Baal e fugiu de Jezabel, enquanto estava sentado debaixo de um zimbro sentindo pena de si mesmo ([1Rs 19.7-9.11](#));
5. Durante o reinado do rei Uzias ([Am 1.1](#));
6. Quando Jesus morreu na cruz ([Mt 27.51-54](#));
7. Quando Jesus ressuscitou dos mortos ([Mt 28.2](#));
8. Em Filipos, quando Paulo e Silas estavam na prisão ([At 16.26](#)).

A Bíblia também menciona terremotos ocorrendo no futuro:

1. No "Dia do Senhor" ([Zc 14.4.5](#));
2. No final desta era ([Ap 6.12-17](#); [11.19](#); [16.18](#)).

Tértulo

Tértulo foi o advogado escolhido pelo conselho judaico (chamado de Sinédrio) para falar contra Paulo durante seu julgamento. O governador romano Félix conduziu o julgamento em Cesareia ([At 24.1-2](#)). Não está claro se Tértulo era romano, grego ou judeu. Algumas pessoas acreditam que ele

era judeu porque ele diz "nossa lei" e afirma que o comandante romano Lísias tirou Paulo de "nossas mãos" (vv. [6b-7](#)). No entanto, as cópias mais antigas da Bíblia não incluem essas partes dos versículos. Portanto, não podemos ter certeza.

Tértulo provavelmente trabalhou como advogado nos tribunais romanos. Os líderes judeus o trouxeram rapidamente, o que sugere que ele era um orador treinado e especialista em leis.

Em seu discurso ([At 24.2-8](#)), Tértulo começou elogiando Félix. Em seguida, ele acusou Paulo de três coisas:

- causando problemas em locais públicos;
- perturbação da paz; e
- liderando o grupo chamado Os Nazarenos.

Todos esses eram crimes graves segundo a lei romana.

Tesoureiro

Um oficial encarregado de assuntos financeiros. Nos tempos do Antigo Testamento, ele era responsável pelos tesouros reais ou sagrados, que consistiam em bens, documentos, dinheiro e joias. Ele era o mordomo das posses do rei e supervisor da Tesouraria. Davi nomeou Azmavete sobre os tesouros do rei, Jônatas sobre os tesouros nas cidades e vilas ([1Cr 27.25](#)), e um silonita sobre os tesouros do templo ([26.20](#)). O Tesouro do templo de Salomão estava aos cuidados de Jeiel ([29.7-8](#)). Nos dias de Isaías, havia um tesoureiro para a casa chamado Sebna ([Is 22.15](#)). Uma inscrição encontrada perto de Jerusalém pode registrar seu nome.

Os tesoureiros também ocupavam posições em outras terras. O rei Ciro da Pérsia confiou seus tesouros do templo a Mitredate ([Ed 1.8](#)). Artaxerxes ordenou aos tesoureiros da província "além do rio" que fornecessem fundos ao sacerdote Esdras ([7.21-22](#)). Neemias nomeou tesoureiros sobre os armazéns para distribuir bens ([Ne 12.44](#); [13.13](#)).

No Novo Testamento, dois tesoureiros são conhecidos. O eunuco etíope era responsável pela tesouraria de Candace, rainha da Etiópia ([At 8.27](#)), e Erasto era o tesoureiro da cidade de Corinto ([Rm](#)

[16.23](#)). Uma inscrição deixada em Corinto por Erasto, um tesoureiro romano, pode ser dele.

Veja também Dinheiro; Banqueiro, Bancário.

Tessalônica

Principal cidade da Macedônia e sede da administração romana no século antes de Cristo. Além de possuir um magnífico porto, Tessalônica teve a sorte de estar localizada na rota terrestre da Itália para o Leste. Esta famosa estrada, chamada Via Egnácia, passava diretamente pela cidade. Dois arcos romanos, o Portão de Vardar e o Arco de Galério, marcavam os limites ocidental e oriental.

De acordo com Estrabão, um famoso geógrafo grego, Tessalônica foi fundada em 315 a.C. pelo general macedônio Cassandro, que a nomeou em homenagem à sua esposa, filha de Filipe e meia-irmã de Alexandre, o Grande. Foi povoada por refugiados de várias cidades na mesma região, que haviam sido destruídas na guerra. Quando a Macedônia foi dividida em quatro distritos (167 a.C.), Tessalônica tornou-se a capital da Segunda divisão. Sua influência continuou a se expandir quando a área se tornou uma província romana. Na Segunda guerra civil entre César e Pompeu (42 a.C.), Tessalônica permaneceu leal a Antônio e Otaviano e foi recompensada com o status de cidade livre. Esta autonomia permitiu à cidade nomear seus próprios magistrados, que receberam o título incomum de politarcas. A precisão histórica de Lucas é vista no fato de que, enquanto o termo “politarca” não aparece na literatura grega anterior, ele é usado em [Atos 17.6-8](#) e foi encontrado em uma inscrição no Portão de Vardar e em outras inscrições da área. No início do primeiro século, Tessalônica tinha um conselho de cinco politarcas. Cícero, um estadista romano que viveu pouco antes da época de Cristo, passou sete meses em exílio em Tessalônica.

A igreja em Tessalônica foi fundada por Paulo em sua segunda viagem missionária ([At 17.1-4](#)). Em Trôade, o apóstolo foi direcionado por uma visão a atravessar o Mar Egeu até a Macedônia. Após ministrar em Filipos, onde foi espancado e preso, a cidadania romana de Paulo garantiu sua libertação, e ele viajou para Tessalônica. No sábado, Paulo entrou na sinagoga e argumentou com os judeus que Jesus era o Cristo. Alguns foram persuadidos, junto com vários gregos tementes a Deus e várias mulheres proeminentes ([v.4](#)).

O sucesso de Paulo despertou o ciúme dos judeus, que reuniram alguns desordeiros do mercado e iniciaram um tumulto. Eles invadiram a casa de Jasão, onde Paulo estava hospedado, mas quando não conseguiram encontrar o apóstolo, arrastaram seu anfitrião e alguns outros crentes diante das autoridades da cidade. Eles alegaram que Paulo era culpado de desafiar os decretos de César porque ele ensinava sobre outro rei chamado Jesus. Naquela mesma noite, Paulo escapuliu da cidade e seguiu para Bereia ([At 17.5-10](#)). A hostilidade dos judeus de Tessalônica em relação a Paulo é vista no fato de que, quando souberam que ele estava pregando em Bereia, eles o seguiram até lá e incitaram as multidões contra ele ([v.13](#)).

Nosso conhecimento básico sobre a igreja em Tessalônica vem de duas cartas de Paulo escritas em Corinto em uma data um pouco posterior. Essas primeiras cartas do apóstolo fornecem uma visão importante sobre a vida de uma congregação macedônia do primeiro século, que era principalmente gentia. Nos séculos que se seguiram, a cidade permaneceu como uma das principais fortalezas do cristianismo.

Veja também Paulo, O apóstolo; Tessalonicenses, Primeira carta aos; Tessalonicenses, Segunda carta aos.

Tessalonicenses, Primeira carta aos

Primeira epístola de Paulo à igreja em Tessalônica.

Resumo

- Autor(es);
- Data, origem e destino;
- Propósito; e
- Conteúdo.

Autor(es)

Os nomes de Paulo, Silas (grego “Silvano”) e Timóteo estão no início desta carta, e como em outras cartas de Paulo, seus colaboradores podem ter tido alguma participação na redação. Frequentemente, os pronomes plurais “nós” e “nos” são mantidos, mas “Eu, Paulo” ([1Ts 2.18](#)) e o pronome singular em outros lugares (veja [3.5](#); [5.27](#)) mostram que a carta era essencialmente de Paulo. A partir do século 19, alguns estudiosos questionaram a autoria paulina da epístola, mas sem razões convincentes. As questões tratadas

nesta carta são claramente questões enfrentadas por uma igreja nos estágios iniciais de sua existência. À luz das diferenças de expressão entre esta e outras cartas paulinas, alguns sugeriram que Silvano ou Timóteo podem ter tido uma participação significativa na sua redação, mas isso é incerto. A igreja primitiva não tinha dúvidas sobre a autoria da carta.

Data, origem e destino

A carta é endereçada especificamente à “igreja dos tessalonicenses” (1.1). De acordo com [Atos 17.1-9](#), Paulo, com Silas (Silvano) e Timóteo, durante seu trabalho missionário na província romana da Macedônia, veio de Filipos para Tessalônica. Ele foi primeiro, como era seu costume, à sinagoga, e por três sábados explicou e provou pelas Escrituras que o Cristo deveria sofrer e ressuscitar dos mortos, declarando que Jesus era o Cristo. Alguns judeus acreditaram em Jesus como seu Messias, assim como muitos gregos tementes a Deus e várias mulheres proeminentes. Mas então os judeus incitaram oposição, de modo que Paulo e seus colaboradores tiveram que deixar Tessalônica.

O tempo real passado em Tessalônica foi provavelmente mais de três semanas. Nesta carta, Paulo menciona trabalhar para seu sustento para não sobrecarregar os tessalonicenses ([1Ts 2.9](#)). Referências sobre suas ações e atitudes entre eles sugerem um período mais longo, e [Filipenses 4.16](#) menciona os cristãos filipenses enviando ajuda a Paulo em Tessalônica duas vezes.

Com Silas, e presumivelmente Timóteo, Paulo foi para Bereia, e seus colegas de trabalho ficaram lá quando Paulo prosseguiu para Atenas ([At 17.10-15](#)). Quando Timóteo se juntou a Paulo em Atenas, Paulo enviou Timóteo aos cristãos de Tessalônica porque estava preocupado com a forma como eles estavam enfrentando a oposição. Timóteo retornou de Tessalônica com boas notícias. Subsequentemente, Paulo escreveu esta carta.

[Atos 18.5](#) menciona Timóteo e Silas retornando da Macedônia para encontrar o apóstolo em Corinto. Provavelmente foi de Corinto, no início de sua estadia de 18 meses, que Paulo escreveu esta carta. Como seu trabalho em Corinto pode ser aproximadamente datado, esta epístola foi provavelmente escrita no início do ano 50, muito provavelmente cerca de um ano após a primeira pregação do evangelho em Tessalônica.

Propósito

O relatório de Timóteo sobre a situação em Tessalônica motivou Paulo a escrever esta carta. Possivelmente, Timóteo trouxe uma carta dos tessalonicenses. Isso é sugerido pela maneira como Paulo introduziu certos assuntos (“quanto ao amor fraternal”, [4.9](#); “quanto aos que dormem”, [4.13](#); “quanto aos tempos e às estações”, [5.1](#)) e então disse que não precisava escrever a eles sobre essas coisas. Havia várias razões pelas quais Paulo escreveu aos tessalonicenses:

1. Ele queria elogiar os cristãos de Tessalônica por sua fé e devoção, que se tornaram amplamente conhecidas como exemplo para os outros ([1.7-10](#)).
2. Ele percebeu que a perseguição que enfrentou em Tessalônica havia continuado para aqueles que deixou para trás, e ele queria encorajá-los a permanecer firmes ([2.13-16](#)). Ele temia por eles, mas ficou encantado com as notícias de sua firmeza ([3.1-10](#)).
3. Havia aqueles que estavam distorcendo a imagem do apóstolo em Tessalônica, possivelmente os judeus que iniciaram a oposição a ele quando esteve lá ([At 17.5](#)). Provavelmente disseram que ele era apenas um charlatão religioso que os havia afastado de sua religião para uma nova fé, e que nunca mais o veriam. Então, o apóstolo os lembrou de seus métodos e atitudes entre eles ([1Ts 2.1-12](#)) e falou sobre seus desejos e planos de vê-los novamente (vv.[17-18](#)).
4. Era necessário também exortar os cristãos de Tessalônica a viverem de acordo com os padrões cristãos, especialmente na questão da moralidade sexual ([4.1-8](#)). Outros assuntos relacionados ao seu modo de vida e seus relacionamentos dentro da comunhão cristã também precisavam de atenção ([4.9-12](#); [5.12-22](#)).
5. Outra grande preocupação era lidar com os equívocos dos cristãos de Tessalônica em relação àqueles que haviam morrido e à Segunda Vinda do Senhor ([4.13-18](#)). Em relação à esperança futura, havia também a questão dos “tempos e das estações”, e Paulo repetiu o ensinamento que havia dado quando estava entre eles ([5.1-11](#)).
6. Pode ter havido também um perigo de desunião que levou o apóstolo a enfatizar a comunhão de todos os crentes ([5.27](#)), a exortá-los a não menosprezar nenhum dom espiritual (vv.[19-21](#)), e a não falhar em respeitar seus líderes (v.[12](#)).

Conteúdo

Ação de graças pela resposta dos tessalonicenses ao Evangelho (1.2-10)

Paulo orou com gratidão porque em suas vidas os frutos da fé, amor e esperança eram evidentes. O evangelho havia chegado a eles com o poder do Espírito Santo, respaldado pelas vidas de seus mensageiros. Mesmo que receber o evangelho tenha envolvido sofrimento, a fé deles era um exemplo para os cristãos das províncias romanas da Macedônia e Acaia. Os tessalonicenses haviam se voltado para o Deus vivo, afastando-se dos ídolos, indicando que a maioria dos crentes era gentia em vez de judaica.

Defesa de Paulo de seu ministério em Tessalônica (2.1-12)

Devido a falsas acusações feitas contra ele, Paulo achou necessário defender seu ministério. Ele vinha de uma experiência de perseguição em Filipos e teve que enfrentar uma “grande oposição” em Tessalônica. Não havia engano em sua tentativa de persuadi-los sobre a verdade do evangelho. Esse evangelho foi confiado a ele por Deus, e seu único desejo era comunicá-lo a eles com total integridade.

A aceitação deles do Evangelho (2.13-16)

Os tessalonicenses aceitaram o evangelho como “a palavra de Deus” e sofreram nas mãos de seu próprio povo. Esses perseguidores enfrentarão o julgamento justo de Deus.

Preocupação contínua de Paulo por eles (2.17-20)

Se os acusadores de Paulo estavam dizendo que os tessalonicenses nunca o veriam novamente, ele poderia assegurar que muitas vezes quis retornar, mas foi impedido. Ao dizer “Satanás nos impediu”, Paulo pode estar se referindo ao incidente em que Jasão foi obrigado a prometer às autoridades que Paulo deixaria a cidade e não retornaria (At 17.9). De qualquer forma, os cristãos Tessalonicenses são sua “glória e alegria”. Sua satisfação será vê-los permanecer “diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda”.

A missão de Timóteo (3.1-5)

Temendo pelos cristãos de Tessalônica que enfrentavam perseguição, Paulo estava disposto a ficar sozinho no trabalho do evangelho em Atenas

(veja At 17.16-34) e enviou Timóteo para encorajá-los e apoiá-los em todas as suas “aflições”. Paulo reiterou que os cristãos devem sempre estar preparados para enfrentar o sofrimento.

As boas-novas que Timóteo trouxe (3.6-10)

O próprio Paulo continuava a sentir “angústia e aflição” por causa do evangelho, mas as notícias sobre a fé e o amor deles revigoraram seu espírito e lhe deram grande motivo para agradecer a Deus. Ele orava para que pudesse vê-los novamente e fortalecê-los ainda mais na fé.

Oração de Paulo (3.11-13)

A oração de Paulo era para que Deus o levasse de volta aos seus amigos em Tessalônica, e que eles pudessem transbordar de amor e serem firmados em santidade de vida, para que se apresentassem “e vocês serão completamente dedicados a ele e estarão sem culpa na presença do nosso Deus e Pai, quando o nosso Senhor Jesus vier com todos os que são dele” (3.13, NTLH).

Exortação à pureza de vida (4.1-8)

Santidade, não imoralidade, e santificação, não impureza, são o chamado do cristão. Paulo enfatizou isso ao afirmar que viver de maneira contrária demonstra desrespeito pelo Espírito Santo. Os padrões cristãos devem ser completamente diferentes dos padrões predominantes entre os pagãos que não conhecem a Deus. Por exemplo, as relações sexuais não devem ser determinadas pela luxúria, mas sim expressas em santidade e honra dentro dos laços do casamento.

Exortação prática (4.9-12)

O dever cristão de amor mútuo havia sido demonstrado em Tessalônica, mas Paulo pediu que fosse mostrado em medida crescente. Ele os exortou a viver tranquilamente, a trabalhar para seu sustento e a não depender dos outros para apoio.

O que aconteceu com aqueles que morreram desde que se tornaram crentes (4.13-18)

Os tessalonicenses podem ter escrito a Paulo sobre essa questão. Paulo lhes disse que não precisavam se entristecer, como aqueles sem esperança, por seus entes queridos que haviam falecido. Aqueles que estão vivos e aqueles que morreram compartilharão juntos a alegria e o triunfo do

retorno do Senhor. Aqueles que morreram “ressuscitarão primeiro”; aqueles que estão vivos na terra serão arrebatados para encontrar seu Mestre; então juntos, vivos e falecidos, “estarão sempre com o Senhor”. Com essa certeza, eles podem “confortar uns aos outros”.

Vivendo em prontidão para a vinda do Senhor (5.1-11)

Talvez mais perguntas tenham sido feitas sobre “os tempos e as estações” em relação à Segunda Vinda. Nem eles nem ninguém sabem o momento. O Senhor virá inesperadamente como “um ladrão na noite”. O que importa, portanto, é que os cristãos nunca devem ser complacentes, mas estar prontos o tempo todo, vivendo como “filhos do dia”, para que, acordados ou dormindo, “possamos viver com ele”.

Outros deveres cristãos (5.12-22)

Na última seção principal da carta, Paulo exortou os cristãos de Tessalônica a respeitarem seus líderes e a reconhecerem sua supervisão; a viverem em paz e unidade; a fazerem e incentivarem tudo o que é bom. A vontade de Deus para a vida cristã é alegria constante, oração e louvor. O Espírito Santo não deve ser apagado, o dom da profecia não deve ser desprezado, mas todas as coisas que afirmam ser de Deus devem ser testadas, para que o bem possa ser abraçado e o mal rejeitado.

Conclusão (5.23-28)

A oração final da carta é pela santidade de vida deles, para que possam estar “irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. O apóstolo pede: “Orem por nós”. Saudações devem ser transmitidas e a carta lida para todos os crentes.

Veja também Escatologia; Paulo, O apóstolo; Segunda vinda de Cristo; Tessalonicenses, Segunda carta aos; Tessalônica.

Testemunha

Alguém que diz o que viu ou experimentou pessoalmente, muitas vezes em um tribunal de lei. O termo também pode se referir ao testemunho que a pessoa deu.

Testemunho no Antigo Testamento

No procedimento judicial descrito no AT, uma testemunha não era adequada para o testemunho

pessoal contra alguém, mas duas ou três testemunhas eram necessárias ([Dt 17.6](#); [19.15](#)). Este princípio foi incorporado na lei judaica e é reiterado no NT (cf. [Mt 18.16](#); [2Co 13.1](#)).

A verdade do testemunho é tão importante que a Bíblia proíbe expressamente o falso testemunho no nono mandamento ([Êx 20.16](#); [Dt 5.20](#); cf. [Mc 10.19](#); [Lc 18.20](#)). A sabedoria prática de Provérbios fala frequentemente contra o falso testemunho (p. ex., [Pv 6.19](#); [14.5](#); [25.18](#)). No entanto, falsas testemunhas surgiram ([Sl 27.12](#); [35.11](#)), e há exemplos notáveis de trazer mais de uma testemunha para causar a morte de uma pessoa inocente. O caso de Nabote e sua vinha é notório; aqui Jezabel, esposa do rei Acabe, subornou dois homens para dar falso testemunho contra Nabote para que ele fosse apedrejado até a morte e seu marido ímpio pudesse tomar a vinha que ele cobiçou tão intensamente ([1Rs 21](#)).

As testemunhas poderiam ser testadas pelos juízes. Se o testemunho de um acusador fosse considerado falso, essa pessoa seria submetida à punição que ela havia buscado para o réu ([Dt 19.16-21](#)). Provérbios também fala da punição do falso testemunho ([Pv 19.5,9](#); [21.28](#)).

O AT registra vários relatos de processos legais nos quais as testemunhas são mencionadas. A maioria deles envolve a compra ou transferência de propriedade. [Rute 4.7-12](#) relaciona a redenção de um campo de Noemi por Boaz. Para confirmar a profecia do retorno dos exilados da Babilônia, Jeremias comprou e pagou por um campo na presença de testemunhas, que também assinaram a escritura da propriedade ([Jr 32.6-15](#)).

Na conclusão de sua mensagem de despedida em Siquém, Josué declarou que os próprios israelitas eram testemunhas de que eles haviam escolhido servir ao Senhor; então ele colocou uma grande pedra e declarou que também era uma testemunha ([Js 24.22-27](#)). O próprio povo de Israel foi declarado testemunha de Deus ([Js 43.10](#); [44.8-9](#)). Eles eram testemunhas da existência de Deus, de sua singularidade, santidade, poder e amor. Quando eles falharam em reconhecer sua singularidade e santidade e se voltaram para a idolatria, ele os enviou para o cativeiro, como ele havia advertido, pois eles haviam falhado em seu testemunho e haviam dado oportunidade para os inimigos de Deus blasfemarem.

Testemunho no Novo Testamento

No NT, as várias palavras para testemunho estão principalmente relacionadas com o verbo *martureo*, que significa “dar testemunho, ser uma testemunha”. A palavra “mártir” mostra a forma final de testemunho em que os cristãos sacrificaram suas vidas por causa de seu testemunho de Jesus Cristo.

João Batista foi tanto uma testemunha quanto um mártir. Como o antecessor do Messias, sua missão era dar testemunho da luz e identificar o Cordeiro de Deus ([Jo 1.7-8,19-36](#)). Os seguidores de Jesus, e especialmente os 12 apóstolos, eram testemunhas da pessoa e do caráter de Jesus. Eles o conheciam intimamente, ouviram seus ensinamentos e observaram seus milagres; três eram testemunhas de sua transfiguração ([Mt 17.1-2](#); [2Pe 1.17-18](#)) e muitos eram testemunhas de sua ressurreição ([Lc 24.48](#); [1Co 15.4-8](#)). No momento de sua ascensão, os discípulos foram especificamente comissionados para serem suas testemunhas ([At 1.8](#)).

Tetragrama

O nome refere-se às quatro consoantes de um dos principais nomes hebraicos para Deus. Origina-se das raízes gregas *tetra*, “quatro”, e *gramma*, “uma letra do alfabeto”. As quatro letras são os equivalentes hebraicos do inglês Y (ou J), H, W e H. O nome provavelmente significa “aquele que é, ou seja, o absoluto e imutável”. O Senhor revela o nome a Moisés ([Êx 3.15](#); compare com [13-14](#); [Jo 8.56-58](#)).

Nos Dez Mandamentos, o povo judeu foi instruído a não tomar este nome em vão ([Êx 20.2,7](#)). Assim, o povo judeu considerava o nome como sagrado e não o pronunciava. Em vez disso, eles diziam Adonai, “Senhor”. Originalmente, o texto foi escrito apenas com consoantes. Eventualmente, estudiosos chamados Massoretas adicionaram pontos vocálicos ao hebraico. Ao escrever o tetragrama, eles inseriram as vogais de Adonai como um lembrete para não ler o nome sagrado. Pessoas que não falavam hebraico combinaram as vogais de Adonai com as consoantes JHWH, criando “Jeová,” que não existe em hebraico. É possível que a pronúncia correta do nome fosse Javé. A maioria das traduções escreve SENHOR, usando letras maiúsculas para distingui-lo de outros usos da palavra “Senhor” em português.

Veja também Deus, Nomes de.

Tetrarca*

Título de uma classe de oficiais provinciais romanos. Os tetrarcas eram príncipes subordinados que não eram considerados importantes o suficiente para serem designados reis. O título foi usado nas províncias romanas de Tessália, Galácia e Síria. A origem do título parece ter vindo de governadores que governaram uma quarta parte de uma região ou país, como foi o caso na Síria após a morte de Herodes, o Grande. Nos tempos do NT, o significado etimológico havia diminuído, de modo que o título meramente designava príncipes secundários. Três tetrarcas são mencionados na Bíblia. Lucas relata que Herodes (Antipas) era o tetrarca da Galileia, Filipe era o tetrarca da Itureia e Traconites, e Lisânias era o tetrarca de Abilene ([Lc 3.1](#)). Destes, apenas Herodes é mencionado em outro lugar na Bíblia ([Mt 14.1](#); [Lc 3.19](#); [9.7](#); [At 13.1](#)). A maior importância de Herodes é indicada pelo fato de ele também ser referido como “rei” por seus súditos judeus ([Mt 14.9](#); [Mc 6.14](#)).

Teudas

Rebelde mencionado por Gamaliel em seu discurso perante o Sinédrio como um exemplo de que falsos messias cairiam sem a intervenção de ninguém ([At 5.36](#)). Teudas aparentemente liderou uma rebelião malsucedida contra Roma, na qual ele e outros 400 foram mortos. Uma dificuldade cronológica surge pelo fato de que Josefo relata uma rebelião liderada por Teudas durante o reinado de Cláudio, ocorrendo por volta de 44 d.C., que é de sete a dez anos *depois* do discurso de Gamaliel. Enquanto críticos apontaram este aparente anacronismo como evidência de que Lucas (ou algum editor posterior) estava em erro, várias outras soluções são possíveis. Possivelmente o erro está no relato de Josefo em vez do de Lucas, ou duas pessoas diferentes chamadas Teudas são mencionadas. Durante os anos finais de Herodes, o Grande, várias rebeliões ocorreram, uma das quais pode ter sido instigada por Teudas. Foi sugerido (sem qualquer evidência direta) que o escravo de Herodes, Simão, pode ter adotado o nome Teudas quando ganhou liberdade e posteriormente se rebelou contra Herodes. Embora a identidade de Teudas permaneça desconhecida, este fato não

necessariamente desacredita a precisão histórica da narrativa de Lucas.

Texto Ocidental

B. F. Wescott e F. J. A. Hort classificam o Texto Ocidental como um dos quatro principais tipos de texto do Novo Testamento Grego. *Veja* Bíblia, manuscritos e texto do (Novo Testamento).

Texugo

Um pequeno mamífero escavador com um dorso grande. Possui pernas grossas e curtas, além de longas garras nas patas dianteiras.

Algumas traduções os chama de "coelho", enquanto traduções modernas os chamam de "damão das rochas" ([Lv 11.5](#); [Dt 14.7](#); [Salmo 104.18](#); [Pv 30.26](#)). O damão das rochas mencionado na Bíblia é provavelmente o damão-da-síria (*Hyrax syriaca*). É a única espécie de damão encontrada fora da África.

Este pequeno ungulado (animal com cascos) vive entre as rochas do vale do Mar Morto até o Monte Hermom. É um animal herbívoro do tamanho de um coelho, mas se assemelha mais a um porquinho-da-índia. Possui orelhas pequenas e uma cauda ainda menor. Tem unhas largas com quatro dedos nas patas dianteiras e três nas traseiras. Seus dedos são conectados por uma pele que se assemelha a uma teia. As almofadas em seus pés funcionam como discos de sucção, permitindo que ele não escorregue nas rochas. Algumas pessoas o chamam de rato urso devido à sua pelagem amarela e marrom, que o faz parecer um rato sem cauda. Seus bigodes pretos podem chegar a 17,8 centímetros de comprimento.

Os damões vivem juntos em colônias de seis a 50 animais. Eles frequentemente se aquecem ao sol sobre as rochas. São difíceis de capturar. Eles têm vigias, e se avistarem perigo, o grupo se esconde. Usam assobios agudos para alertar a colônia sobre o perigo. Assim, a Bíblia os elogia por se esconderem nas rochas ([Sl 104.18](#)). A Bíblia os chama de sábios por fazerem "suas casas nas rochas" ([Pv 30.24.26](#)).

O texugo não ruma, mas a maneira como come faz parecer que ruma. Essa é provavelmente a razão pela qual foi incluído com outros animais ruminantes nas leis alimentares judaicas ([Lv 11.5](#);

[Dt 14.7](#)). Os judeus eram proibidos de comê-lo porque não tinha cascos fendidos. Enquanto isso, alguns árabes o consomem e até valorizam sua carne.

Tiago (Pessoa)

1. Tiago, irmão de Jesus; ancião líder na igreja em Jerusalém; autor da carta que leva seu nome.

Tiago é mencionado apenas duas vezes nos Evangelhos, juntamente com seus irmãos José (ou Ioséf em grego), Simão e Judas ([Mt 13.55](#); [Mc 6.3](#)). Tiago pode ter sido o mais velho dos irmãos depois de Jesus. Alguns perguntaram se esses eram irmãos de sangue de Jesus ou não. Mas parece não haver uma boa razão para desafiar o fato das Escrituras. Tiago, como seus outros irmãos, aparentemente não aceitou a autoridade de Jesus durante sua vida na terra ([Jo 7.5](#)).

A conversão de Tiago não é mencionada. Pode ter acontecido quando Jesus apareceu a ele e aos outros após sua ressurreição ([1Co 15.7](#)). Ele se tornou líder da igreja em Jerusalém ([At 12.17](#); [21.18](#); [Gl 2.9](#)). Embora Jesus sempre tenha ensinado a relativa subordinação dos laços familiares ([Mt 12.48-50](#); [Mc 3.33-35](#); [Lc 8.21](#)), é difícil acreditar que a autoridade de Tiago não foi, de alguma forma, elevada por causa de seu relacionamento com o Mestre.

Tiago foi considerado como um apóstolo ([Gl 1.19](#)), embora ele não fosse um dos Doze. Alguns sugerem que ele foi um substituto para o filho martirizado de Zebedeu; outros ampliam o escopo do termo "apóstolo" para incluir "os Doze" e "todos os apóstolos" (veja as duas categorias separadas citadas em [1Co 15.5.7](#)).

A tradição afirmava que Tiago foi nomeado o primeiro bispo de Jerusalém pelo próprio Senhor, bem como pelos apóstolos. O que é certo é que ele presidiu o primeiro Concílio de Jerusalém, chamado para considerar os termos para a admissão dos gentios na igreja cristã, e ele pode ter formulado o decreto aprovado por todos os seus colegas e foi enviado para as igrejas de Antioquia, Síria e Cilícia ([At 15.19-20](#)). Tiago evidentemente considerava seu próprio ministério especial como sendo para os judeus. Ele tinha um papel mediador na controvérsia que surgiu na jovem igreja em questão da importância da lei para aqueles que haviam se tornado cristãos, tanto das origens gentias quanto das judaicas.

Ele continuou a ter fortes simpatias judaico-cristãs, como pode ser visto em seu pedido a Paulo que visitou Jerusalém pela última vez ([At 21.18–25](#)). Esta também foi a última menção da carreira de Tiago em Atos. Ele é tradicionalmente considerado o autor da Carta de Tiago, onde ele se descreve como “um escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” ([Tg 1.1](#)).

De acordo com Hegésipo (ca. 180), Tiago foi referido como “o Justo”, por causa de sua adesão fiel à lei judaica e seu estilo de vida austero. Parece claro que Tiago sofreu martírio. Josefo situa-o no ano 61, quando houve uma revolta judaica após a morte de Festo, o procurador, e antes de seu sucessor ter sido nomeado.

2. Tiago, filho de Alfeu; um dos 12 apóstolos.

Tiago, filho de Alfeu, é sempre listado como um dos 12 apóstolos ([Mt 10.3](#); [Mc 3.18](#); [Lc 6.15](#); [At 1.13](#)), mas nada se sabe ao certo sobre ele. Levi (também conhecido como Mateus) também é descrito como o filho de Alfeu ([Mc 2.14](#)), mas ele e Tiago provavelmente não eram irmãos. Muitos estudiosos o identificaram com aquele chamado “Tiago, o menor”. A descrição “o menor” parece ter sido dada para distingui-lo do filho de Zebedeu, e pode significar que ele era menor ou mais jovem do que o filho de Zebedeu (a palavra grega pode abranger ambas as interpretações).

3. Tiago, filho de Zebedeu. Um dos 12 apóstolos; o primeiro deles a ser martirizado (44 d.C.).

Tiago era um pescador galileu. Podemos supor que ele tinha um estilo de vida confortável ([Mc 1.19–20](#)). Ele foi chamado para ser um dos discípulos ao mesmo tempo que seu irmão João ([Mt 4.21](#); [Mc 1.19–20](#)). É razoável supor que ele era mais velho do que João, tanto porque ele é quase sempre mencionado primeiro e porque João às vezes é identificado como “o irmão de Tiago” ([Mt 10.2](#); [17.1](#); [Mc 3.17](#); [5.37](#)).

Tiago, João e Simão Pedro, faziam parte de uma parceria de pesca que incluía André, o irmão de Simão ([Lc 5.10](#)). Os três alcançaram, de certo modo, um lugar de liderança entre os discípulos. Eles são encontrados no centro das coisas — por exemplo, quando a filha de Jairo foi ressuscitada ([Mc 5.37](#); [Lc 8.51](#)), na Transfiguração ([Mt 17.1](#); [Mc 9.2](#); [Lc 9.28](#)), no Monte das Oliveiras ([Mc 13.3](#)) e no Jardim do Getsêmani ([Mt 26.37](#); [Mc 14.33](#)). Além disso, Tiago e João haviam acompanhado Jesus até a casa de Simão e André ([Mc 1.29](#)).

Jesus deu a Tiago e João o apelido de Boanerges, que significa “filhos do trovão” ([Mc 3.17](#)), quando o Senhor os repreendeu por sua fala explosiva e por terem entendido totalmente mal o propósito de sua vinda. Isso pode ter sido a consequência de sua sugestão de orar pela destruição da aldeia samaritana, por causa da rejeição dos aldeões aos mensageiros de Jesus ([Lc 9.54](#); cf. [Mc 9.38](#); [Lc 9.49](#)).

Os dois irmãos também foram presunçosos e precipitados quando pediram um lugar de honra no reino. Jesus profetizou que Tiago e seu irmão beberiam o cálice que seu Mestre deveria beber ([Mc 10.35–40](#); cf. [Mt 20.20–23](#)). Supõe-se que os dois estavam presentes com os outros discípulos quando o Cristo ressuscitado apareceu no Mar da Galileia ([Jo 21.1](#)), embora curiosamente o nome de Tiago não seja mencionado em lugar algum no quarto Evangelho.

Não sabemos nada sobre a carreira de Tiago posteriormente até cerca do ano 44, quando a profecia de Jesus se cumpriu: Tiago foi morto “pela espada” de Herodes Agripa I e, portanto, se tornou o primeiro dos Doze a quem o martírio foi referido no NT ([At 12.1–2](#)).

A esposa de Zebedeu era Salomé ([Mt 27.56](#); [Mc 15.40](#)), que pode ter sido uma irmã da mãe do Senhor ([Jo 19.25](#)). Se fosse assim, significaria que Tiago e João eram primos de primeiro grau de Jesus e que eles podem ter se considerado em uma posição privilegiada.

Tiago, Carta De

Primeira carta das Epístolas Gerais.

Resumo

- Autor
- Data, origem e destino
- Propósito da escrita e ensino teológico
- Conteúdo

Autor

De acordo com a saudação, esta carta foi escrita por “Tiago, um servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” ([Tg 1.1](#), NTLH). Mas quem era este Tiago? Dos vários mencionados no NT, apenas dois foram propostos como o autor desta carta — Tiago, filho de Zebedeu, e Tiago, o irmão do Senhor.

O Tiago que escreveu esta epístola provavelmente não foi Tiago, filho de Zebedeu, pois ele foi martirizado muito cedo (44 d.C.) para tê-la escrito (veja [At 12.1-2](#)). A maioria dos estudiosos identificou este Tiago como o irmão de Jesus ([Mc 6.3](#); [Gl 1.19](#)), o presbítero proeminente da igreja em Jerusalém ([At 15.13.19](#); [21.17-25](#); [Gl 2.12](#)). Todo o caráter da epístola coincide com o que sabemos sobre o compromisso de Tiago com as leis e o judaísmo.

Como um presbítero de Jerusalém escrevendo para as 12 tribos da dispersão (que veio como resultado da perseguição observada em [Atos 11.19](#)), Tiago estabeleceu o evangelho em sua relação com a lei, que os judeus reverenciavam. Como as epístolas de Paulo são um comentário sobre as doutrinas que fluem da morte e ressurreição de Cristo, assim a epístola de Tiago tem uma conexão próxima com o ensino de Cristo durante sua vida na terra, especialmente seu Sermão do Monte. Tanto no Sermão do Monte quanto na Epístola de Tiago, a lei é representada como cumprida em amor, e a própria linguagem é notavelmente semelhante (cf. [Tg 1.2](#) com [Mt 5.12](#); [Tg 1.4](#) com [Mt 5.48](#); [Tg 1.5](#) e [5.14-15](#) com [Mt 7.7-11](#); [Tg 2.13](#) com [Mt 5.7](#) e [6.14-15](#); [Tg 2.10](#) com [Mt 5.19](#); [Tg 4.4](#) com [Mt 6.24](#); [Tg 4.11](#) com [Mt 7.1-2](#); [Tg 5.2](#) com [Mt 6.19](#)). Todo o espírito desta epístola respira a mesma justiça do evangelho que o Sermão do Monte inculca como a maior realização da lei. O próprio caráter de Tiago como “o Justo” se adequava a esta coincidência (cf. [Tg 1.20](#); [2.10](#); [3.18](#) com [Mt 5.20](#)). Também o encaixava por presidir uma igreja ainda zelosa pela lei ([At 21.18-24](#); [Gl 2.12](#)). Se alguém poderia ganhar os judeus para o evangelho, ele era o mais provável porque ele apresentou um padrão de justiça do AT, combinado com a fé evangélica (cf. também [Tg 2.8](#) com [Mt 5.44.48](#)).

Data, origem e destino

Muitos estudiosos confirmam uma data antecipada para a epístola de Tiago, mesmo já em 45–49 d.C., porque toda a orientação da epístola se encaixa na história inicial da igreja, uma era em que muitos cristãos judeus não haviam feito uma separação completa do judaísmo. Assim, Tiago usa os termos “as doze tribos” ([Tg 1.1](#)) e “a sinagoga” ([2.2](#), grego); ele fala como um profeta do AT ([5.1ss](#)) e como um apreciador de provérbios do AT (cf. [Tg 1.5](#) com [Pv 2.6](#); [Tg 1.19](#) com [Pv 29.20](#); [Tg 3.18](#) com [Pv 11.30](#); [Tg 4.13-16](#) com [Pv 27.1](#); e [Tg 5.20](#) com [Pv 10.12](#)). A mensagem de Tiago, como foi observado anteriormente, segue de perto os sermões de Jesus. Sua mensagem não lida com os problemas

judaicos/gentios que surgiram nos anos 50 e 60. Além disso, ao contrário de Pedro, Judas e João (em suas epístolas), ele não lidou com falsos ensinamentos. Todos esses fatos apontam para uma data antecipada. Esta data é provavelmente antes de 50 d.C., quando o primeiro concílio de Jerusalém se reuniu para debater o problema judaico/gentio ([At 15.1ss](#)). Além disso, a data é provavelmente após 44 d.C., o tempo da perseguição instigada por Herodes Agripa ([12.1](#)). Esta perseguição teria feito com que muitos cristãos judeus deixassem Jerusalém e, assim, fossem “os dispersos” ([Tg 1.1](#)). Assim, Tiago deve ser datado de 45–49 d.C. Como tal, a Epístola de Tiago foi o primeiro livro do NT a ser escrito. Se essas datas não forem precisas, então estamos, pelo menos, certos de que foi escrita antes de 61 ou 62 d.C., o tempo do martírio de Tiago, de acordo com Josefo.

Embora uma série de sugestões tenham sido feitas de tempos em tempos sobre a origem do livro, pode haver pouca dúvida de que a carta foi escrita na Palestina. O autor faz alusões que são, em geral, do Oriente Próximo e, em particular, palestinas (cf. “a chuva cedo e tardia”, [5.7](#); a fonte de água salobra, [3.11](#); o figo, azeitona e videira, [3.12](#); e o “calor escaldante”, [1.11](#)).

O conteúdo da carta indica claramente que Tiago estava escrevendo aos cristãos judeus. Eles são chamados de “as doze tribos”, um título de Israel ([1.1](#)); seu cristianismo é assumido em [2.1](#); seu lugar de reunião é chamado de sinagoga ([2.2](#)); e eles são informados sobre a compaixão do “Senhor Todo-Poderoso” ([5.4](#)) — um nome para Deus usado no AT. Nas passagens menores e desconectadas da carta, é impossível descobrir qualquer coisa sobre as circunstâncias dos leitores. A maioria dessas exortações é geral e se relaciona com as condições sociais e espirituais que alguém poderia encontrar entre qualquer grupo de cristãos em qualquer era. As passagens mais estendidas que lidam com as condições sociais ([2.1-12](#); [5.1-11](#)) fornecem informações sobre a situação dos leitores. Tiago está se dirigindo aos cristãos pobres empregados como trabalhadores agrícolas por proprietários de terras ricos. Alguns ricos podem ser incluídos entre seus leitores cristãos judeus (cf. [4.13-17](#)), mas Tiago está principalmente interessado nos pobres. Suas declarações denunciando os ricos são uma reminiscência dos profetas do AT, especialmente Amós.

Propósito da escrita e ensino teológico

A carta de Tiago foi escrita (1) para fortalecer os cristãos judeus em meio as provações ([Tg 1.2-4.13-15](#); [5.7-11](#)); (2) para corrigir um mal-entendido da doutrina Paulina da justificação pela fé ([2.14-26](#)); e (3) para passar aos cristãos da primeira geração uma riqueza de sabedoria prática.

A teologia de Tiago não é dogmática; omite os grandes temas teológicos que dominam os escritos de Paulo e desempenham um papel tão importante no resto dos livros do NT. Tiago não faz menção da Encarnação, e o nome de Cristo aparece apenas duas vezes ([1.1](#); [2.1](#)). Nenhuma menção é feita dos sofrimentos, morte ou ressurreição de Cristo.

A teologia de Tiago é prática e tem um teor judaico definido. As características cristãs distintas, é claro, estão lá. Tiago simplesmente misturou os dois para produzir um documento judaico-cristão.

Os temas teológicos notáveis da carta são os seguintes:

Tentações e Provações

Os ensinamentos tipicamente judaicos — alegria nas provações e o uso de provações para a construção e aperfeiçoamento do caráter — são ambos encontrados na carta ([1.2-4](#)). Tiago também aborda a origem da tentação (vv. [13-15](#)). Aqui o autor entra em conflito com a teologia judaica contemporânea. A solução rabínica para o problema da origem do pecado era que havia uma tendência maligna no homem que seduz o homem ao pecado. Os rabinos argumentavam que, uma vez que Deus é o Criador de todas as coisas, incluindo o impulso maligno nas pessoas, eles não são responsáveis por seus pecados. Não, diz Tiago. “E lembre-se, ninguém que quer fazer o que é errado deve dizer: ‘Deus está me tentando’. Deus nunca é tentado a fazer o que é errado, e ele nunca tenta a ninguém também. A tentação vem da isca de nossos próprios desejos malignos” (vv. [13-14](#), NTLH).

Lei

Toda a carta está relacionada com o ensino ético; não há menção das verdades centrais do evangelho da morte e ressurreição de Cristo. Tiago pressupõe o evangelho e apresenta o lado ético do cristianismo como uma lei perfeita. Ele parece estar encorajando seus leitores judeu-cristãos de que ainda há lei para eles (a posse inestimável de cada judeu).

A lei (ensino ético do cristianismo) é uma lei perfeita ([1.25](#)) porque foi aperfeiçoada por Jesus Cristo. Também é uma lei de liberdade — isto é, uma lei que se aplica àqueles que têm liberdade, não da lei, mas do pecado e do ego através da “palavra da verdade”. Assim, “lei” é a maneira de um judeu palestino-cristão de descrever o ensino ético da fé cristã, o padrão de conduta para o crente em Jesus Cristo.

Esta tendência de descrever o ensino ético cristão como a lei é encontrada em [2.8-13](#), uma passagem que surge de uma repreensão contra o favoritismo que os leitores de Tiago estavam mostrando em relação aos ricos. Este favoritismo estava sendo tolerado por um apelo à lei do amor ao próximo. Então Tiago escreve: “Se vocês de fato obedecerem à lei real... estarão agindo corretamente.” ([2.8](#), NVI). A “lei real” é para aqueles que são do reino de Deus; é a regra de fé para aqueles que de bom grado se sujeitaram ao governo de Deus. A identificação da lei com o aspecto ético do cristianismo percorre toda a carta.

Fé e Obras

A fé desempenha um papel importante na teologia de Tiago. O elemento básico da piedade ([1.3](#); cf. [2.5](#)) é a crença em Deus — não apenas a crença em sua existência, mas a crença em seu caráter como sendo bom e benevolente em seus tratos com a humanidade ([1.6](#)). A fé inclui a crença no poder de Deus e em sua capacidade de realizar atos milagrosos; está intimamente associada com a oração ([5.15-16](#); cf. [1.6](#)). Tiago tem um conceito dinâmico de fé e claramente vai além do judaísmo quando ele fala de fé dirigida ao Senhor Jesus Cristo ([2.1](#)).

Existem semelhanças entre o conceito de fé em Tiago e esse conceito nos ensinamentos de Jesus. Para o Senhor Jesus, a fé também significava ganhar acesso ao poder divino e é muitas vezes associada com a cura (cf. [Mt 21.22](#); [Mc 5.34](#); [11.24](#)).

A passagem mais conhecida em que a fé é mencionada é [Tg 2.14-26](#), onde é contrastada com as obras. De um estudo íntimo desta passagem, pode ser determinado que Tiago não está contradizendo Paulo. Tanto para Tiago quanto para Paulo, a fé é dirigida ao Senhor Jesus Cristo; tal fé sempre produzirá boas obras. A fé de que Tiago fala não é fé no sentido hebraico de confiança em Deus que resulta em ação moral. Isso não é reconhecido como a verdadeira fé por Tiago (cf. “se um homem disser que ele tem fé”, [2.14](#)), e Paulo concordaria com ele.

O uso de Tiago da palavra “obras” difere significativamente do de Paulo. Para Tiago, “obras” são obras de fé, a realização ética da verdadeira espiritualidade e incluem especialmente a “obra de amor” (2.8). (Paulo provavelmente chamaria tais obras de “o fruto do Espírito”). Quando Paulo usa a palavra “obras”, ele geralmente tem em mente as obras da lei pelas quais as pessoas tentam estabelecer sua própria justiça diante de Deus. É contra tal heresia teológica que as mais fortes polêmicas de Paulo são abordadas nas cartas aos gálatas e aos romanos.

Sabedoria

O conceito de sabedoria de Tiago também revela o contexto judaico da carta. A sabedoria é principalmente prática, não filosófica. Não deve ser identificada com o poder de raciocínio ou a capacidade de apreender questões intelectuais; não tem nada a ver com as perguntas de *como* ou *por que*. Deve ser buscada por oração sincera e é um dom de Deus (Tg 1.5). Ambas as ideias encontram suas raízes na Literatura de Sabedoria dos judeus (cf. Pv 2.6; Sb 7.7; Eclo 1.1). O homem sábio demonstra sua sabedoria por sua boa vida (Tg 3.13), enquanto a sabedoria que produz ciúme e egoísmo não é o tipo de sabedoria de Deus (vv. 15-16).

Doutrina do Fim dos Tempos

Três importantes temas do fim dos tempos são abordados na carta.

O Reino de Deus

A menção do reino de Deus surge de uma discussão de favoritismo na primeira metade do capítulo 2. Nenhum favoritismo deve ser mostrado aos ricos, pois Tiago pergunta: “Deus não escolheu os pobres neste mundo para serem ricos em fé? Não são eles que herdarão o reino que Deus prometeu aos que o amam?” (2.5, NTLH). Isso ecoa o ensino de nosso Senhor em Lc 6.20: “Felizes são vocês, os pobres, pois o Reino de Deus é de vocês.” (NTLH). O reino é o reinado de Deus cumprido parcialmente nesta vida, mas totalmente cumprido na vida por vir (cf. “prometeu”, Tg 2.5).

Julgamento

Este é um tema dominante do fim dos tempos da carta. Em 2.12, os leitores são admoestados a falar e agir, lembrando que eles serão julgados sob a lei da liberdade, e eles são lembrados de que o julgamento é sem misericórdia a alguém que não mostrou misericórdia. Em outras palavras, o

julgamento será administrado de acordo com “obras de amor”. Em 3.1, Tiago se dirige aos mestres e os lembra que o privilégio é outra base na qual Deus julga.

O tema do julgamento aparece novamente em 5.1-6, e aqui o autor atinge dimensões proféticas. O julgamento de Deus cairá sobre os proprietários de terras ricos que viveram vidas autoindulgentes e irresponsáveis. Não apenas enganaram seus pobres arrendatários; eles até “têm condenado e matado os inocentes, e eles não podem fazer nada contra vocês [os proprietários de terras]” (5.6, NTLH). Tudo isso os tornou aptos para o julgamento (“estão gordos como gado pronto para o matadouro.” — v. 5, NTLH).

A passagem final sobre o julgamento (5.9) é dirigida àqueles que estão sendo explorados ou sofrendo. A palavra de exortação de Tiago é que eles não devem murmurar uns contra os outros. Julgar é o ofício de Deus, e o Juiz está próximo.

A segunda vinda

A esperança da vinda de Cristo é apresentada como o grande estímulo para a vida cristã. Todo tipo de sofrimento e provação deve ser suportado porque a vinda de Cristo está próxima (5.8). Esta expectativa é poderosa e imediata — como a encontrada nas cartas de Tessalônica.

Conteúdo

No verdadeiro espírito da Literatura de Sabedoria, Tiago toca em muitos assuntos. Seus parágrafos breves e abruptos foram comparados a um colar de pérolas — cada um é uma unidade própria. Algumas transições existem, mas elas são muitas vezes difíceis de encontrar e Tiago se move rapidamente de um assunto para outro.

O autor começa identificando-se como o “servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo”, e seus leitores como as “doze tribos na dispersão” (veja ARA) — isto é, os cristãos judeus que deixaram Jerusalém e Israel devido à perseguição.

Sua primeira palavra é de encorajamento. As provações devem ser contadas como alegria porque elas são a maneira de Deus testar o crente, e elas produzem maturidade espiritual. Se a razão para uma provação não for clara, Deus pode e dará a resposta. Ele é um doador generoso de sabedoria àqueles que realmente querem (1.5-8).

Um cristão pobre deve estar orgulhoso de sua posição exaltada em Jesus Cristo, e um cristão rico deve estar feliz que ele tenha descoberto que há

coisas mais importantes do que a riqueza. As riquezas são transitórias, como flores murchando rapidamente sob o sol quente da Palestina (1.9-11).

Deus promete vida àqueles que suportam provações. Não se deve responsabilizar Deus pela tentação, pois é contrário à sua própria natureza ser tentado ou tentar as pessoas. A tentação tem sua origem no desejo egoísta das pessoas — um desejo que, quando plenamente realizado, produz morte (1.12-15). Deus não é a origem da tentação, mas a fonte de todo o bem. Ele deu às pessoas seu melhor presente, o presente da nova vida, e isso veio através do evangelho (vv. 16-18).

A atitude adequada em relação à Palavra da Verdade é receptividade, não raiva, e ouvir de modo eficaz essa palavra envolve preparação espiritual de coração e mente. Tal recepção da palavra traz salvação (1.19-21). A palavra deve ser posta em prática, não meramente ouvida. Ser um ouvinte passivo é ser como um homem que se vê em um espelho, e porque ele lança um olhar tão breve, esquece o que ele vê. Um ouvinte ativo, aquele que lança um olhar demorado no espelho da Palavra de Deus, se tornará um praticante, e Deus trará grande bênção à sua vida (vv. 22-25).

A verdadeira religião é uma coisa intensamente prática. Envolve coisas como controlar a própria língua, cuidar das necessidades dos órfãos e viúvas, e adotar um estilo de vida não mundano (1.26-27).

O favoritismo e fé em Jesus Cristo não andam juntos. É errado mostrar favoritismo a um homem rico quando ele chega à reunião e ignorar um homem pobre. Deus escolheu as pessoas pobres para serem herdeiros de seu reino. Além disso, mostrar favoritismo aos ricos não faz sentido, uma vez que eles são os mesmos que arrastam os cristãos para a corte e blasfemam o nome de Cristo (2.1-7). Se, ao mostrar deferência aos ricos, a lei real — amar o próximo como a si mesmo — é cumprida, então tudo bem. Mas mostrar favoritismo é pecado, e tal pecado será julgado por Deus. Para ser um infrator, basta quebrar uma única lei (vv. 8-13).

Uma fé que não produz obras pode salvar uma pessoa? Quão boa é uma fé que não responde à necessidade humana? Tal fé está morta. Alguém se oporá dizendo que há “cristãos de fé” e há “cristãos de obras”. Mas não é assim. A verdadeira fé é sempre demonstrada pelas obras. Não é suficiente ter crenças ortodoxas. Até os demônios são teologicamente ortodoxos! Abraão, oferecendo

Isaque, é um exemplo de como a verdadeira fé e as obras andam juntas. Até Raabe, a prostituta, demonstrou sua fé protegendo os espiões em Jericó. Então fé e as obras são inseparáveis (2.14-26).

Poucas pessoas devem se tornar mestres espirituais, por causa da incrível responsabilidade envolvida. Todos nós estamos sujeitos a erros, especialmente erros da língua, porque a língua é quase impossível de controlar. É como uma chama destrutiva estabelecida pelo próprio inferno. A língua também é inconsistente; é usada tanto para louvar a Deus quanto para amaldiçoar os homens. Tal inconsistência não deveria existir (3.1-12).

A verdadeira sabedoria sempre evidenciará a si mesma na vida ética, enquanto a falsa sabedoria produz ciúme e ambição egoísta (3.13-18).

Luta e conflito surgem de desejos ilegítimos. O fracasso por não ter o que se quer surge de não pedir a Deus ou de pedir a coisa errada. Ser um amigo do mundo é ser um inimigo de Deus, pois Deus é um Deus zeloso e não tolerará rivais. Ele também se opõe aos soberbos, mas oferece graça abundante aos humildes (4.1-10).

Falar contra um irmão ou irmã, ou julgá-los, é falar contra a lei de Deus e julgá-la. O papel adequado do cristão é ser um cumpridor da lei, não um juiz. O papel de juiz pertence apenas a Deus (4.11-12).

A vida é incerta. Portanto, planos para viajar ou fazer negócios devem ser feitos com a percepção de que todos estão sujeitos à vontade de Deus. Fazer o contrário é ser jactancioso e arrogante. Quando o que é certo é claramente conhecido e alguém falha em fazê-lo, isso é pecado (4.13-17).

O julgamento está vindo para os ricos porque eles estão amontoando sua riqueza em vez de usá-la para bons propósitos. Deus não esquece dos clamores dos pobres que os ricos enganaram e condenaram injustamente. Ele está preparando os ricos egoístas e sem escrúpulos para um dia de julgamento terrível (5.1-6).

No meio do sofrimento e injustiça, os pobres devem ser pacientes com a vinda de Cristo, pois o agricultor deve ser paciente enquanto espera que Deus envie as chuvas para fazer com que suas colheitas cresçam e amadureçam. O retorno de Cristo está próximo e, portanto, queixar-se e julgar uns aos outros deve cessar. Jó é um bom exemplo de paciência e resistência no sofrimento. Não é preciso usar juramentos para garantir a veracidade

de suas declarações. Um único sim ou não é suficiente ([5.7-12](#)).

O sofrimento deve levar à oração, e a alegria deve levar ao louvor. Quando os crentes estão doentes, eles devem chamar os presbíteros da igreja para orar por eles e ungi-los com óleo. Deus prometeu responder a tais orações. Se a doença for devido ao pecado pessoal, e se esse pecado for confessado, Deus perdoará. Elias é um exemplo clássico de como a oração de um homem justo tem resultados poderosos ([5.13-18](#)).

Se um cristão vê que outro cristão se desviou da verdade e é capaz de trazê-lo de volta à comunhão com Cristo e sua igreja, as consequências serão (1) que o pecador será salvo da morte, e (2) que Deus perdoará o cristão errante ([5.19-20](#)).

Veja também Irmãos de Jesus; Tiago (Pessoa).

Tiatira

Localização de uma das sete igrejas mencionadas no livro do Apocalipse. A cidade foi fundada pelo reino da Lídia e posteriormente capturada por Seleuco, general de Alexandre. Em seguida, serviu como um assentamento de fronteira para proteger seu reino de Lisímaco, seu rival a oeste.

Após o reino de Pérgamo ser fundado (282 a.C.), Tiatira tornou-se a fronteira entre Pérgamo e os sírios. A cidade não possuía defesas naturais, pois não foi construída em uma colina, tornando-se suscetível a invasões repetidas. A força da cidade residia em grande parte em sua localização estratégica e na fertilidade da área ao seu redor. Seus habitantes eram descendentes de soldados macedônios e mantinham muito da militância de seus ancestrais, sendo defensores formidáveis da cidade.

Quando Roma derrotou Antíoco em 189 a.C., Tiatira foi incorporada ao reino de Pérgamo, aliado de Roma. Paz e prosperidade se seguiram. Sob o imperador romano Cláudio (41-54 d.C.), Tiatira ganhou nova proeminência e foi autorizada a emitir suas próprias moedas. O imperador Adriano incluiu esta cidade em seu itinerário pelo Oriente Médio (134 d.C.), uma indicação da importância de Tiatira no segundo século d.C.

A prosperidade atraiu muitos judeus para esta área. Entre as atividades comerciais da cidade estavam os têxteis e as armaduras de bronze. Os

armeiros faziam parte de uma guilda, assim como os ourives em Éfeso. A primeira convertida cristã conhecida na Europa foi uma empresária de Tiatira chamada Lídia ([At 16.14-15.40](#)). Ela se especializou nas custosas vestes púrpuras que eram exportadas de Tiatira para a Macedônia. Aqui, o corante púrpura, da raiz de rubia, oferecia um tecido muito mais barato para competir com as vestes mais caras tingidas com o caro corante de murex da Fenícia.

Na mensagem à igreja em Tiatira, os membros são elogiados por seu amor, fé, serviço e perseverança ([Ap 2.19](#)). No entanto, a influência do paganismo ainda é evidente na dura repreensão àqueles que toleram a heresia liderada por “Jezabel”. A tentação deles era semelhante à dos crentes de Corinto, que estavam incertos sobre comer alimentos dedicados a ídolos ([1Co 8.1-13](#)). As guildas comerciais realizavam festivais periódicos nos quais alimentos oferecidos a ídolos eram consumidos, às vezes acompanhados por ritos licenciosos que misturavam religião e sexo. Esta igreja foi condenada por se acomodar a essas práticas pagãs. A imoralidade era tão comum entre os pagãos que a igreja primitiva, com sua atitude intransigente em relação à impureza, vivia em constante tensão com os costumes da comunidade. A superstição e o culto ao diabo também eram aparentemente uma grande tentação. As “coisas profundas de Satanás” ([Ap 2.24](#)) provavelmente se referem a uma das seitas gnósticas que enfatizavam a “profundidade” e realizavam ritos secretos nos quais apenas os iniciados participavam. A tentação era tão séria que a melhor esperança era a sobrevivência do remanescente — daí a exortação “retenha o que você tem, até que eu venha” ([v.25](#)).

Veja também Apocalipse, Livro de.

Tício Justo

Um cristão de Corinto junto de quem o apóstolo Paulo ficou hospedado ([At 18.7](#)).

Veja Justo #2.

Tidal

Rei de Goim que lutou com a confederação de Quedorlaomer contra Sodoma ([Gn 14.1-9](#)).

Tigela

Um prato fundo utilizado para conter alimentos ou líquidos.

Veja Cerâmica.

Tijolo, Forno de tijolos

Um tijolo é um bloco retangular feito de barro ou argila moldada. Ele é seco ao sol ou endurecido por queima em um forno especial para fazer tijolos. Os tijolos são usados para construir estruturas e fazer pavimentos. No mundo bíblico antigo, o tijolo era o material de construção mais comumente usado, especialmente na Babilônia (antigo Iraque). A palavra hebraica para "tijolo" vem de um verbo que significa "ser branco", referindo-se à aparência da argila usada para fazer tijolos.

Na Babilônia, os construtores raramente tinham boas pedras disponíveis, então usavam pedra apenas para pequenas partes dos edifícios, como vergas (suportes horizontais acima das portas), umbrais e dobradiças de portas. Os tijolos babilônicos eram feitos de lama ou argila encontrada em pântanos e planícies. Primeiro, os trabalhadores removiam itens indesejados da argila, como pedrinhas. Depois, misturavam a argila com palha picada ou grama. Quando esse material vegetal se decompunha, liberava ácidos que tornavam a argila mais fácil de moldar.

Os fabricantes de tijolos adicionavam água e amassavam a mistura com os pés. Em seguida, moldavam-na em tijolos quadrados, de 20 a 30,5 centímetros de largura e sete a dez centímetros de espessura. Os tijolos eram frequentemente carimbados com o nome do rei que governava usando um bloco de madeira. Alguns tijolos encontrados perto da Babilônia ainda possuem o carimbo do rei Nabucodonosor.

Os tijolos babilônicos eram geralmente queimados em fornos, em vez de serem secos ao sol. Os tijolos secos ao sol se desintegravam facilmente sob chuvas fortes. No entanto, os tijolos queimados em forno eram muito resistentes. Esses tijolos mais fortes eram usados para edifícios importantes, pavimentos e paredes externas. Arqueólogos encontraram muitos fornos de tijolos antigos na Babilônia.

No antigo Egito, tijolos eram usados para construir paredes, templos e armazéns. No entanto, poucos fornos de tijolos foram encontrados lá. Os tijolos

egípcios eram geralmente secos ao sol em vez de queimados. Às vezes, os tijolos egípcios eram feitos sem palha, mas os tijolos de lama do Nilo precisavam de palha para mantê-los unidos. Os tijolos egípcios eram retangulares e variavam em tamanho. Eles mediam cerca de 10 a 51 centímetros de comprimento, 15 a 23 centímetros de largura e 10 a 18 centímetros de espessura. Assim como na Babilônia, os tijolos egípcios eram frequentemente carimbados com um selo de identificação.

Os egípcios consideravam que a fabricação de tijolos era um trabalho de baixo status que deveria ser realizado por escravos. Durante seu tempo como escravos no Egito, os israelitas foram forçados a fazer tijolos ([Êx 1.11-14](#); [5.6-19](#)). O sofrimento deles aumentou quando tiveram que recolher palha enquanto faziam o mesmo número de tijolos. Quando os israelitas deixaram o Egito durante o êxodo, levaram consigo a habilidade de fabricar tijolos para a terra prometida.

Veja também Arquitetura; Cerâmica.

Timão

Um dos sete homens escolhidos pela igreja primitiva em Jerusalém para servir às viúvas e gerenciar a distribuição diária de alimentos ([At 6.5](#)). Esses sete homens foram selecionados porque estavam cheios do Espírito Santo e sabedoria. Os outros seis homens eram Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicanor, Pármenas, e Nicolau.

Timeu

Pai de Bartimeu, o mendigo cego cuja visão Jesus restaurou perto do portão que leva a Jericó ([Mc 10.46](#)).

Timna (Lugar)

1. Uma das cidades na fronteira norte da herança de Judá, localizada entre Bete-Semes e Ecrom ([Is 15.10](#)). Este é o provável local do caso de Judá com Tamar, que resultou no nascimento de Perez e Zerá ([Gn 38.12-14](#)). Uma cidade fronteiriça entre Judá e Filístia, Timna foi o lugar onde Sansão teve suas primeiras dificuldades matrimoniais com uma das filhas dos filisteus ([Jz 14.1-5](#); [15.6](#)). A cidade evidentemente mudou de mãos frequentemente

entre os israelitas e os filisteus. Aparentemente, Israel conseguiu controlar Timna durante a conquista (cf. [Js 19.43](#)), mas estava sob controle filisteu na época de Sansão ([Jz 14.1](#)). Acaz recapturou Timna (c 730 a.C.) dos filisteus ([2Cr 28.18](#));

2. Uma das cidades da região montanhosa do sul que fazia parte da herança de Judá ([Js 15.57](#)). É possível que este seja o local do encontro de Judá com Tamar ([Gn 38.12-14](#); e talvez o mesmo que o #1 acima).

Timna (Pessoa)

1. Filha de Seir, irmã de Lotã, e uma habitante horita nativa de Edom ([Gn 36.22](#); [1Cr 1.39](#)). Ela foi concubina de Elifaz, filho de Esaú, e mãe de Amaleque ([Gn 36.12](#));

2. Chefe edomita ([Gn 36.40](#); [1Cr 1.36.51](#)). Este nome pode se referir tanto ao ancestral do clã edomita quanto à área geográfica ocupada pelo clã.

Timnate

A Grafia de Timna na NTLH, uma cidade no norte de Judá, em [Gênesis 38.12-14](#) e [Juízes 14.1-5](#). Veja Timna (Lugar) #1.

Timóteo (pessoa)

Um jovem que se converteu ao Cristianismo e trabalhou com o apóstolo Paulo. Seu nome significa "aquele que honra a Deus".

Timóteo aparece pela primeira vez em [Atos 16.1-3](#) como discípulo de Paulo, que era "filho de uma mulher judia crente e de um pai grego" (v.1). Ele era um cristão de terceira geração, após sua mãe, Eunice, e sua avó, Lóide ([2Tm 1.5](#)).

O apóstolo Paulo era como um pai espiritual para Timóteo. Paulo se refere a Timóteo como "meu verdadeiro filho na fé" ([1Tm 1.2](#)). Paulo pode ter ajudado Timóteo a se converter durante sua primeira ou segunda viagem missionária.

Timóteo era filho de um pai grego (ou gentio) e não era circuncidado. A circuncisão é a prática de remover uma pequena parte da pele do órgão sexual masculino. Essa prática era importante para o povo judeu e indicava que eles faziam parte do

povo de Deus. Quando Paulo decidiu levar Timóteo com ele em sua segunda viagem missionária, ele o fez ser circuncidado para evitar quaisquer problemas em seu trabalho missionário entre os judeus.

Timóteo tinha uma boa reputação entre os crentes em Listra e Icônio ([At 16.2](#)). Ele trabalhou com Paulo e tornou-se seu assistente na segunda viagem missionária de Paulo em Listra. Timóteo viajou com Paulo para a Europa depois que Paulo recebeu uma visão sobre a Macedônia.

Quando Paulo decidiu ir para Atenas, ele deixou Silas e Timóteo em Bereia para estabelecer a igreja lá ([At 17.14](#)). Timóteo e Silas eventualmente se juntaram a Paulo em Corinto ([18.5](#)). Ele então aparece com Paulo em Éfeso em sua terceira viagem ([19.22](#)), de onde Paulo o envia para a Macedônia antes de si mesmo. Timóteo é mencionado pela última vez em [Atos 20.4](#). Ele está incluído em um grupo que vai com Paulo para Jerusalém para levar uma oferta para os cristãos judeus lá.

Paulo menciona Timóteo frequentemente em suas cartas. Seu nome está incluído nas saudações que introduzem 2 Coríntios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemom. Ele estava em Corinto na segunda viagem quando Paulo escreveu 1 e 2 Tessalonicenses. Ele estava em Éfeso na terceira viagem quando Paulo escreveu 2 Coríntios. Ele também estava em Roma durante a primeira prisão de Paulo lá. Foi quando Paulo escreveu Filipenses, Colossenses e Filemom. Timóteo é o destinatário de 1 e 2 Timóteo.

Nas saudações no final da carta de Paulo aos Romanos ([16.21](#)), Timóteo é mencionado junto com outros que enviam seus bons votos aos crentes em Roma. Em [1 Coríntios 4.17](#) e [16.10](#), Paulo elogia Timóteo ao enviá-lo com uma mensagem para Corinto (veja também [Ep 2.19-23](#); [1Ts 3.2-6](#)). Em [2 Coríntios 1.19](#), Timóteo, assim como Paulo e Silas, proclamou as boas-novas sobre Jesus Cristo. Paulo colocou Timóteo no comando da igreja em Éfeso e escreveu-lhe duas cartas pastorais para ajudá-lo a ter sucesso como líder.

Em [Hebreus 13.23](#), o autor (que provavelmente não era Paulo) informa aos seus leitores que Timóteo havia sido libertado da prisão e que ele esperava vir com Timóteo para visitá-los. Portanto, sabemos que Timóteo esteve preso em algum momento.

Veja também Timóteo, Primeira a; Timóteo, Segunda a.

Timóteo, Primeira Carta A

A primeira das epístolas a seu jovem colega de trabalho Timóteo.

A autoria, data e contexto de 1 Timóteo devem ser considerados juntamente com os das outras duas Epístolas pastorais, 2 Timóteo e Tito, que foram escritas a dois jovens obreiros para ajudá-los a lidar com problemas pastorais nas igrejas de Éfeso e Creta.

Resumo

- Autor
- Data
- Contexto
- Teologia
- Conteúdo

Autor

Em 1 Timóteo, como em 2 Timóteo e Tito, Paulo é apresentado como o autor no primeiro verso. E o nome de Paulo é o único vinculado como autor na tradição da igreja primitiva desde o tempo de Irineu (ca. 185 d.C.). Ao longo de todas as três cartas estão muitas referências pessoais à vida de Paulo, o que consiste em uma forte evidência de que ele era verdadeiramente o autor.

No entanto, alguns estudiosos se opõem à autoria de paulina pelos seguintes motivos:

1. O vocabulário grego contém um grande número de palavras que não são encontradas nas outras cartas paulinas.

Mas o assunto nessas cartas também é diferente. Nas Epístolas Pastorais, o autor está lidando com assuntos mais técnicos da organização e disciplina da igreja — um líder da igreja escrevendo para outros líderes. Paulo era um homem altamente educado, com um grande vocabulário à sua disposição. Nenhuma das palavras específicas das Cartas Pastorais estaria além do próprio vocabulário de Paulo. E se essas não fossem suas palavras, elas podem ter vindo dos escribas que Paulo regularmente usava para compor suas epístolas.

2. Há notas sobre as jornadas de Paulo que não se encaixam nas jornadas descritas no livro de Atos.

Para acreditar que Paulo escreveu as Pastorais e fez as coisas descritas nelas, ele deve ter sido liberto da prisão romana e então viajado para Creta, Éfeso e Macedônia. Essas viagens posteriores podem não ter sido mencionadas em Atos porque o escritor concluiu este livro com o aprisionamento de Paulo em Roma. Há alguma evidência legal de que Paulo provavelmente foi automaticamente solto após dois anos, se ele não tiver sido condenado naquele momento.

3. O desenvolvimento avançado da igreja descrito nas pastorais prova uma data posterior à vida de Paulo. Presbíteros, bispos e diáconos são mencionados.

Contudo, os anciãos já existiam nos tempos do AT e os bispos, como oficiais dentro das igrejas locais, são quase certamente os mesmos que os presbíteros. Além disso, Paulo se refere aos diáconos em outros lugares em suas cartas, como [Filipenses 1.1](#).

A maioria dos estudiosos conservadores, e muitos outros também, acreditam muito fortemente que Paulo escreveu todas as três Cartas Pastorais.

Data

Assumindo que Paulo escreveu as pastorais, 1 Timóteo teria sido escrito após sua libertação da primeira prisão romana, cerca de 61 ou 62 d.C., e antes de sua segunda prisão romana, em algum lugar entre 64 e 67, a data da morte de Nero. Quanto ao local, Paulo deixou Timóteo em Éfeso e depois foi para a Macedônia ([1Tm 1.3](#)), onde ele pode ter escrito 1 Timóteo. A carta foi, é claro, escrita a Timóteo em Éfeso.

Contexto

Paulo deixou Timóteo encarregado da igreja em Éfeso ([1.2-3](#)). Paulo queria ir para a província romana da Ásia, da qual Éfeso era a principal cidade, em sua segunda jornada missionária, mas o Espírito não lhe permitiu fazê-lo. Ele foi para a Macedônia e à Grécia ([Atos 16.6](#)). Ele visitou brevemente Éfeso enquanto ele estava completando sua segunda viagem ([18.19-20](#)). Então, em sua terceira jornada, ele fez de Éfeso o centro de sua atividade e passou três anos lá ([19.1-20.1](#)). Durante sua primeira prisão romana, ele escreveu uma carta encíclica para Éfeso e às igrejas próximas. Apenas alguns anos depois, ele escreveu 1 Timóteo a Timóteo em Éfeso.

Teologia

Em geral, a teologia de 1 Timóteo é consistente com a das outras cartas paulinas e do NT como um todo. A soberania e o amor de Deus são claramente apresentados várias vezes ao longo da carta. Jesus é sempre apresentado como sendo verdadeiramente Deus, bem como homem. A salvação é pela fé em Deus através de Cristo. A lei não salvará uma pessoa, porque todas as pessoas a quebraram. No entanto, a lei é boa e é o guia de Deus para a pessoa salva vivendo uma vida que agrada a Deus.

A igreja ocupa em um grande lugar na carta. Todos os cristãos devem fazer parte da igreja. Eles ganham muito da igreja para o desenvolvimento do caráter cristão, e eles podem servir a Deus de forma muito mais eficaz na igreja do que sem ela. A igreja precisa de organização para fazer seu trabalho de forma eficaz. E a igreja deve se esforçar sempre para evitar a heresia e ensinar as verdades do evangelho.

Conteúdo

Saudação (1.1-2)

O autor se denomina Paulo, e se descreve como um apóstolo, escolhido por Deus e autorizado por Deus, o Pai e seu Filho, Cristo Jesus. Paulo tinha o direito de falar palavras de autoridade ao jovem pastor e à igreja.

A carta é escrita a Timóteo, o amado filho espiritual de Paulo, a quem ele deu sua tripla bênção — graça, misericórdia e paz da parte de Deus.

Lidando com as heresias (1.3-20)

Uma das razões pelas quais ele deixou Timóteo em Éfeso era que ele queria que ele “impedisse aqueles que estão ensinando doutrinas errôneas” (1.3). Paulo acreditava que o que uma pessoa acreditava era tão importante quanto o que ela fazia. A heresia aqui é descrita como uma forma primitiva da heresia gnóstica, uma heresia perigosa que assolou a igreja por centenas de anos.

Esses primeiros gnósticos afirmavam ter uma visão mais profunda da verdade em comparação ao cristão médio. Eles separaram Deus como Espírito do homem como matéria. Para os gnósticos, a ponte entre os dois era composta de inúmeros anjos de vários níveis, emanações, éons e tais, em vez do único mediador, Jesus Cristo. Eles argumentavam sobre mitos e fábulas. Eles buscavam a salvação encontrando favor com uma

cadeia infundável de anjos, em vez de aceitar a salvação de Deus pela fé. Mas apenas a graça de Deus pode salvar pecadores, como o próprio Paulo sabia muito bem.

Adoração correta na igreja (2.1-15)

“Em primeiro lugar peço que sejam feitos orações, pedidos, súplicas e ações de graças a Deus em favor de todas as pessoas” (2.1). A oração é uma parte extremamente importante da adoração da igreja cristã. Paulo enfatizou a importância de realizar orações especiais pelas pessoas em altos lugares de autoridade no estado (mesmo que o estado fosse o Império Romano com Nero como seu imperador). Paulo havia ensinado isso claramente em [Romanos 13](#), e Jesus havia dito aos seus discípulos para dar a César as coisas que pertenciam a ele ([Mt 22.17](#)).

Homens e mulheres cristãos devem orar a Deus, levantando mãos santas para ele, mãos livres do pecado, raiva e ressentimento. Paulo especificamente exortou as irmãs da seguinte forma: “Quero também que as mulheres sejam sensatas e usem roupas decentes e simples. Que elas se enfeitem, mas não com penteados complicados, nem com jóias de ouro ou de pérolas, nem com roupas caras! Que se enfeitem com boas ações, como devem fazer as mulheres que dizem que são dedicadas a Deus!” (1Tm 2.9-10). Então Paulo disse: “Eu não permito que as mulheres ensinem os homens ou tenham autoridade sobre eles” (v. 12). Isso não significava, no entanto, que eles não poderiam participar oralmente nas reuniões da igreja. De acordo com Atos e 1 Coríntios, está bastante claro que as mulheres oravam, profetizavam e testemunhavam nas reuniões da igreja. Mas o ensino era reservado para os homens porque era dever dos presbíteros (que eram homens) serem os mestres. Assim, ensinar e exercer autoridade andavam de mãos dadas.

Organização adequada na igreja (3.1-5.25)

A primeira questão a resolver sobre a organização da igreja primitiva tinha a ver com quem eram os bispos. O primeiro versículo desta seção diz: “se alguém quer muito ser bispo na Igreja, está desejando um trabalho excelente” (3.1). Em todas as Epístolas Pastorais, o bispo é claramente um oficial dentro de uma igreja local, em vez de um oficial sobre um grupo de igrejas, como o ofício do bispo episcopal, que se desenvolveu no início do século. E à luz de [Tito 1.4-6](#), onde Paulo trocou o uso de presbíteros para os bispos, a maioria dos estudiosos acredita que ele usava os dois termos

alternadamente. O próprio Timóteo seria a figura mais próxima de um pastor moderno na igreja, e havia presbíteros (bispos) e diáconos o acompanhando para governar a igreja.

Ser um presbítero na igreja é uma aspiração digna. Mas uma pessoa deve ter altas qualificações para ser eleita para uma posição tão responsável. Ele deve ser respeitado por outros membros da igreja e por aqueles de fora da igreja. A maioria das qualificações é bastante clara, mas várias delas merecem atenção.

“O bispo deve ser um homem que ninguém possa culpar de nada. Deve ter somente uma esposa” (3.2). No grego diz literalmente: “um homem de uma mulher”. Isso claramente proibiria a poligamia e eliminaria um homem que era infiel à sua esposa. Provavelmente não eliminaria nem um homem que havia se divorciado e se casado novamente, nem um solteiro que nunca havia tido uma esposa. A igreja deve insistir que seus líderes oficiais se conformem com uma visão elevada da moralidade sexual.

O presbítero deve ser capaz de disciplinar sua própria vida familiar se ele quiser exercer disciplina na igreja. O homem também não deve ser um bêbado. Ele não exigiu a abstinência total, mas ele claramente exigiu que um presbítero não fosse uma pessoa sob o domínio da bebida forte. E uma pessoa que exerce o alto cargo de presbítero não deve ser um novo cristão (lit. um neófito), para que isso não suba à sua cabeça e o impeça de ser um bom presbítero. Em suma, apenas uma pessoa de excelente caráter deve ser eleita para o alto cargo de presbítero, ou bispo, na igreja.

Então Paulo continuou falando sobre o ofício do diácono. “Do mesmo modo, os diáconos devem ser homens de palavra e sérios” (3.8). As qualificações para os diáconos são virtualmente as mesmas que as dos presbíteros. Antes de serem eleitos como diáconos, eles devem ter experiência no trabalho da igreja. [Primeira Timóteo 3.11](#) aplica as mesmas qualificações às mulheres que aspiram a ser diaconisas e/ou esposas de diáconos (cf. nota de rodapé da versão New Living Translation - em inglês). O versículo [12](#) continua com as qualificações dos diáconos em geral.

No capítulo [4](#), ele insta Timóteo a exercer sua liderança na igreja, especialmente em sua relação com os hereges. Alguns dos hereges gnósticos ensinavam um falso tipo de ascetismo, proibindo o casamento e a ingestão de vários alimentos. Mas Deus deu essas coisas para serem usadas e

apreciadas para a glória de Deus. O dever pastoral de Timóteo era ensinar ao seu povo as verdades de Deus e não se permitir ser pego discutindo sobre fábulas profanas e tolas dos hereges ([4.7](#)). Ele exortou Timóteo a manter seu espírito em forma através do constante exercício espiritual, o que era ainda mais importante do que o exercício do corpo.

Ele reconheceu que Timóteo era um homem jovem, e que alguns dos cristãos mais velhos poderiam ser tentados a desprezar sua juventude. Timóteo deveria se esforçar ainda mais para merecer a admiração deles — “na fala e na conduta, no amor, na fé, na pureza” ([4.12](#)). Porque Deus havia chamado Timóteo e a igreja o havia ordenado pela imposição das mãos, Timóteo deveria se esforçar para viver de acordo com essas altas responsabilidades.

Paulo deu a Timóteo conselhos práticos sobre como um jovem pregador deve lidar com as diferentes idades e gêneros na igreja. Ele deve tratar os homens mais velhos como seu próprio pai, as mulheres mais velhas como sua mãe, os homens mais jovens como seus irmãos e as mulheres mais jovens como suas irmãs — acrescentando significativamente. “em toda a pureza” ([5.2](#)).

Paulo também disse a Timóteo como lidar com o problema das viúvas. Naquela época, quando poucas mulheres podiam trabalhar e antes dos dias de seguro de vida e de previdência social, as mulheres que haviam perdido seus maridos estavam em uma situação sem esperança. A igreja primitiva desenvolveu uma listagem das viúvas que capacitava o atendimento de suas necessidades. As viúvas mais jovens deveriam ser encorajadas a se casar novamente e levar que os novos maridos as sustentassem. As famílias que tinham condições deveriam reconhecer sua responsabilidade de cuidar de seus próprios necessitados. A igreja, então, teria a responsabilidade de tomar conta das viúvas mais velhas que não tinham famílias para cuidar delas. A igreja, com suas obrigações de caridade, deve usar seus meios limitados de forma responsável, sábia e justamente, para que possa resultar no maior bem possível.

Mesmo na igreja primitiva, os líderes da igreja eram pagos por seu trabalho. Paulo disse que eles deveriam “ser considerados dignos de honra dobrada” ([5.17](#)). Os líderes da Igreja não deveriam ser escolhidos ou ordenados muito rapidamente. Seus pecados não deveriam ser negligenciados. Até o próprio Timóteo foi advertido a se manter livre de pecado. A seção termina com outro tratamento

dos pecados dos líderes da igreja (vv. [24-25](#)). Quando os pecados são claros, o pecador deve ser disciplinado pela igreja. Às vezes, os pecados de uma pessoa não são evidentes para outras pessoas, mas Deus os conhece e lidará com eles. Por outro lado, o mesmo é verdadeiro sobre as várias boas obras destes líderes.

Alguns ensinamentos práticos sobre a vida cristã (6.1-21)

A escravidão era uma instituição reconhecida naqueles dias. Os escravos cristãos deveriam ser bons escravos, e os mestres cristãos deveriam ser bons mestres. Depois de muitos séculos, os princípios cristãos trariam um fim à escravidão, mas teria sido impossível para Paulo ou qualquer outra pessoa naquela época liderar uma cruzada para a abolição da escravidão.

Timóteo foi exortado a evitar o ensino dos hereges, mas a ser fiel no ensino das verdades positivas do evangelho.

Duas seções ([6.6-10](#), [17-19](#)) lidam com a atitude do cristão em relação à riqueza. Aqui Paulo estava seguindo de perto os ensinamentos de Jesus. O dinheiro pode ser transformado em um falso deus e trazer todos os tipos de mal para o membro da igreja. Mas também pode ser usado no serviço a Deus e ser transformado em tesouro armazenado no céu.

Finalmente, em duas seções ([6.11-16](#), [20-21](#)), Paulo encorajou Timóteo a se esforçar para fazer o melhor que podia para ser verdadeiramente um homem de Deus. Ele deve lutar o bom combate como um soldado de Deus. Esta vida muitas vezes será difícil, mas Timóteo deve manter seus olhos fixos na segunda vinda do Cristo glorioso.

Veja também Timóteo, Segunda Carta a; Tito, Carta a.

TIMÓTEO, Segunda Carta a

Resumo

- Autor;
- Local e Data de redação;
- Contexto;
- Conteúdo.

Autor

Muitos daqueles que negam a autoria paulina das Epístolas Pastorais reconhecem que 2 Timóteo contém alguns fragmentos genuinamente paulinos nas numerosas referências pessoais na carta. No entanto, a evidência a favor da autoria paulina é muito mais forte do que a evidência contrária. (Veja a discussão sobre a autoria das Cartas Pastorais em “TIMÓTEO, Primeira Carta a.”)

Local e Data de redação

Paulo estava na prisão quando escreveu esta carta a Timóteo; [2 Timóteo 1.15-18](#) fala especificamente sobre ele estar em Roma e como Onesíforo foi fiel a ele quando outros da província da Ásia o abandonaram. [2 Timóteo 2.9](#) novamente se refere a ele estar na prisão por pregar o evangelho. Perto do final da carta, começando em [4.6](#), Paulo relata sua experiência na prisão — e que ele não tem esperança de ser libertado. 2 Timóteo é uma espécie de testamento do apóstolo. Uma tradição antiga e confiável relata que Paulo foi martirizado em Roma sob Nero. Roma, então, foi o local de onde 2 Timóteo foi escrito.

A carta foi escrita para Timóteo em Éfeso, como fica evidente ao longo da carta.

Quanto ao ano em que foi escrito, duas datas são possíveis. O ano 64 d.C. foi a data do Grande Incêndio em Roma. Nero tentou transferir a responsabilidade pelo incêndio para os cristãos. Possivelmente, Paulo foi martirizado nessa época. O próprio Nero morreu em 67 d.C., então essa seria a data mais tardia que poderia ser atribuída. A carta foi escrita entre 64 e 67 d.C., com alguma preferência pela data mais antiga.

Contexto

Desde a época em que foi escrita 1 Timóteo, Paulo fez outras viagens e depois chegou a Roma para seu segundo encarceramento. Veja esta seção em “TIMÓTEO, Primeira Carta a.”

Conteúdo

Saudação ([1.1-2](#))

Como era costume nas cartas antigas, o escritor coloca seu nome primeiro. Em seguida, ele fornece uma identificação mais completa de si mesmo como apóstolo, pertencente a Jesus Cristo, e comissionado para anunciar ao mundo inteiro sobre a vida eterna que Deus disponibilizou

através da fé em Jesus Cristo. Paulo, assim, indica sua autoridade e também oferece um breve resumo da essência da verdadeira fé cristã.

A pessoa a quem a carta é escrita é "Timóteo, meu amado filho". Em seguida, vem uma bênção tripla: "Graça, misericórdia e paz" de Deus Pai e de seu Filho, Jesus Cristo. Como em todas as suas cartas, Paulo altera a saudação grega um tanto sem cor, "saudações", para um dos maiores conceitos teológicos, "graça", e adiciona a tradução grega da saudação hebraica regular, "paz". Então, ele acrescenta aqui a grande palavra, "misericórdia", como fez em 1 Timóteo.

Exortações a Timóteo para ser um bom ministro (1.3-2.13)

Paulo inicia esta seção dizendo a Timóteo com que frequência ele oferecia orações de agradecimento a Deus em seu nome, ao Deus de seus antepassados, ao Deus a quem ele tinha como principal propósito na vida agradecer. Paulo desejava muito ver Timóteo, especialmente ao lembrar-se de sua despedida chorosa.

Paulo lembrou Timóteo de sua grande confiança no Senhor, uma confiança que foi transmitida a ele por duas mulheres piedosas: sua mãe, Eunice, e sua avó, Loide. [Atos 16.1-3](#) afirma que a mãe de Timóteo era uma judia crente, e seu pai era grego, ou gentio. Ele não havia permitido que seu filho fosse circuncidado na infância. Mas a mãe crente havia transmitido sua fé ao filho. Quando Paulo decidiu levá-lo como assistente em sua segunda viagem missionária, ele o circuncidou para que pudesse trabalhar mais efetivamente com os judeus. Assim, Timóteo teve uma grande herança de Loide, Eunice e do próprio Paulo.

"Por essa razão, torno a lembrar-lhe que mantenha viva a chama do dom de Deus que está em você mediante a imposição das minhas mãos" ([2Tm 1.6](#), NTLH). [1 Timóteo 4.14](#) acrescenta: "Não negligencie o dom que lhe foi dado por mensagem profética com imposição de mãos dos presbíteros". Isso se assemelha muito a uma cerimônia formal de ordenação, quando Timóteo foi separado como ministro do evangelho pela imposição de mãos acompanhada de oração. Timóteo nunca deveria ter esquecido aquele momento solene, e a memória deveria ter mantido sua vida cheia de força e coragem. Ele era verdadeiramente um homem de Deus, cheio do Espírito de Deus, e não tinha medo de realizar seu trabalho cristão. Timóteo poderia sofrer por sua fé, mas seria encorajado ao lembrar-se dos sofrimentos e da prisão de seu pai espiritual,

Paulo. Deus daria a Timóteo força para suportar o sofrimento, assim como havia feito por Paulo.

Então, Paulo lembrou a Timóteo como Deus havia salvado a ambos e os escolhido desde a eternidade para contar aos outros sobre o amor salvador de Deus através de Jesus Cristo, que veio no tempo certo para realizar essa salvação, quebrando o poder da morte e mostrando o caminho para a vida eterna. Paulo sabia no que cria, mas mais importante ainda, sabia em quem confiava — Jesus Cristo. E, apesar das muitas incertezas que deviam estar na mente de Paulo, ele podia estar absolutamente seguro de Cristo. Paulo também tinha certeza de que Cristo seria capaz de guardar o que lhe havia sido confiado — guardá-lo até o dia em que Paulo e Jesus se encontrassem. Paulo estava confiante disso e queria que Timóteo tivesse uma segurança semelhante.

Assim, Paulo exortou Timóteo a manter-se firme no padrão de verdade que Paulo lhe havia ensinado — aquele corpo de doutrina cristã, especialmente no que dizia respeito a Jesus Cristo e à fé e amor em Cristo. Ele deveria guardar esse dom cuidadosamente, com a ajuda do Espírito Santo.

Paulo então compartilhou com Timóteo sua grande tristeza pelo fato de que todos os cristãos da província romana da Ásia, da qual Éfeso era a cidade principal, o haviam abandonado. Paulo menciona dois dos desertores pelo nome, Fígelo e Hermógenes. Evidentemente, Timóteo sabia quem eles eram. Em contraste marcante, Paulo mencionou o bom homem Onesíforo (também em [4.19](#)), que tinha sido um ajudante maravilhoso e fiel de Paulo, tanto em Éfeso quanto em Roma.

Paulo novamente estimulou Timóteo a ser forte na força que Cristo lhe deu ([2.1](#)). Timóteo deveria transmitir as verdades cristãs a outros e treiná-los para que as transmitissem a outros ainda. Paulo provavelmente estava pensando especialmente nos presbíteros e diáconos (cf. 1 Timóteo). Paulo usou três ilustrações eficazes para encorajar Timóteo a dar o seu melhor em seu serviço cristão. Ele deveria lutar e sofrer como um bom soldado, competir bem como um bom atleta e trabalhar arduamente como um bom agricultor. As recompensas virão para todos os três se realizarem bem suas tarefas. Todas as três ilustrações foram usadas por Jesus, e foram usadas por outros escritores do NT.

No meio de suas exortações, Paulo forneceu um excelente resumo da verdadeira Cristologia em [2.8-10](#). Jesus era verdadeiramente homem e

verdadeiramente Deus. É herético negar tanto a plena humanidade quanto a plena divindade de Cristo, mesmo que nenhuma mente humana possa compreender totalmente o mistério da Encarnação. E este ser divino-humano morreu e depois ressuscitou dos mortos.

Avisos contra heresias (2.14-4.5)

Esta seção começa com a afirmação "Recomende essas coisas aos que você dirige e ordene severamente, na presença de Deus, que não briguem por causa de palavras. Brigar não é bom, pois somente prejudica os que estão presentes" (NTLH). Existem crenças heréticas que devem ser definitivamente condenadas, mas os cristãos são advertidos a não discutirem entre si sobre questões insignificantes. Os cristãos podem ficar irritados com outros cristãos e gastar tempo lutando uns contra os outros em vez de lutar contra Satanás.

Timóteo devia esforçar-se para se tornar um bom servo, merecendo a aprovação de seu mestre, conhecendo bem as verdades de sua palavra. Dessa forma, ele poderia combater os falsos ensinamentos dos hereges. Dois dos hereges são mencionados pelo nome, Himeneu e Fileto. Fileto é mencionado apenas aqui no NT. Himeneu, no entanto, foi mencionado também em [1 Timóteo 1.20](#), junto com outro herege, Alexandre; esses dois foram entregues a Satanás, ou excomungados, por Paulo naquela época. A heresia deles era que ensinavam que a ressurreição dos crentes já havia acontecido ([2Tm 2.18](#)). Essa heresia mina a esperança cristã da ressurreição final, que traz todos os crentes para a eternidade. Os hereges estavam negando a realidade disso e redefinindo-a como algo que já havia acontecido.

De várias maneiras, Paulo incentivou Timóteo a se mostrar um verdadeiro servo de Deus, alguém conhecido por Deus e que vive pelas verdades da palavra de Deus. Ele deve evitar os pensamentos malignos que frequentemente acometem os jovens, bem como a tentação de discutir. Em vez disso, deve ser gentil, paciente e humilde, buscando ajudar seu povo a evitar as armadilhas de Satanás.

[2 Timóteo 3.1-9](#) apresenta a mais forte condenação de Paulo aos hereges na igreja. Eles frequentam a igreja, mas não acreditam nas verdades cristãs. Não vivem vidas cristãs e se esforçam para que outros sigam suas crenças e práticas. Paulo comparou os hereges de sua época aos magos egípcios em [Êxodo 7](#) (que receberam os nomes de Janes e Jambres pela tradição judaica). Os hereges nos dias de Timóteo

falhariam em seus ataques contra a verdade, assim como Janes e Jambres falharam em seus ataques contra Deus e seu porta-voz Moisés.

Paulo contrastou sua própria vida e crenças com as dos hereges. Ele mesmo havia sido perseguido por hereges, até mesmo em sua primeira viagem missionária, mas continuou a pregar a verdade e levou muitos a aceitar Cristo. Timóteo deveria seguir o exemplo de Paulo.

A melhor maneira de superar a heresia é o estudo diligente da Palavra de Deus. "Pois toda a Escritura Sagrada é inspirada por Deus e é útil para ensinar a verdade, condenar o erro, corrigir as faltas e ensinar a maneira certa de viver. E isso para que o servo de Deus esteja completamente preparado e pronto para fazer todo tipo de boas ações" ([3.16-17](#), NTLH).

Paulo deu a Timóteo uma incumbência solene de pregar essa palavra fiel e diligentemente. Muitos não estariam dispostos a ouvir as verdades da Bíblia, mas Timóteo deveria tentar corrigi-los e repreendê-los, mesmo que isso pudesse trazer perseguição para ele.

A fé e a esperança de Paulo (4.6-18)

Paulo havia escrito essas importantes instruções para Timóteo porque sabia que tinha muito pouco tempo restante aqui na terra: "Quanto a mim, a hora já chegou de eu ser sacrificado, e já é tempo de deixar esta vida" ([4.6](#), NTLH). Ele podia olhar para trás com satisfação sobre uma vida de verdadeira fé e serviço. Assim, ele podia olhar para frente com toda confiança para sua coroa de vitória na eternidade. Esse tipo de fé permitiu que Paulo enfrentasse sua morte corajosamente, e fará o mesmo para todos os cristãos crentes para quem a Segunda Vinda é uma esperança abençoada.

Paulo pediu a Timóteo que viesse e ficasse com ele em Roma. Lucas era o único de seus amigos que ainda estava com ele. Paulo contou a Timóteo sobre outros amigos que estiveram com ele, mas que haviam partido. Um deles, Demas, mostrou-se um fracasso. Crescente, Tito e Tíquico haviam partido para outros lugares. Paulo pediu a Timóteo que trouxesse seu casaco, que ele havia deixado em Trôade com Carpo, e também seus livros, especialmente aqueles escritos em pergaminho (provavelmente algumas cópias das Escrituras, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo). Paulo alertou Timóteo contra o homem mau, Alexandre, o ferreiro (veja [1 Timóteo 1.20](#)).

No primeiro julgamento de Paulo, todos os seus amigos o abandonaram. Mas Deus esteve com ele e o salvou. Paulo teve até a oportunidade de proclamar o evangelho para que todo o mundo ouvisse.

Saudações finais (4.19-22)

Paulo enviou saudações a vários de seus amigos em Éfeso. Ele também enviou saudações a Timóteo de alguns dos cristãos romanos que ele evidentemente conhecia. Ele pediu para que Timóteo tentasse ir até ele antes do inverno, quando viajar seria difícil ou até impossível. Em seguida, concluiu com uma breve bênção: “O Senhor esteja com o teu espírito”.

Veja também Paulo, o Apóstolo; TIMÓTEO, Primeira Carta a; TITO, Carta a.

Tinha

Tinha é um termo usado em algumas versões da Bíblia para um certo tipo de condição de pele. Refere-se a uma erupção cutânea escamosa ou crostosa mencionada em [Levítico 13.30-37](#) e [14.54](#). Algumas versões trazem "sarna" ou "micose", ainda outras, "lepra da cabeça ou barba".

Observe a Dor.

Tinta, Tinteiro

Uma tinta é um líquido utilizado para escrever, geralmente preto ou de cor escura. Um tinteiro é um pequeno recipiente feito de chifre de animal que era usado para armazenar tinta nos tempos antigos.

Veja Escrita.

Tipo

A palavra em português “tipo” é derivada do grego *tupos*, que tem o significado básico de “uma impressão ou marca visível feita por um golpe, ou por pressão”. No Novo Testamento grego, a palavra ocorre 16 vezes, com vários significados. Um tipo é formado como uma cópia, impressão ou uma forma de molde. Em [Atos 7.43](#), é aplicado a “figuras” de ídolos ou falsos deuses. Um tipo pode ser um padrão de acordo com o qual algo é feito (por exemplo, o tabernáculo, [Atos 7.44](#); [Hb 8.5](#)). É um

exemplo ou modelo, seja de mal a ser evitado ([1Co 10.6-11](#)) ou de bem a ser imitado ([Fp 3.17](#); [2Ts 3.9](#); [1Tm 4.12](#); [Tt 2.7](#); [1Pe 5.3](#)). É como uma forma para derramar concreto, que determina tanto o formato quanto o conteúdo do que é feito.

Um tipo também é uma entidade encontrada no AT que prefigura uma encontrada no NT. O inicial é chamado de “tipo” e a realização é designada de “antítipo”. Qualquer tipo ou antítipo pode ser uma pessoa, coisa ou evento, mas muitas vezes o tipo é messiânico e frequentemente se refere à salvação.

Um tipo pode ser distinguido de um símbolo onde um símbolo é um sinal atemporal. Pode se referir ao passado, presente ou futuro, enquanto um tipo sempre prefigura o que está por vir.

Alguns exemplos ajudam a identificar alguns tipos e antítipos bíblicos. A serpente erguida em um poste no deserto para curar os israelitas era um tipo de Jesus sendo levantado em uma cruz para dar salvação ao mundo ([Jo 3.14](#); cf. [Nm 21.9](#)). O cordeiro Pascal ([Êx 12.1-13](#)) é um tipo de Cristo ([1Co 5.7](#)). A rocha da qual Israel bebeu no deserto ([Êx 17.6](#)) prefigura Cristo ([1Co 10.3-4](#)). Em [Romanos 5.14](#) Adão é chamado de “um tipo daquele que estava por vir”, isto é, de Cristo.

O livro de Hebreus está cheio de exemplos de tipos que representam o Messias. Todos os sacrifícios ordenados pela lei ritual que Deus deu no Sinai tipificam algum aspecto da pessoa e da obra de Jesus. O sangue que era aspergido no altar falava do sangue daquele que foi morto de uma vez por todas ([Hb 9.12-22](#)).

Tíquico

Um dos crentes que acompanhou Paulo em sua viagem para coletar e entregar a oferta para a igreja de Jerusalém ([Atos 20.4](#)). Uma vez que ele é frequentemente mencionado com Trófimo de Éfeso, Tíquico provavelmente também era um nativo daquela cidade. Ele serviu como o mensageiro da carta de Paulo à igreja de Éfeso ([Ef 6.21](#)), bem como das cartas de Paulo a Filemom e aos colossenses ([Cl 4.7](#)). A maioria também acredita que ele era um dos dois cristãos (com Trófimo) que acompanharam Tito na entrega de 2 Coríntios ([2Co 8.16-24](#)). Paulo mencionou Tíquico duas vezes em suas cartas posteriores, primeiro enviando-o para Creta para estar com Tito ([Tt 3.12](#)), e mais tarde mencionando a Timóteo que ele havia enviado Tíquico para Éfeso ([2Tm 4.12](#)).

Evidentemente, Tíquico e Paulo eram amigos próximos, além de colegas de trabalho, considerando que Paulo frequentemente se referia a Tíquico como um “irmão amado”.

Tirano, Salão de

Local em Éfeso onde Paulo ensinou diariamente por dois anos ([At 19.9](#)). O ministério de Paulo em Éfeso começou na sinagoga, onde ele pregou por três meses. Diante da crescente oposição, Paulo alugou o Salão de Tirano (“escola de um homem chamado Tirano”, NTLH), onde iniciou um ministério tanto para judeus quanto para gregos ([v.10](#)).

Em grego, o termo “salão” significa literalmente “lazer” ou “descanso”. Com o tempo, tornou-se associado ao tipo de atividade realizada durante os momentos de lazer, como palestras, debates e discussões. Finalmente, o termo passou a significar o lugar onde essas atividades de lazer ocorriam.

Praticamente nada se sabe sobre o próprio Tirano. Alguns estudiosos sugerem que ele era um retórico grego, simpático à pregação de Paulo. Essa sugestão é plausível por uma adição no texto ocidental que afirma que Paulo ensinava no salão “da quinta hora até a décima”, ou seja, das 11h às 16h. Isso significaria que Paulo usava o salão apenas durante os períodos de descanso da tarde, pois em todas as cidades jônicas, o trabalho cessava às 11h e não era retomado até o final da tarde devido ao calor intenso. Possivelmente, esses períodos de descanso tornavam o salão disponível para o uso de Paulo, e o próprio Tirano dava palestras lá antes e depois desses horários.

Tiras, Tirás

Sétimo filho de Jafé listado na “tabela das nações” ([Gn 10.2](#); [1Cr 1.5](#)). Seus descendentes foram alternadamente associados aos Trácios, aos Agatirsos, às tribos da região montanhosa do Taurus e aos marítimos Tirrenos, mas todas essas identificações são puramente especulativas.

Tiro

A antiga cidade-estado fenícia localizada na costa do Mediterrâneo, a 32,2 quilômetros ao sul de Sidom e a 37 quilômetros ao norte de Acre. Tiro

consistia em duas partes principais: uma cidade portuária mais antiga no continente e uma cidade insular a cerca de 0,8 quilômetros da costa onde a maior parte da população vivia. De acordo com Heródoto, Tiro foi fundada por volta de 2700 a.C. Suas primeiras atestações históricas, no entanto, são referências em um documento ugarítico do décimo quinto século e uma citação egípcia do mesmo período. Tiro aparece pela primeira vez na Bíblia na lista de cidades que faziam parte da herança de Aser ([Js 19.29](#)). Naquela época, foi descrita como uma “cidade forte” e evidentemente nunca foi conquistada pelos israelitas ([2Sm 24.7](#)). Tiro era mais significativa como um centro mercantil, com contatos marítimos por toda a região do Mediterrâneo e tráfego terrestre com a Mesopotâmia e a Arábia.

Durante as monarquias de Davi e Salomão, Tiro era uma forte aliada mercantil de Israel. Tanto Davi quanto Salomão contrataram Hirão de Tiro para obter madeira, materiais de construção e trabalhadores qualificados, em troca dos quais forneceram a Tiro produtos agrícolas ([2Sm 5.11](#); [1Rs 5.1-11](#); [1Cr 14.1](#); [2Cr 2.3-16](#)). Após a divisão do reino, Tiro evidentemente manteve relações amigáveis com Israel por um tempo. A esposa de Acabe, Jezabel, era a filha de “Etbaal, rei dos sidônios”, um rei conhecido em outro lugar como Itobal de Tiro ([1Rs 16.31](#); cf. Menandro). Em algum momento, no entanto, a pressão da agressão assíria e babilônica dissolveu a aliança, de modo que, na época da queda de Samaria, Tiro e Israel não estavam mais alinhados e, pouco depois, se tornaram inimigos.

Durante o período posterior do reino, Tiro foi o foco de algumas das mais fortes denúncias proféticas registradas nas Escrituras ([Is 23.1-18](#); [Jr 25.22](#); [27.1-11](#); [Ez 26.1-19](#); [Jl 3.4-8](#); [Am 1.9-10](#)). A condenação de Tiro foi justificada por várias razões. Devido à sua importância comercial, Tiro foi o ponto central das rivalidades assíria e egípcia. No entanto, Tiro conseguiu manipular essas rivalidades a seu favor enquanto acumulava riqueza e explorava seus vizinhos. Além disso, a cidade de Tiro não era apenas uma cidade de mercadores sem escrúpulos, mas também um centro de idolatria religiosa e imoralidade sexual. Acima de tudo entre os pecados de Tiro estava o orgulho induzido por sua grande riqueza e localização estratégica. A profecia de Ezequiel contra Tiro oferece uma imagem detalhada da cidade, seu império de comércio, seu pecado e sua eventual destruição ([Ez 26.1-28](#); [29.18-20](#)). A destruição final de Tiro não ocorreu até quase

1.900 anos depois (1291 d.C.), embora tenha sido sitiada por Nabucodonosor por 13 anos (587–574 a.C.) e conquistada por Alexandre, o Grande, em 332 a.C., após um cerco de sete meses, durante o qual ele construiu um caminho até a ilha. A descrição de Ezequiel da arrogância de Tiro pode ser comparada com a de Satanás, com as palavras de Tiro “Eu sou Deus, eu me sento no lugar de Deus” (KJV) sendo a expressão que levou à queda de Satanás e Tiro ([Ez 28.2](#)).

Apesar da destruição da cidade de Alexandre, Tiro havia recuperado proeminência no período do NT, sendo igual ou maior do que Jerusalém em termos de população e poder comercial. Jesus visitou a região que rodeava Tiro durante seu ministério inicial, curando a filha da mulher siro-fenícia ([Mt 15.21-28](#); [Mc 7.24-31](#)). Jesus também comparou as cidades galileias que o haviam rejeitado a Tiro e Sidom, indicando que os galileus teriam maior responsabilidade por sua rejeição por causa do número de milagres que ele havia realizado entre eles ([Lc 10.13-14](#)).

Tirza (pessoa)

Tirza era uma das filhas de ZELOFEADE da tribo de Manassés ([Nm 26.33](#)). Como seu pai não tinha filhos, ela e suas irmãs pediram e receberam a herança de seu pai ([Nm 27.1](#); [Js 17.3](#)). Esta situação levou à criação de uma nova lei sobre direitos de herança. A lei estipulava que as filhas que recebessem a herança de suas famílias deveriam se casar com alguém de sua própria tribo ([Nm 36.11](#)).

Tito (Pessoa)

1. Um dos convertidos de Paulo — “meu verdadeiro filho na fé, esta fé que é sua e minha” ([Ti 1.4](#)) — que se tornou um companheiro íntimo e confiável do apóstolo em sua missão de plantar o cristianismo em todo o mundo mediterrâneo ([2Co 8.23](#); [2Tm 4.10](#); [Tt 1.4-5](#)). Mencionado com frequência nas cartas de Paulo (oito vezes em 2 Coríntios, duas vezes em Gálatas, uma vez em 2 Timóteo e em Tito), seu nome não ocorre em lugar algum em Atos. Este é um silêncio intrigante que alguns estudiosos tentaram explicar com a fascinante, porém incerta, sugestão de que ele era um irmão de Lucas, o autor de Atos.

Ao contrário de Timóteo, que era metade judeu, Tito nasceu de pais gentios. Nada é registrado a

respeito das circunstâncias que cercaram sua conversão e encontro inicial com Paulo. Ele é introduzido pela primeira vez como um companheiro de Paulo e Barnabé em uma visita a Jerusalém ([Gl 2.3](#)). A ocasião parece ter sido o Concílio de Jerusalém, cerca do ano 50 d.C., no qual Paulo e Barnabé participaram como delegados oficiais da igreja em Antioquia, não muito tempo após a primeira viagem missionária do apóstolo ([Atos 15](#)).

Com a questão altamente contestada da circuncisão compulsória dos gentios convertidos ao cristianismo antes do concílio, Paulo decidiu fazer um caso de teste com Tito. O concílio decidiu a favor de Paulo e contra o partido judaizante, e Tito foi aceito pelos outros apóstolos e líderes da igreja de Jerusalém sem se submeter ao rito da circuncisão. Assim, Tito se tornou uma figura chave na libertação da igreja primitiva da influência do partido judaizante.

Tito provavelmente acompanhou Paul daquele momento em diante, mas ele não aparece novamente até a crise de Paulo com a igreja em Corinto durante sua terceira viagem missionária. De acordo com 2 Coríntios, enquanto Paulo estava conduzindo um ministério estendido em Éfeso, ele recebeu a notícia de que a igreja de Coríntio havia se tornado hostil contra ele e renunciou sua autoridade apostólica. Tendo outras tentativas de reconciliação fracassado, Paulo decidiu enviar Tito a Corinto para tentar reparar a brecha. Quando Tito se reencontrou com Paulo em algum lugar na Macedônia, para onde o apóstolo havia viajado de Éfeso a fim de encontrá-lo, Tito trouxe as boas notícias de que a atitude dos coríntios havia mudado e seu antigo amor e amizade foram agora restaurados ([2Cor 7.6-7](#)). Tendo em vista este desenvolvimento, Paulo enviou Tito de volta para Corinto, carregando 2 Coríntios, que incluía instruções para completar a oferta de ajuda aos cristãos judeus da Judeia ([8.6.16](#)). Tito também foi aparentemente bem-sucedido neste empreendimento ([Rm 15.25-26](#)).

Assumindo que Paulo foi liberto após sua primeira prisão romana, parece que Tito o acompanhou em uma missão na ilha de Creta. Ao partir de Creta, Paulo deixou Tito para trás para consolidar o novo movimento cristão lá ([Tt 1.5](#)). A tarefa era difícil, pois os cretenses eram indisciplinados e a igreja que permanecia já havia sido invadida por falsos mestres (vv. [10-16](#)). Sua forma de lidar com o problema em Corinto alguns anos antes, no entanto, demonstrou que Tito possuía a seriedade

espiritual, a diplomacia hábil e o zelo amoroso necessários para enfrentar o presente desafio, e Paulo estava confiante de que esta nova comissão estava, portanto, segura em suas mãos.

A carta de Pulo a Tito, uma de suas três Cartas Pastorais, foi escrita um pouco mais tarde para encorajar Tito em seu ministério cretense. A carta se encerra com o pedido do apóstolo para que Tito se junte a ele em Nicópolis, uma cidade na costa oeste da Grécia, onde ele planejava passar o inverno ([Tt 3.12](#)). Muito provavelmente foi de Nicópolis, ou mais tarde de Roma (onde o apóstolo foi novamente preso e eventualmente martirizado), que Paulo enviou Tito na missão para a Dalmácia, uma província romana onde hoje é a Croácia (veja [2Tm 4.10](#)). Se a tradição posterior estiver correta, Tito voltou para Creta, onde ele serviu como bispo até envelhecer.

Veja também Tito, Carta para.

2. Ortografia variante de um prosélito gentio em Corinto, dono da casa para a qual Paulo foi após a comunidade judaica, em geral, ter rejeitado sua mensagem ([Atos 18.7](#)). A melhor evidência manuscrita o chama de Tito Justo. *Veja* Justo #2.

3. O filho de Vespasiano; o imperador de Roma de 79–81 d.C. *Veja* Césares, Os.

Tito, Carta A

A epístola de Paulo ao seu colega de trabalho, Tito.

Resumo

- Autor
- Destinatário
- Data
- Propósito e ensino
- Conteúdo

Autor

Embora esta carta comece com o nome e uma saudação de Paulo ([Tt 1.1–3](#)), a autoria de Paulo foi questionada pelos estudiosos modernos por causa de sua linguagem e estilo, a situação da igreja apresentada e a maneira como coloca o ensino cristão. Mas a autoria foi fortemente defendida por acadêmicos eminentes e estudantes cautelosos que argumentaram que não há razão para supor que esta carta foi escrita por alguém usando o nome de Paulo, depois que o próprio apóstolo já havia

morrido. As diferenças nesta epístola e nas outras cartas são explicadas anteriormente na seção sobre “Autor” no artigo “Timóteo, Primeira Carta a”.

Destinatário

Tito parece ter sido um dos colegas de trabalho mais confiáveis e valiosos de Paulo. Ele fala dele ([2Cor 8.23](#)) como “meu parceiro e colega de trabalho”. De acordo com [Tito 1.4](#), ele devia sua conversão a Paulo. Está claro em [Gálatas 2.1–4](#) que ele era um gentio, visto que ele foi um caso teste de se os cristãos gentios deveriam ou não ser obrigados a ser circuncidados. Naquele tempo, Tito estava com Paulo e Barnabé em Jerusalém. Muito mais tarde, na época da terceira viagem missionária de Paulo, ele tinha duas delicadas missões para realizar em Corinto: a primeira dizia respeito ao relacionamento tenso entre o apóstolo e os cristãos coríntios; a segunda dizia respeito à coleta das ofertas gentias para a igreja de Jerusalém ([2Co 2.12–13](#); [7.5–16](#); [8.1–24](#)). Se [2 Timóteo 4.9–18](#) foi escrito no final da vida de Paulo, então Tito foi para a Dalmácia após o período desta carta.

Data

Datar esta carta com precisão é difícil. Tito foi deixado pelo apóstolo em Creta para continuar seu trabalho ([Tt 1.5](#)). Paulo passou por Creta brevemente em sua viagem a Roma ([Atos 27.7–13](#)), mas esta não poderia ter sido a ocasião a que se referiu. Em [3.12](#), Tito é chamado para ir a Nicópolis (provavelmente a cidade de Nicópolis em Épiro, na Grécia), pois ele havia decidido passar o inverno lá. Muitos favoreceram a visão de que após a primeira prisão em Roma ([Atos 28.16–31](#)), ele foi liberto, realizou mais ministério em vários lugares (incluindo Espanha, Creta e Grécia), e então foi detido, preso uma segunda vez e finalmente condenado à morte. Aqueles que não aceitam a autoria paulina do livro de Tito, datam esta carta, assim como fazem com 1 e 2 Timóteo, na geração seguinte à morte de Paulo.

Propósito e ensino

Embora esta carta seja dirigida a um colega individual do apóstolo, ela tem um mínimo de referências e exortações pessoais. As igrejas em crescimento e desenvolvimento em Creta eram o principal interesse de Paulo. Eles estavam sendo incomodados por falsos ensinamentos que pareciam ter elementos judeus, ênfases ascéticas e uma grande quantidade de debates especulativos ([Tt 1.10, 14–15, 3.9](#)). Em suma, parece que eles

estavam lidando com uma forma judaica primitiva de gnosticismo. Seus defensores promoveram este ensino “com a intenção vergonhosa de ganhar dinheiro” (1.11). Tito e aqueles a quem ele nomearia como presbíteros eram chamados para refutar o ensino errado e fornecer aos crentes um ensino saudável (v. 9). Embora este ensino saudável não seja especificado, deve ter relação à graça salvadora de Deus em Cristo, à obra renovadora do Espírito Santo e à futura vinda do Senhor Jesus (2.11-13; 3.4-7). Nesta carta, há uma ênfase constante em um estilo de vida que confirme a verdade do evangelho — com aplicação a diferentes grupos na comunidade cristã: homens e mulheres mais velhos, mulheres jovens, homens jovens e escravos.

Conteúdo

Saudação (1.1-4)

As saudações vêm de Paulo — cujo apostolado é descrito como uma mordomia do evangelho que promove a fé e fortalece o conhecimento da verdade, a esperança da vida eterna e a piedade no viver — para Tito, mencionado como “meu verdadeiro filho em nossa fé comum”.

O trabalho de Tito em Creta (1.5-9)

Tito foi deixado para trás em Creta para continuar o trabalho de Paulo e nomear presbíteros em todas as igrejas (compare [Atos 14.23](#)). Esses presbíteros também são chamados de bispos (compare [20.17, 28](#)) — isto é, aqueles com supervisão da igreja. As características de vida necessárias para essas posições são descritas (compare [1Tm 3.2-7](#)).

Lidando com falsos ensinamentos (1.10-16)

As palavras de encerramento da seção anterior falam sobre a responsabilidade dos presbíteros “de encorajar os outros com o ensino correto e mostrar àqueles que se opõem a este ensino onde eles estão errados”. Os opositores estavam perturbando as pessoas, na verdade “famílias inteiras”, ensinando o que não era verdade. Esses falsos mestres foram descritos por Paulo em termos depreciativos usados pelos cretenses, e como pessoas cujas vidas não demonstram o conhecimento de Deus que professavam ter.

Promovendo o ensino correto (2.1-10)

Tito tinha uma responsabilidade especial de “promover o tipo de vida que reflete o ensino

correto”. Ele era encarregado de exortar os homens mais velhos a exercerem o autocontrole ([2.2](#)), e deveria ensinar as mulheres mais velhas a viver vidas piedosas (v. 3). Por sua vez, essas mulheres deveriam treinar as mulheres mais jovens para viver vidas puras e amorosas em seus lares para que ninguém difamasse a palavra de Deus (vv. 4-5). Os homens mais jovens deveriam mostrar autocontrole (v. 6), e o próprio Tito deveria ser um exemplo na palavra e em sua vida, para que os opositores não tivessem nada de ruim a dizer sobre os cristãos (v. 7-8). Finalmente, nesta seção, os escravos são ensinados a se submeter aos seus mestres, a realizar um serviço bom e honesto com a motivação de que “desse modo, por causa das coisas que eles fizerem, todos falarão bem da doutrina a respeito de Deus, o nosso Salvador” (v. 10).

A graça de Deus (2.11-15)

O que foi dito leva agora a uma grande declaração do propósito da revelação da graça de Deus em Jesus Cristo: trazer a salvação a todas as pessoas, que farão uma ruptura completa com uma vida sensual e sem Deus para que enfim possam viver vidas retas com a constante expectativa da segunda vinda de “nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo”. Suas vidas os mostrarão que são pessoas que são propriedade exclusiva de Deus, sempre desejando fazer o que é certo.

Fazendo o que é bom (3.1-8)

Nesta seção, Paulo encoraja Tito a dizer aos cristãos em Creta que é seu dever se submeter aos governantes (compare [Rm 13.1-7](#); [1Pe 2.13-17](#)) e estarem disponíveis na comunidade para trabalhar honestamente. Novamente, a qualidade do estilo de vida é enfatizada — em especial, a cortesia e o desejo de paz nos relacionamentos com os outros. Este estilo de vida vem da transformação espiritual. Os meios dessa transformação são a obra salvadora de Cristo — não recebida por mérito, mas inteiramente por sua misericórdia. Ele trouxe purificação do pecado, “renascimento e renovação pelo Espírito Santo”.

As considerações e saudações finais de Paulo (3.9-15)

Nesta seção final, Paulo encoraja Tito a evitar aqueles que gostam de discutir sobre religião simplesmente por causa do debate. E ele diz a Tito como lidar com aqueles que causam divisões.

Em seguida, Paulo diz a Tito que lhe enviará Ártemas (não mencionado em nenhum outro momento no NT) ou Tíquico. Então ele encoraja Tito a cuidar de Apolo e Zenas se eles passarem por Creta. O próprio Tito deveria ir a Nicópolis antes do inverno.

A epístola termina com uma exortação final para as “boas obras” e para uma vida espiritualmente frutífera.

Veja também Paulo, O Apóstolo; Timóteo, Primeira Carta a; Timóteo, Segunda Carta a; Tito (Pessoa) #1.

Toá

Levita coatita e ancestral de Samuel ([1Cr 6.34](#)).

Tobe

Um lugar onde Jefté foi morar depois que seus meio-irmãos o forçaram a sair porque ele nasceu de uma mãe diferente ([Jz 11.3-5](#)). Durante o reinado do rei Davi, os amonitas contrataram 12.000 homens de Tobe como soldados para lutar contra Davi ([2Sm 10.6-8](#)).

Tobe era provavelmente o mesmo que o reino arameu chamado Tobe, localizado no deserto a leste ou nordeste de Gileade. Muitos anos depois, durante o tempo dos Macabeus, um grupo de judeus viveu em Tobe.

Tobe-Adonias

Um dos levitas sob Josafá que foi às cidades de Judá para ensinar a lei ([2Cr 17.8](#)).

Tobias

1. O ancestral de uma família de pessoas que retornaram com Zorobabel a Jerusalém após o exílio na Babilônia. Esta família não conseguiu provar sua herança judaica ([Ed 2.60](#); [Ne 7.62](#)).

2. Um amonita que se opôs a Neemias quando ele chegou a Jerusalém por volta de 445 a.C. Tobias é chamado de “o oficial amonita” em [Neemias 2.10,19](#), um termo que descreve uma pessoa importante com poder, como um governador. Ele, Sambalate e Gesém foram os principais opositores da reconstrução do muro. Eles eram oficiais de alto escalão do Império Persa. Ele estava ligado por casamento aos judeus de duas maneiras. Ele se casou com a filha de Secanias, filho de Ará. Seu filho Joanã se casou com a filha de Mesulão, filho de Berequias ([Ne 6.18](#)). Seu casamento com uma família proeminente de Jerusalém lhe deu fortes laços com a aristocracia da cidade ([Ne 6.17](#)).
Neemias teve que enfrentar a ameaça representada por Tobias e seus aliados influentes. Neemias foi acusado de liderar o povo de Jerusalém em uma revolta contra o rei Artaxerxes ([Ne 2.19](#)). À medida que o muro era reconstruído, Tobias planejou sitiar Jerusalém ([Ne 4.8](#)). Neemias ordenou que os judeus se defendessem. Eles continuaram a reparar o muro, protegidos por guardas armados. Com a aproximação das forças inimigas, cada trabalhador segurava uma arma junto com sua pá de pedreiro ([Ne 4.17-19](#)). Eles acreditavam que “Nosso Deus lutará por nós” e foram encorajados ([Ne 4.20](#)). Tobias também se juntou ao complô para assassinar Neemias após a reconstrução dos muros ([Ne 6.2-4](#)). Neemias foi acusado de falsos relatos de rebelião. Um habitante de Jerusalém, contratado pelos aliados, tentou induzi-lo a entrar no templo. Isso desacreditaria sua posição entre os fiéis ([Ne 6.5-13](#)).
Depois que Neemias deixou Jerusalém para se encontrar com Artaxerxes, Tobias recuperou seus seguidores. O sacerdote Eliasibe, parente de Tobias,

então converteu uma sala de ofertas do templo para ele ([Ne 13.4-5](#)).

Tobias usava esses aposentos quando visitava Jerusalém. Uma das primeiras ações de Neemias, ao retornar, foi expulsar Tobias do templo ([Ne 13.8-9](#)) e depois restaurar a sala para seu uso adequado.

3. O herói do livro de Tobias, que com ajuda divina se casa com sua parente Sara, apesar da interferência de um espírito maligno ciumento, e restaura a visão de seu pai, Tobite.

Vea Tobias, Livro de.

4. Um levita enviado pelo rei Josafá para ensinar a lei nas cidades de Judá ([2Cr 17.8](#)).
5. Um dos quatro homens que retornaram da Babilônia para Jerusalém com ouro e prata usados para fazer uma coroa para o sumo sacerdote Josué ([Zc 6.10,14](#)).

Tobias, Livro de

O livro de Tobias é uma história sobre um homem chamado Tobias e sua família. Algumas tradições da igreja o incluem em seu cânon (a lista oficial de livros na Bíblia), enquanto outras não. O Concílio de Trento o aceitou como parte de seu cânon em 1546 d.C., e ele está incluído na Bíblia Católica Romana. Não foi incluído no Antigo Testamento hebraico. Os protestantes o incluem como parte dos Apócrifos (uma coleção de escritos que estão relacionados à Bíblia, mas não são considerados Escritura).

Resumo

- Quem escreveu o livro de Tobias? Quando foi escrito?
- Qual foi o propósito da escrita do livro de Tobias?
- Qual é a história do livro de Tobias?
- Qual é a mensagem do livro de Tobias?

Quem escreveu o livro de Tobias? Quando foi escrito?

O livro de Tobias é uma história sobre fidelidade e devoção religiosa. Foi escrito por um judeu devoto que possivelmente nasceu na Palestina. O livro demonstra uma forte crença em um único Deus. O autor descreve Deus de várias maneiras importantes. O autor se refere a Deus como:

- “o Deus de nossos pais” ([Tb 8.5](#)),
- “nosso Senhor e Deus, Ele é nosso Pai para sempre” ([13.4](#)), e
- “o Rei do céu” (vv. [13.7,11,15](#)).

O livro de Tobias sobreviveu em muitas versões e traduções antigas:

- três versões em grego
- duas versões em latim
- duas versões em siríaco
- quatro versões em hebraico
- uma versão em etíope

O livro de Tobias sobreviveu em muitas versões e traduções antigas em Qumran (onde muitos textos religiosos antigos foram descobertos). Devido a essas descobertas, alguns estudiosos acreditam que o livro foi originalmente escrito em hebraico ou aramaico.

O livro não menciona nenhum evento do tempo dos Macabeus (um período da história judaica que começou por volta de 167 a.C.). Isso sugere que o livro foi escrito antes desse período. No entanto, o livro contém alguns erros sobre história e lugares que indicam que não poderia ter sido escrito tão cedo quanto se afirma. A maioria dos estudiosos acredita que foi escrito por volta de 200 a.C. ou pouco depois disso.

Qual foi o propósito do livro de Tobias?

Como os eventos no livro de Tobias provavelmente não são históricos, devemos perguntar por que o autor criou essa história. O autor queria ensinar as pessoas a viverem uma vida que agrada a Deus. Ele demonstra isso através do personagem principal, Tobias.

A história ensina essa lição através das ações de Tobias. Mesmo quando Tobias enfrentou muitas dificuldades em sua vida, ele continuou ajudando outros judeus. Uma maneira de demonstrar sua

bondade foi dando sepulturas adequadas aos judeus que haviam sido mortos pelo rei. Este era um trabalho perigoso e difícil, mas Tobias o fazia porque acreditava que era a coisa certa a fazer.

Qual é a história do livro de Tobias?

A história começa com Tobite, um fiel israelita da tribo de Naftali. Ele vivia na cidade de Nínive. Embora Tobite levasse uma vida boa e ajudasse muitas pessoas, ele ficou cego depois que pássaros deixaram dejetos em seus olhos. Em sua dor e tristeza, ele orou a Deus pedindo para morrer ([Tb 1.1-3.6](#)).

Em uma cidade distante chamada Ecbátana, uma jovem chamada Sara também estava orando pela morte. Sara era parente da família de Tobite. Ela havia se casado sete vezes, mas cada um de seus maridos morreu na noite de núpcias. Um espírito maligno chamado Asmodeus os matou por ciúmes ([3.7-15](#)). Então, Deus enviou o anjo Rafael para ajudar tanto Tobite quanto Sara ([Tb 3.16-17](#)).

Tobite decidiu enviar seu filho Tobias em uma jornada importante. Ele precisava que Tobias fosse à cidade de Rages na Média (a cidade agora é chamada de *Rai*, perto de Teerã, Irã). Ele foi enviado lá para coletar algum dinheiro que Tobite havia deixado com um amigo. Rafael disfarçou-se como um homem chamado Azarias e afirmou ser um parente da família de Tobite ([5.13](#)). O anjo ofereceu-se para guiar Tobias em sua jornada. O cachorro de Tobias também os acompanhou.

Durante sua jornada, Tobias pegou um peixe grande. Rafael disse a Tobias para guardar o coração, o fígado e a vesícula do peixe, pois poderiam ser usados como remédio ([Tb 6.1-8](#)). Quando chegaram a Ecbátana, Rafael fez com que Tobias se casasse com Sara. Tobias usou o coração e o fígado do peixe para se proteger e proteger Sara do espírito maligno Asmodeus na noite de núpcias ([Tb 6.9-8.21](#)).

Rafael ajudou Tobias a coletar o dinheiro de Tobite, e então Tobias, Sara, Rafael e o cachorro voltaram para Nínive. Em Nínive, Tobias usou a fel do peixe para curar a cegueira de seu pai. Depois disso, Rafael revelou que ele era de fato um anjo, e então desapareceu. Tobite ficou tão grato que cantou louvores a Deus ([Tb 13](#)).

O capítulo final nos conta que Tobite viveu até os 112 anos ([Tb 14](#)). Antes de morrer, ele previu que a cidade de Nínive seria destruída. Seguindo o conselho de seu pai, Tobias e Sara se mudaram de volta para Ecbátana antes que isso acontecesse.

Qual é a mensagem do livro de Tobias?

O livro de Tobias nos ajuda a entender como o povo judeu vivia sua fé mesmo antes do tempo dos Macabeus. Ele nos mostra belos exemplos de como as famílias judias viviam após retornarem do exílio. Muitos dos primeiros mestres cristãos valorizavam muito este livro. Martinho Lutero, um dos líderes da Reforma Protestante, descreveu Tobias como “uma ficção verdadeiramente bela, saudável e proveitosa, obra de um poeta talentoso... um livro útil e bom para os cristãos lerem”.

O livro ensina muitas lições importantes sobre a misericórdia e o amor de Deus. Ele nos diz que “todos os seus caminhos são misericórdia e verdade” ([Tb 3.2](#)). A história descreve Deus como um Pai que cuida de seu povo ([13.4](#)). Mesmo quando Deus permite que seu povo enfrente dificuldades por causa de suas ações erradas, Ele ainda lhes mostra misericórdia (v. [5](#)). O livro explica que, mesmo quando o povo de Deus está espalhado entre diferentes nações, Ele não os abandona ([13.6](#); [14.5](#)).

A história também ensina que, um dia, pessoas de todas as nações virão a conhecer Deus. Elas “virão de longe ao nome do Senhor Deus, trazendo presentes em suas mãos, presentes para o rei do céu” ([13.11](#)).

O livro de Tobias ensina muitas lições importantes sobre como viver uma vida boa:

- As crianças devem honrar e respeitar seus pais ([Tb 4.3-4](#))
- As pessoas devem seguir os mandamentos de Deus ([Tb 4.5](#))
- Todos devem viver uma vida boa e ordenada ([Tb 4.14](#))
- O livro apresenta esta regra importante: “o que você odeia, não faça a ninguém” ([Tb 4.15](#))

Essa história religiosa ocupava um lugar especial nos lares judaicos. Ela também influenciou muitos cristãos ao longo da história. Seus ensinamentos sobre a vida familiar, a demonstração de misericórdia aos outros e a vida com fidelidade continuam a inspirar as pessoas hoje.

Tobite (Pessoa)

Personagem principal do livro deuterocanônico de Tobias. *Veja* Tobias, Livro de.

Todo-Poderoso

Um nome para Deus encontrado em vários livros da Bíblia. É comum nos livros de Jó e Apocalipse.

Veja Deus, Nomes de.

Tofel

Local onde Israel acampou em frente ao Jordão, “De um lado ficava a cidade de Parã, e do outro, as cidades de Tofel, Labã, Hazerote e Di-Zaabe” ([Dt 1.1](#)). Tofel foi identificado com et-Tafileh, a leste do Mar Morto. *Veja* Peregrinações no deserto.

Tofete

Localização dentro do vale de Hinom fora de Jerusalém, onde Israel profanou o Senhor oferecendo sacrifícios humanos a Moloque. Como parte de sua reforma religiosa, Josias profanou Tofete e derrubou seus altares ([2Rs 23.10](#)). Essas reformas se opunham às práticas estabelecidas anteriormente por seu avô Manassés ([2Cr 33.6](#)). Jeremias, um profeta que viveu na época de Josias, posteriormente condenou o retorno de tais práticas ([Jr 7.31-32](#)). Jeremias profetizou que o vale seria renomeado como “Vale do Massacre” porque seria o local onde os babilônios derrotariam Judá durante seu cerco a Jerusalém. Jeremias repetiu a profecia durante sua parábola do frasco do oleiro, enfatizando o fato de que Jerusalém seria destruída tão completamente que se assemelharia a Tofete ([19.12](#)). A essa altura, Tofete evidentemente havia se tornado uma espécie de depósito de lixo da cidade, onde se jogavam cacos de cerâmica quebrada e onde ocorriam sepultamentos que não podiam ser realizados em nenhum dos cemitérios da cidade (v. [11](#)).

Embora Tofete não seja mencionado no NT, está ligado a Geena (forma aramaica de “vale de Hinom”). Geena se refere ao lugar de destruição e é tipicamente traduzido como “inferno” no NT ([Mt 5.22.29-30](#); [10.28](#); [18.9](#); [Mc 9.43-47](#); [Lc 12.5](#)).

Togarma

Terceiro filho de Gomer, um descendente de Jafé ([Gn 10.3](#); [1Cr 1.6](#)). Bete-Togarma (“casa de Togarma”) aparece na profecia de Ezequiel contra as nações que se opuseram a Israel ([Ez 27.14](#); [38.6](#)). Bete-Togarma foi um dos principais parceiros comerciais de Tiro, fornecendo cavalos de guerra e mulas. Como Togarma é consistentemente ligado a Javã, Tubal, Mesaque, Dedã e Társis, Ezequiel provavelmente tinha em mente as listas etnográficas de [Gênesis 10](#). Como termo etnográfico, a maioria identificou Togarma com a Armênia. Os armênios identificam Togarma (Thorgon) como o fundador de sua raça.

Tola

1. Um dos quatro filhos de Issacar mencionado entre os 66 descendentes de Jacó que o acompanharam na migração para o Egito para se juntar a José ([Gn 46.13](#)); e o ancestral da primeira de quatro famílias da tribo de Issacar, conforme identificado no censo de Israel realizado por Moisés e Eleazar ([Nm 26.23](#)). Os filhos de Tola foram Uzi, Refaías, Jeriel, Jamai, Ibsão e Samuel ([1Cr 7.2](#)). O clã israelita dos Tolaítas recebeu seu nome dele ([Nm 26.23](#)), e durante o tempo de Davi, os guerreiros de sua família somavam 22.600 homens ([1Cr 7.1-2](#));

2. Um dos juízes de Israel, filho de Pua e neto de Dodô ([Jz 10.1](#)), da tribo de Issacar. Samir, sua casa e local de sepultamento, ficava na região montanhosa de Efraim. Ele julgou Israel por 23 anos lá.

Embora ele tenha “libertado” Israel após o desastre da tentativa abortada de Abimeleque de estabelecer uma monarquia em Siquém, sua realização é mencionada em apenas dois versículos ([Jz 10.1-2](#)). Como outros “juízes menores”, mencionados apenas brevemente (e.g., [12.8-15](#)), ele realmente atuou no papel judicial — alguns “juízes” mais proeminentes (e.g., Gideão e Jefté) foram primeiro, e talvez exclusivamente, heróis militares.

Veja também JUÍZES, Livro de.

Tolaíta

Qualquer descendente de Tolá (ou, Tola) da tribo de Issacar ([Nm 26.23](#)).

Veja Tolá #1.

Tomé, O Apóstolo

Um dos 12 apóstolos, nomeado em todos os quatro Evangelhos. O nome é uma transliteração de uma palavra aramaica que significa “gêmeo” e aparece no NT como Tomé. Entre cristãos gregos, havia uma tendência de usar seu nome helenístico, Dídimos (*didumos*, “gêmeo”); este nome aparece três vezes em João ([Jo 11.16](#); [20.24](#); [21.2](#)). Há ampla evidência de papiros koinés de que o nome Dídimos era bem conhecido na era do NT.

Tomé aparece em cada lista sinótica de apóstolos ([Mt 10.3](#); [Mc 3.18](#); [Lc 6.15](#); cf. [Atos 1.13](#)), mas não desempenha outro papel. Sua célebre aparição no quarto Evangelho é interessante. Aqui Tomé expressa a aflição da aproximação final a Jerusalém ([Jo 11.16](#)) e pressiona Jesus no cenáculo para explicar suas palavras de despedida ([14.5](#)). Nas cenas finais do Evangelho está o episódio familiar em que Tomé duvida da ressurreição do Senhor ([20.24](#)) e então recebe uma prova convincente (vv. [26-28](#)), após a qual Tomé chamou Jesus de “Senhor meu e Deus meu”. Tomé também é nomeado no epílogo de João ([21.2](#)).

Duas obras apócrifas e pseudoepígrafas levam o nome de Tomé: o Evangelho de Tomé (de Nag Hammadi), que registra 114 “ditos secretos que o Jesus vivo proferiu” e que Tomé teria preservado; e os Atos de Tomé (existentes em grego e siríaco), onde diz que Jesus e Tomé eram gêmeos (compartilhando aparições e destinos semelhantes) e que o apóstolo obteve ensinamentos secretos. Este relato apócrifo explica até o destino de Tomé. Contra seus desejos, Tomé viajou para a Índia sob o comando do Senhor. Lá, ele foi martirizado com lanças pela mão de um rei indiano. Ele foi ressuscitado e seu túmulo vazio assumiu propriedades mágicas. Hoje em São Tomé, na Índia, os cristãos afirmam que eles são os descendentes espirituais do apóstolo.

Veja também Apócrifos: Tomé, Atos de, Tomé, Evangelho de; Apóstolo, Apostolado.

Topázio

Veja Pedras preciosas.

Torá*

Palavra traduzida “lei” no AT, derivada da raiz verbal hebraica *yarah*, que significa “lançar” ou “atirar”. A ideia por trás da palavra é informar, instruir, dirigir ou guiar. Na tradição judaica, é mais frequentemente usada para designar o texto dos primeiros cinco livros da Bíblia, também chamado de Pentateuco. De forma bem apropriada, no entanto, a palavra tem um significado mais amplo, reconhecido pelo uso do AT, que abrange todas as diretivas que vêm de Deus. Isso é verdade no NT também, onde torá — representada pelo grego “nomos” — pode se referir tanto legislação mosaica ([Rm 7.14](#)) quanto um amplo princípio comportamental ([9.31](#)).

Para o judeu, a lei inclui o que foi chamado de “Torá oral”, isto é, os ensinamentos dos rabinos e dos pais venerados do judaísmo ao longo dos séculos. Essa tradição verbal, embora não faça parte dos livros canônicos do AT, busca interpretar os textos da Lei para permitir que as pessoas cumpram a vontade de Deus. Esse método muitas vezes resultou em uma diminuição das exigências da Lei por meio de reinterpretá-las. Sem adoração no templo, sacerdócio ou sacrifício — todos prescritos pela Torá — tal compromisso com as exigências da Torá se tornou inevitável. Essas tradições orais estavam firmemente enraizadas na época do advento de Cristo e foram consideradas por muitos judeus como implícitas na Torá dada a Moisés (cf. [Mc 7.3](#)).

Os fariseus acreditavam que o fracasso dos judeus em obedecer à Torá resultou no grande cativeiro babilônico no sétimo século a.C. Além disso, é comumente ensinado que até que a Torá seja rigorosamente seguida por todos os judeus, o Messias não aparecerá na terra.

Para os saduceus, a Torá representava a única parte do AT que eles aceitavam como autoritativa. Sua tendência, no entanto, era minimizar os elementos sobrenaturais no Pentateuco. Ao contrário de seu ponto de vista sobre a ressurreição, Jesus Cristo citou a Torá para afirmar a vida eterna (cf. [Mt 22.31-32](#)).

Desde os tempos mais antigos, a leitura da Torá na sinagoga tem sido acompanhada de grande cerimônia. Ser chamado para ler desses pergaminhos sagrados é uma alta honra. É escrito em hebraico por um especialista altamente qualificado conhecido como um *sofer*, ou escriba. A Torá é encontrada na forma de um rolo, cujo pergaminho é feito de pele de animais cerimonialmente limpos. As varas ao redor das

quais a Torá é enrolada são geralmente de madeira, prata ou marfim. As extremidades ornamentadas das varas são magníficas criações estéticas frequentemente forjadas em metais e pedras preciosas. Uma pessoa que lê o pergaminho usa um ponteiro delicado, chamado de *yad*, para seguir as palavras. O uso do ponteiro protege o pergaminho, que em breve se desgastaria pelo contato constante de dedos sobre o fino manuscrito. Além disso, o *yad* minimiza a possibilidade de erro na recitação oral, impedindo que o leitor perca seu lugar e possivelmente pule algumas palavras da revelação sagrada de Deus.

Na ortodoxia judaica, é sustentado que, na medida em que a Torá era o presente de Deus a Israel, as nações gentias não são obrigadas a se submeter aos seus regulamentos. No entanto, Maimônides, o estudioso judeu medieval, ensinava que os gentios teriam uma participação no mundo que viria obedecendo à aliança que Deus fez com Noé. Sete mandamentos estão comumente ligados a esse acordo, a saber, a abstenção da idolatria, incesto, derramamento de sangue, profanação do nome de Deus, injustiça, roubo e comer a carne de animais vivos.

A nova aliança sustenta que a Torá, enquanto um estágio necessário no processo da redenção, nunca foi dada para permitir que os indivíduos recebam a salvação com base na obediência à lei. Embora [Levítico 18.5](#) pareça sugerir a possibilidade de alcançar a justiça por meio do trabalho, a obediência impecável à vontade de Deus está além do alcance da humanidade caída. O AT claramente deu testemunho do papel da graça na redenção revelando o grande patriarca Abraão como sendo justificado pela fé ([Gn 15](#)). Uma vez que essa aliança precedeu a Torá por quatro séculos, apresenta-se um testemunho inalterável da maneira como Deus recebe pessoas pecadoras. Uma função primordial da lei é revelar a condição espiritual caída das pessoas e, assim, servir como um tutor que as leva a Cristo ([Gl 3.24](#)). Como um pecador é exposto às demandas da lei, ele ou ela está convicto de grande pecaminosidade ([Rm 7.7](#)) e, conseqüentemente, busca a graça de Deus em Cristo. Fica claro que Jesus Cristo tinha alta consideração pela Torá, sendo o propósito de seu ministério o cumprimento de seu conteúdo. Essa grande obra de satisfazer as exigências da lei é considerada na vida de todos que confiam a Cristo; Ele é o fim da lei para que todos os que têm fé nele possam ser justificados ([Rm 10.4](#)).

Veja também Judaísmo; Lei, Conceito Bíblico de; Talmude.

Torre de vigia

Uma plataforma elevada que os agricultores utilizavam para vigiar a terra e os animais. Soldados usavam torres ou plataformas semelhantes para proteger suas cidades. Torres de vigia também foram construídas nos vinhedos da Palestina.

Os vigias designados para as torres supervisionavam os vinhedos, protegendo-os de animais selvagens e ladrões ([Is 5.2](#); [Mt 21.33](#); [Mc 12.1](#)). Estruturas de torres de vigia ainda são usadas na Palestina. Alguns dos edifícios das torres também servem como alojamentos para os trabalhadores dos vinhedos.

Algumas torres de vigia, como a torre de Éder em [Gênesis 35.21](#), foram construídas em áreas selvagens. Elas forneciam um abrigo seguro para que os pastores pudessem vigiar seus rebanhos. Algumas torres eram postos avançados fortificados para que os vigias protegessem uma cidade, resguardando o tráfego comercial de ladrões ([2Rs 18.8](#); [2Cr 20.24](#); [Is 32.14](#)).

Torre, Fortaleza

Uma torre ou fortaleza é um edifício forte dentro de uma cidade que as pessoas usavam para proteção durante ataques inimigos. Era geralmente o lugar mais forte e seguro da cidade, onde as pessoas podiam ir quando estavam em perigo.

Gideão destruiu a torre de Penueel depois de capturar dois reis midianitas ([Jz 8.17](#)). Abimeleque e seus homens incendiaram a fortaleza de El-Berite em Siquém ([9.46-49](#)). Depois, uma mulher na cidadela de Tebes jogou uma pedra de moinho na cabeça de Abimeleque e esmagou seu crânio (versículos [50-54](#)). Davi conquistou Jerusalém capturando sua fortaleza ([2Sm 5.7-9](#); [1Cr 11.5-8](#)).

No segundo século a.C., durante a época em que os Macabeus lutaram pela liberdade, a fortaleza em Jerusalém era um lugar importante que ajudava quem estivesse no poder ([1Mc 1.29-33](#); [11.41-42](#); [13.49-51](#)). A última grande fortaleza em Jerusalém foi chamada de Fortaleza de Antônia. Os romanos a capturaram em 70 d.C.

Toupeira

Pequeno roedor escavador ([Is 2.20](#)). Algumas versões da Bíblia em português usam "toupeira", outras usam "rato".

Veja Animais.

Touro selvagem

Um touro selvagem (*Bos primigenius*) era um animal grande, feroz, ágil e teimoso. Tinha uma garupa longa e magra, costas retas e uma cabeça longa e estreita. O animal descrito em [Jó 39.9-12](#) é claramente o touro selvagem. Os dois chifres eram sua característica mais notável ([Dt 33.17](#)). Eles eram retos e tão longos quanto a cabeça ([Nm 23.22; 24.8](#); [Sl 22.21](#)). Os reis frequentemente simbolizavam seu governo usando um capacete com dois chifres de boi selvagem (cp. [Sl 92.10; 132.17-18](#)). Os israelitas frequentemente usavam chifres como recipientes para beber. Alguns podiam conter 15 litros.

Caçar o touro selvagem era um esporte favorito dos reis assírios. Tiglate-Pileser I caçou nas Montanhas do Líbano por volta de 1100 a.C. (cp. [Sl 29.6](#)). Alguns pensavam que [Jó 39.9-12](#) se referia ao órix ou antílope porque a palavra hebraica em Jó e o nome árabe para órix são semelhantes. Os tradutores da Almeida Revista Corrigida chamaram o boi selvagem de "unicórnio". Eles escolheram essa tradução por causa dos mosaicos babilônicos e dos desenhos egípcios. Estes mostravam o animal de perfil com um chifre, daí o termo "unicórnio". Da mesma forma, a Vulgata do século IV de Jerônimo e a tradução alemã de Martinho Lutero também o fizeram.

Touro, Novilho

Um *touro* é um animal macho adulto semelhante a uma vaca, como bois ou gado. Um *novilho* é um animal jovem macho semelhante a uma vaca. Nos tempos bíblicos, as pessoas usavam touros e novilhos para a agricultura e como sacrifícios a Deus.

Veja Gado.

Trabalho

Um termo que se refere à atividade de Deus ou à profissão regular das pessoas.

O valor do trabalho

A perspectiva positiva da Bíblia sobre o trabalho está enraizada em seu ensino sobre Deus. Ao contrário de outros escritos religiosos antigos, que viam a criação como algo abaixo da dignidade do Ser Supremo, as Escrituras descrevem Deus sem constrangimento como um trabalhador. Como um trabalhador manual, ele fez o universo como "a obra de seus dedos" ([Sl 8.3](#)). Ele trabalhou com sua matéria-prima assim como um oleiro trabalha com a argila ([Is 45.9](#)). O desenvolvimento intrincado do feto no útero e a vasta e magnífica extensão do céu ambos exibem sua habilidade suprema ([Sl 139.13-16; 19.1](#)). De fato, toda a criação testemunha sua sabedoria e habilidade ([104.24](#)). O Criador todopoderoso até teve seu dia de descanso ([Gn 2.2-3](#)) e experimentou satisfação no trabalho ao contemplar suas realizações no final da semana ([1.31](#)).

Esta descrição bíblica vívida de um Deus trabalhador atinge seu clímax com a encarnação de Jesus. O "trabalho" que Jesus recebeu para fazer ([Jo 4.34](#)) foi, é claro, a tarefa única da redenção. Mas ele também era um trabalhador no sentido comum. Seus contemporâneos o conheciam como "um carpinteiro" ([Mc 6.3](#)). Nos tempos do NT, carpintaria e marcenaria eram ramos da construção civil. Portanto, o Jesus que entrou no templo, derrubando as mesas e expulsando os homens e animais ([Jo 2.14-16](#)), não era um fraco pálido, mas um trabalhador cujas mãos haviam sido endurecidas por anos de esforço com o machado, serra e martelo. O trabalho duro e físico não estava abaixo da dignidade do Filho de Deus.

Se o ensino da Bíblia sobre Deus valoriza a dignidade do trabalho, seu relato sobre a criação da humanidade confere a toda tarefa humana a marca da normalidade. Deus "tomou, pois, o Senhor Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar". ([Gn 2.15](#)). E o primeiro mandamento de Deus, "encher a terra e subjugá-la" ([1.28](#)), implicava uma grande quantidade de trabalho tanto para o homem quanto para a mulher. De maneira relevante, as pessoas hoje estão obedecendo a esse comando de seu Criador quando realizam seu trabalho diário, quer reconheçam isso ou não. O trabalho, portanto, não surgiu no mundo como um resultado direto da

queda devido o pecado (embora o pecado tenha prejudicado as condições de trabalho, [3.17-19](#)). O trabalho foi planejado por Deus desde o alvorecer da história para o bem da humanidade — tão natural para os homens e mulheres quanto o pôr do sol é hoje ([Sl 104.19-23](#)).

Com esta ênfase firme na dignidade e normalidade do trabalho, não é surpresa descobrir que as Escrituras condenam fortemente a ociosidade. “Vai ter com a formiga, ó preguiçoso; olha para os seus caminhos, e sê sábio” ([Pv 6.6](#), ACF). Paulo é igualmente direto: “Se alguém não quiser trabalhar, não coma também” ([2Ts 3.10](#), ACF). Ele deu um bom exemplo ([At 20.33-35](#); [1Ts 2.9](#)). Aqueles que se negam a trabalhar, ele insiste, mesmo por razões espirituais, não ganham respeito de observadores não cristãos dependendo dos outros para pagar suas contas ([1Ts 4.11-12](#)). Os que ganham o próprio sustento, por outro lado, têm os recursos materiais para o serviço cristão ([Ef 4.28](#)).

Vocações

Nos tempos bíblicos, os gregos e romanos catalogavam os empregos de acordo com a importância ou desejabilidade. O trabalho manual de rotina, por exemplo, era considerado inferior ao trabalho envolvendo atividade mental.

O ensino judaico contrasta fortemente com esta atitude. “Não odeie o trabalho árduo”, ensinava os rabinos ([Eclo 7.15](#)). Até o estudioso tinha que passar algum tempo no trabalho manual. Alguns comércios, como a de curtidor, foram consideradas como indesejáveis (um tabu quebrado muito rapidamente pela igreja primitiva — veja [Atos 9.43](#)), mas não há indicação na Bíblia de que alguns trabalhos sejam mais valiosos do que outros aos olhos de Deus. O Senhor chama os artesãos para seu serviço ([Êx 31.1-11](#)), tanto quanto profetas ([Is 6.8-9](#)). Assim, Amós foi convocado de sua colheita de frutas para profetizar ([Am 7.14-15](#)), mas sem qualquer sugestão de que estava sendo promovido a um papel superior. O importante não era a natureza da profissão, mas a prontidão para obedecer ao chamado de Deus e testemunhar fielmente a ele, qualquer que fosse o trabalho.

A Bíblia tem algumas observações significativas a dizer sobre o relacionamento entre empregador e empregado. Os profetas do AT expressam a crítica mais forte. Deus está especialmente interessado em garantir que os fracos recebam justiça ([Is 1.17](#); [Mq 6.8](#)). Então, naturalmente, seus porta-vozes declaram sua ira quando empregadores exploram

seus trabalhadores e os enganam com seus salários ([Jr 22.13](#); [Ml 3.5](#); cf. [Tg 5.4](#)). A responsabilidade de uma pessoa que quer agradar a Deus: “Parem de explorar seus empregados, não maltratam os seus servos” ([Is 58.6](#), NBV).

Nos tempos bíblicos, as balanças eram pesadas em favor do empregador. Mas as Escrituras não são cegas para a existência de empregados egoístas e gananciosos. Cada trabalhador merece um salário justo ([Lc 10.7](#)), mas aqueles com poder especial não devem tentar aumentar seu salário por ameaças e violência ([3.14](#)).

Trabalhando para Cristo

Deus é um Deus trabalhador que é satisfeito quando seu povo trabalha com dedicação e conscientemente. Essa convicção está no coração do ensino da Bíblia sobre atitudes cristãs em relação ao trabalho secular. E de forma bastante natural, o NT estende a mesma ênfase positiva para cobrir todo o serviço cristão, pago ou não pago. O mundo é o campo de colheita de Deus, disse Jesus, esperando que os ceifeiros cristãos se movam e evangelizem ([Mt 9.37-38](#)). Paulo usou a mesma ilustração agrícola e acrescentou outra do ramo da construção para descrever o trabalho do Senhor de evangelismo e ensino. ([1Co 3.6-15](#)). Os líderes da igreja devem trabalhar especialmente duro, ele disse ([1Ts 5.12](#)), para estimular *todo* o povo de Deus a se envolver na obra do Senhor ([1Co 15.58](#)). Todos os cristãos devem se ver como “cooperadores do trabalho de Deus” ([3.9](#)).

Traça

Um inseto da família *Tineola*, que deposita seus ovos, por exemplo, em lã ou peles. As larvas se alimentam desses materiais. Várias passagens bíblicas referem-se às qualidades destrutivas das traças ([Jó 13.28](#); [Sl 39.11](#); [Is 50.9](#); [Os 5.12](#); [Mt 6.19-20](#); [Lc 12.33](#); [Tg 5.2](#)).

Em [Isaías 51.8](#), “verme” refere-se às larvas da traça das roupas. Essas larvas simbolizam decadência e fraqueza. São a única fase prejudicial do inseto; os adultos não causam danos e se alimentam principalmente do néctar das flores. Além disso, os adultos são facilmente esmagados ([Jó 4.19](#)). As traças das roupas se reproduzem em maio ou junho e entram nas casas durante a noite. Cerca de uma semana após a postura dos ovos, as larvas emergem e começam a danificar materiais feitos de fibras de origem animal.

As traças destroem as coisas silenciosamente, diferente de enxames de insetos que obscurecem o sol. No passado, a riqueza estava nos bens, não apenas no dinheiro. Roupas de lã eram especialmente valiosas. Assim, as traças podiam causar um desastre econômico. Este contexto destaca as palavras de Jesus no Sermão da Montanha ([Mt 6.19–20](#)).

A Palestina possui muitas espécies de traças além da traça de roupas. Essas traças não prejudicam plantas ou sementes. Assim como a traça de roupas, apenas as larvas causam danos.

Traconites, Traconitis

Uma das cinco províncias romanas a leste do Rio Jordão. As outras províncias romanas a leste do Rio Jordão eram Bataneia, Gaulanites, Auranites e Itureia. Esta região, que pode ter incluído partes de tetrarquia governada por Filipe, o irmão de Herodes ([Lc 3.1](#)). Traconites era uma área árida localizada a nordeste do Mar da Galileia. Em aramaico, era conhecida como *Argobe*, que significa “monte de pedras”, descrevendo o terreno áspero e rochoso.

Além da referência em Lucas, Traconites é raramente mencionada nos registros históricos. O historiador judeu Josefo sugere que Uz, filho de Arã (compare [Gn 10.23](#)), colonizou a área. Os romanos assumiram o controle de Traconites quando Augusto derrotou um chefe de ladrões local, Zenodoro. Ele então deu a terra a Herodes, o Grande, com a condição de que ele suprimisse os bandidos. Após a morte de Herodes, seu filho Filipe herdou a terra, mas provavelmente só teve controle nominal sobre ela.

Hoje, a região é chamada de *el-Lejah* e está localizada no sul da Síria e no norte da Jordânia.

Tradição

O respeito pela tradição era especialmente forte entre judeus durante o período no início da era cristã. Entre essas tradições, a coleção mais importante era *Pirke Aboth* (Tradições dos Pais). Esta consistia em comentários de rabinos famosos na explicação da Lei escrita. Isso, juntamente de uma crescente coleção de outras tradições rabínicas interpretando a Lei, tornou-se um

comentário autoritativo sobre o código escrito. Esta coleção era considerada igual à Lei escrita.

Os fariseus usaram a expressão “tradição dos anciãos” ao falar com Jesus sobre a lavagem das mãos ([Mt 15.2](#); [Mc 7.5](#)). Em sua resposta, Jesus se referiu às “tradições dos homens,” destacando assim sua origem humana. Na verdade, em [Marcos 7.8](#), ele definitivamente colocou o mandamento de Deus acima dessas tradições, que haviam se tornado um fardo para o povo. Jesus criticou fortemente os escribas e fariseus pela maneira como essas tradições eram aplicadas ([Mt 23](#)). Ele observou que a adesão à tradição havia se tornado mais importante do que o efeito moral e pessoal do ensino.

Veja Judaísmo; Lei, Conceito Bíblico de; Fariseus; Talmude; Oral, Tradição.

Tradição oral

A forma como histórias, crenças e costumes são transmitidos de uma geração para a próxima ao serem falados em voz alta, em vez de serem escritos. A tradição oral é diferente da tradição escrita, mas estão intimamente ligadas. Muitas histórias escritas têm origem em tradições orais. É importante estudar como as pessoas passaram de contar histórias para escrevê-las.

No antigo Oriente Próximo, escribas registravam todos os eventos importantes. Ao mesmo tempo, as pessoas contavam essas histórias em voz alta, ajudando a disseminar informações em sua sociedade e para as gerações futuras. É importante entender que versões escritas e faladas das mesmas histórias frequentemente coexistiam e se ajudavam a interpretar umas às outras.

A transmissão oral era muito importante no Judaísmo. Uma das principais ideias na teologia rabínica (as crenças dos mestres religiosos judeus) é que a lei oral é tão importante quanto a lei escrita. A lei oral incluía explicações tradicionais passadas de mestres para alunos. À medida que as pessoas transmitiam essas tradições, acrescentavam mais explicações sobre conceitos básicos.

A literatura rabínica demonstra que as escolas utilizavam métodos cuidadosos para estudar a Lei. O principal objetivo dos professores era assegurar que os alunos memorizassem os ensinamentos com precisão. No judaísmo rabínico, a transmissão da tradição oral tornou-se uma técnica altamente organizada.

Esse cuidado era importante porque a lei oral era considerada tão significativa quanto a Lei escrita. Era essencial que essas tradições não fossem transmitidas de forma descuidada. A tradição oral autorizada era uma parte fundamental da vida judaica.

No período mais antigo, as palavras e ações de Jesus provavelmente foram transmitidas oralmente. Não temos certeza se Jesus usou os mesmos métodos de ensino que os rabinos. No entanto, as pessoas tiveram o mesmo cuidado em preservar seus ensinamentos, assim como os rabinos fizeram com sua lei oral.

Veja também Judaísmo; Fariseus; Talmude; Tradição.

Transfiguração*

Evento no ministério terreno de Jesus descrito em quatro passagens no NT ([Mt 17.1-8](#); [Mc 9.2-8](#); [Lc 9.28-36](#); [2Pe 1.16-18](#)), em que Jesus foi glorificado na presença de três discípulos: Tiago, Pedro e João.

A localização do evento

O local exato onde a transfiguração ocorreu não é dado no NT. [Mateus 17.1](#) e [Marcos 9.2](#) afirmam simplesmente que o evento ocorreu em uma “montanha alta”. Várias sugestões foram feitas sobre qual montanha, com o local tradicional sendo o Monte Tabor, uma colina redonda localizada na planície de Esdrael, aproximadamente 16,1 quilômetros a sudoeste do Mar da Galileia. Há, no entanto, dois grandes problemas com este local sugerido. Por exemplo, é difícil ver como o Monte Tabor pode ser justificadamente chamado de “montanha alta”, pois está a menos de 609,6 metros acima do nível do mar. Segundo, no tempo de Jesus, uma guarnição romana estava estacionada no Monte Tabor, e assim seria improvável que Jesus tivesse caminhado com seus discípulos até esta montanha. Uma segunda sugestão para o local é o Monte Carmelo, que está localizado na costa, mas isso parece estar fora da rota principal da viagem de Jesus após os eventos de Cesareia de Filipe. Uma terceira sugestão é o Monte Hermom, que tem mais de 2.743,2 metros de altura e fica a cerca de 19,3 quilômetros a nordeste de Cesareia de Filipe. O Monte Hermom é de fato uma montanha alta com a vantagem adicional de estar localizado perto de Cesareia de Filipe.

O evento

Seis dias após os eventos de Cesareia de Filipe, Jesus levou Pedro, Tiago e João para estarem a sós com ele em uma montanha alta. Como em vários outros casos, apenas esses três discípulos acompanharam Jesus (cf. também [Mc 5.35-43](#); [14.32-42](#)). De acordo com os relatos do Evangelho, três coisas ocorreram na transfiguração:

1. “Ele foi transfigurado”. Os vários relatos testemunham uma transformação incomum de Jesus. Jesus é transfigurado: “Seu rosto brilhou como o sol, e suas vestes tornaram-se brancas como luz” ([Mt 17.2](#)). Esta transformação é descrita em Mateus e Marcos pelo verbo grego *metamorphoó*, a raiz da palavra “metamorfose”. Isso indica que uma mudança tremenda ocorreu.

2. Moisés e Elias apareceram e falaram com Jesus. Esses homens, que, sem dúvida, representam a Lei e os Profetas, são ditos que falaram com Jesus sobre seu “êxodo”, ou partida ([Lc 9.31](#)). O termo usado em [Lucas 9.31](#) para descrever o “êxodo” de Jesus (ou morte) é bastante incomum e retrata claramente a morte de Jesus não como uma tragédia ou derrota, mas como uma jornada vitoriosa.

3. Após a declaração de Pedro de que era bom que os três discípulos estivessem presentes e testemunhassem isso, e após sua proposta de que eles construíssem três cabanas, uma voz veio do céu, dizendo: “Este é meu Filho amado; ouçam-no” ([Mc 9.7](#)). Essas palavras eram claramente uma repreensão por Pedro colocar Jesus no mesmo nível que Moisés e Elias. Fazer três cabanas (uma para Moisés, outra para Elias e outra para Jesus) perde de vista de quem é Jesus, e a voz do céu apontou o erro de Pedro. A repreensão também deve ser entendida à luz do que Pedro havia dito alguns dias antes em Cesareia de Filipe. Pedro havia esquecido que ele havia acabado de dizer a Jesus: “Você é o Cristo, o Filho do Deus vivo”?

O significado do evento

Para entender o significado da transfiguração, é importante contrastar a voz celestial na transfiguração de Jesus com a voz celestial no batismo de Jesus. No batismo, tanto [Marcos 1.11](#) quanto [Lucas 3.22](#) indicam que a voz foi dirigida a Jesus: “Você é meu Filho amado”. Na transfiguração, no entanto, a voz não é dirigida a Jesus, mas a Pedro, Tiago e João: “Este é meu Filho amado” ([Mc 9.7](#)). Claramente, os eventos da transfiguração são principalmente direcionados

aos discípulos, em vez de Jesus. “Ele foi transfigurado diante deles” (v. 2); “Apareceu-lhes Elias com Moisés” (v. 4); “Uma nuvem os cobriu com a sombra... ‘Ouçam-no’ (v. 7); “Não viram mais ninguém com eles, mas apenas Jesus” (v. 8). Evidentemente, a partir dessas referências, o incidente não é tanto para o benefício de Jesus, mas sim para os discípulos. Seguindo de perto após os eventos de Cesareia de Filipe, Deus apareceu para afirmar na transfiguração o que Pedro havia confessado anteriormente em Cesareia de Filipe: Jesus é de fato o Cristo, o Filho de Deus.

Em [2 Pedro 1.16-18](#), o escritor narra que ele era uma testemunha da transfiguração. João parece ter feito a mesma coisa quando escreveu o prólogo de seu Evangelho e disse: “Contemplamos a sua glória” ([Jo 1.14](#)). Na transfiguração, a verdadeira forma (morphe do grego) do Filho de Deus rompeu temporariamente o véu de sua humanidade e os discípulos viram sua glória preexistente. Nesta transformação de Jesus, os três discípulos testemunharam algo da glória pré-encarnada de Jesus, bem como sua glória futura, que ele recebeu em sua ressurreição e que todos verão quando ele voltar para julgar o mundo.

Quando Cristo retornar em sua glória, todos os crentes serão transfigurados e, assim, receberão um corpo glorioso e ressuscitado. Assim, a transfiguração de Cristo é a prévia da transfiguração de cada crente (veja [1Co 15.42-45](#); [Fp 3.20-21](#); [Cl 3.4](#)).

Veja também Jesus Cristo, Vida e Ensinaamentos de.

Transjordânia

Território no lado leste do rio Jordão. Embora esse nome não apareça na Bíblia, muitos eventos ocorreram lá na história bíblica. Hoje, a área corresponde aproximadamente ao reino da Jordânia. Nos tempos bíblicos, a área incluía Basã, Gileade, Amom, Moabe, Edom e as regiões desérticas mais ao leste. No AT, a expressão “além do Jordão” é frequentemente usada para essa área ([Gn 50.10-11](#); [Dt 3.20](#); [4.47](#); [Js 9.10](#); [13.8](#); [18.7](#); [Jz 5.17](#)), embora a mesma expressão seja ocasionalmente usada para a área a oeste do Jordão ([Dt 3.25](#)). Nos tempos do NT, essa área era conhecida como Pereia. *Veja* Pereia.

Três Vendas

Um lugar onde os cristãos foram encontrar o apóstolo Paulo quando ele chegou em Roma ([At 28.15](#)). Estava na Via Ápia, localizada no marco 33, aproximadamente 50 quilômetros. A Praça de Ápio está 16,1 quilômetros mais ao sul ao longo da mesma estrada. Três Vendas ficava perto da moderna Cisterna. Era um cruzamento importante entre a Via Ápia e a estrada de Antium para Norba. Assim, tornou-se um ponto de encontro comum para viajantes.

Tribo de Levi

O começo da tribo de Levi

Os levitas eram uma das tribos de Israel. Eles são nomeados em homenagem a Levi, o terceiro filho de Lia e Jacó ([Gn 29.34](#)). O nome Levi significa “unido”, refletindo a esperança de Lia de que ter três filhos faria com que Jacó ficasse mais unido a ela como sua esposa. Essa ideia de ligação também aparece em [Números 18.2](#), onde a tribo de Levi é descrita como estando “unida” a Arão.

Levi é mencionado pela primeira vez em conexão com o evento violento em Siquém, onde Levi e Simeão massacraram os habitantes da cidade em vingança pelo estupro de sua irmã, Diná ([Gn 34.25-29](#)). Este ato trouxe uma repreensão de seu pai Jacó ([Gn 34.30](#)), que também os amaldiçoou em seu leito de morte, prevendo que seus descendentes seriam espalhados por todo Israel ([49.5-7](#)). Apesar dessa maldição, a tribo de Levi mais tarde se tornaria a tribo sacerdotal escolhida por Deus, enquanto Simeão eventualmente se fundiu na tribo de Judá.

O papel especial dos levitas

No início, Levi era uma tribo “comum” como as outras, sem nenhum papel religioso especial ([Êx 2.1](#)). No entanto, isso mudou quando os levitas demonstraram sua lealdade a Deus durante a rebelião de Israel com o incidente do bezerro de ouro ([Êx 32.25-29](#)). Como recompensa por sua fidelidade, Deus estabeleceu uma “aliança com Levi” ([Nm 18.19](#)), separando-os para funções sacerdotais ([Nm 3.11-13](#)). A partir desse ponto, os levitas deveriam servir como sacerdotes e líderes religiosos para Israel. Em troca de seu serviço, a tribo de Levi não recebeu um território específico como as outras tribos; em vez disso, Deus seria sua herança ([Nm 18.20](#)). No entanto, eles receberam 48

cidades, incluindo seis cidades de refúgio, espalhadas por todo Israel ([Js 21.1-42](#)).

Como Levi podia construir sua própria riqueza ou terra, a tribo deveria ser sustentada por presentes e dízimos ([Nm 18.21](#)), assim como a viúva, o órfão e o estrangeiro. Seu sustento era responsabilidade do povo de Deus ([Dt 14.29](#)). Por serem a tribo de Deus, Joabe não quis incluir Levi no censo de Davi ([1Cr 21.6](#); cp. [Nm 1.49](#)). Levi não servia na guerra, exceto de uma maneira religiosa ([2Cr 20.21](#)). Eles eram responsáveis pela Tenda Sagrada ([Nm 1.50-53](#)) e mais tarde pelo Templo ([1Cr 23.25-32](#)).

Deveres e responsabilidades

Dentro de Levi, a Bíblia faz uma distinção clara entre:

- O sumo sacerdote,
- O restante dos sacerdotes, e
- Alguns levitas tinham tarefas menos importantes.

Nos primeiros dias, eles embalavam e moviam a Tenda Sagrada ([Nm 1.50-51](#)) e realizavam outras tarefas. Mais tarde, serviram como porteiros e músicos ([1Cr 16.42](#)). Os deveres de Levi estão listados em [Deuteronômio 33.8-11](#). Lá, a ajuda religiosa e o aconselhamento são tão importantes quanto seus deveres sacerdotais. Portanto, não é surpreendente que Josafá os tenha usado para ensinar a lei ([2Cr 17.7-9](#)). No entanto, eles eram normalmente vistos como simplesmente sacerdotes ([Jz 17.13](#)).

O papel dos levitas como líderes religiosos e professores foi significativo ao longo da história de Israel, e referências à duradoura aliança com Levi podem ser encontradas em [Jeremias 33.20-26](#) e [Malaquias 3.3-4](#). Após o exílio babilônico, membros da tribo de Levi retornaram a Jerusalém ([Ed 2.36-42](#)), com uma proporção maior das famílias sacerdotais.

Levitas no Novo Testamento

No Novo Testamento, Barnabé, um proeminente cristão primitivo, é identificado como um levita ([At 4.36](#)). Ainda hoje, o sobrenome Levy entre os judeus frequentemente indica descendência da tribo de Levi.

Veja também Sacerdotes e Levitas.

Tribulação

Uma experiência de sofrimento, angústia, problema ou perseguição. A palavra grega aparece no Novo Testamento cerca de 45 vezes. Há uma palavra hebraica que aparece em quatro ou cinco passagens do Antigo Testamento, nunca nos livros proféticos. O Novo Testamento é a principal fonte de significado para essa palavra.

Quais são os exemplos mais comuns de tribulação?

No Novo Testamento, a palavra "tribulação" às vezes é usada para significar dificuldades na vida das pessoas comuns, tais como:

- Dor do parto ([Jo 16.21](#));
- Preocupações no casamento ([1Co 7.28](#)); e
- O sofrimento das viúvas ([Tg 1.27](#)).

Esses são todos chamados de tribulações. Grandes desastres como a fome são chamados de "grande tribulação" ([At 7.11](#)).

O que Jesus ensinou sobre a tribulação?

Uma compreensão mais específica da palavra "tribulação" refere-se a uma experiência cristã particular. Os ensinamentos de Cristo oferecem definições básicas para esse significado de "tribulação". Jesus afirmou que sempre que o evangelho estiver presente no mundo, a tribulação é inevitável. À medida que a palavra do evangelho é espalhada, a tribulação e a perseguição também estarão presentes ([Mt 13.21](#)).

Esta ideia de tribulação durante a era da igreja é cuidadosamente desenvolvida no ensino de Jesus sobre eventos futuros. A principal fonte para este ensino vem do sermão de Jesus pregado no Monte das Oliveiras ([Mt 24-25](#); [Mc 13](#); [Lc 21](#)). Este ensino fornece a única descrição e um claro período de tempo para a tribulação de seus seguidores. Jesus previu o início, a extensão e o fim da tribulação. Este ensino sobre a tribulação foi dado aos 12 discípulos em particular ([Mt 24.3](#)).

Jesus disse aos 12 discípulos que eles enfrentariam tribulação. Esta tribulação significa perseguição até a morte por causa do seu nome ([Mt 24.9](#)). O ensinamento sugere que a tribulação afetaria os cristãos em muitos lugares ao longo da história. A previsão de Jesus aos 12 discípulos de que eles

seriam vítimas diretas da tribulação ([Mt 24.8](#)) fornece um ponto de partida claro.

O mesmo grupo de discípulos testemunharia a "grande tribulação" de Jerusalém, conforme predito pelo profeta Daniel ([Mt 24.15-21](#)). É claro na passagem que Jesus se referia à destruição de Jerusalém em 70 d.C. A queda de Jerusalém para as legiões romanas deveria ser vista como um símbolo de tribulação contínua. O próprio Mateus faz um comentário editorial em [24.15](#), dizendo "quem lê, entenda". Isso teria alertado seus leitores originais sobre o cumprimento da previsão de Jesus dentro de suas vidas. A seção paralela em [Lucas 21.20-24](#) deixa claro que pessoas não-judaicas governariam por um longo período após a destruição da Jerusalém judaica. Isso é o que aconteceu após a queda de Jerusalém em 70 d.C.

Como os cristãos devem responder à tribulação?

O Novo Testamento adverte os crentes a esperarem tribulação. O Novo Testamento também define respostas apropriadas para a tribulação:

- Os cristãos devem se alegrar nas tribulações por causa dos bons frutos. A tribulação produz perseverança e força de caráter ([Rm 5.3-4](#)).
- Devem ser pacientes porque Deus conforta os fiéis ([Rm 12.12](#); [2Co 1.4](#)).
- Eles devem entender que a tribulação prepara os crentes para a glória na eternidade ([2Co 4.17](#)).

É raro na história que os cristãos desfrutem de riqueza e liberdade. A maioria dos crentes ao longo da história sofreu. O trabalho normal da igreja tem sido suportar como uma minoria perseguida em um mundo hostil. Para os cristãos que estão protegidos da tribulação, pode parecer que a tribulação se aplica a um período futuro na história.

A maioria dos cristãos enfrenta opressão, rejeição, problemas e perseguição. Por causa disso, a tribulação que Jesus previu é uma realidade sempre presente. A gravidade da tribulação pode variar. No entanto, a promessa de Cristo permanece verdadeira: "No mundo tereis tribulação. Mas tenham coragem; Eu venci o mundo!" ([Jo 16.33](#)).

Veja Sofrimento; Escatologia; Perseguição.

Tribunais e julgamentos

Disputas legais faziam parte da vida nos tempos bíblicos tanto quanto hoje. No entanto, as maneiras como os tribunais operavam e os julgamentos eram conduzidos eram bastante diferentes. A menos que esses costumes sejam compreendidos, os leitores modernos da Bíblia, ao pensar nos procedimentos legais contemporâneos, podem interpretar mal os relatos judiciais contidos na Bíblia.

Procedimentos Legais do Antigo Testamento

Êxodo a Deuteronômio

Os livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio contêm a maior parte da lei no AT, além de muitas outras informações sobre tribunais e procedimentos legais. Esses livros revelam como os julgamentos eram conduzidos antes de Israel ter reis. Certas mudanças no sistema legal que ocorreram após o estabelecimento da monarquia (c 1000 a.C.) são descritas em outros livros do AT.

O AT retrata Deus como o supremo legislador e juiz, com Moisés e, posteriormente, os reis como seus representantes. No entanto, Moisés não criou a lei nem decidiu os casos mais difíceis, que eram encaminhados diretamente a Deus para a decisão (veja [Lv 24.10-23](#); [Nm 15.32-36](#); [27.1-11](#)). Quando surgiam disputas entre os líderes de Israel, Deus intervinha, julgando diretamente a parte culpada ([Nm 16-17](#)). Assim, a lei é vista no AT como uma revelação divina, não uma criação humana, como era considerada na antiga Babilônia.

Normalmente, não era necessário buscar a orientação direta de Deus; o precedente era suficiente. Anciãos foram nomeados em Israel para servir como juízes de todos os casos, exceto os mais sérios, aliviando Moisés do fardo de julgar todo o povo sozinho ([Êx 18.13-27](#)). [Deuteronômio 16.18](#) especifica que "juízes" sejam nomeados em cada cidade; em outras passagens, aqueles responsáveis por punir criminosos são chamados de "os anciãos" ([Dt 19.12](#)). Os juízes locais eram claramente não profissionais, selecionados entre os membros mais respeitados de cada tribo ou aldeia. Casos difíceis eram encaminhados a um tribunal central de justiça para serem decididos pelos sacerdotes e, no período dos juízes, pelo líder civil e militar ([17.8-12](#)). Débora e Samuel foram ambos exemplos de tais "juízes de Israel". Samuel até conduziu um tribunal itinerante em vários centros diferentes ([1z 4.4-5](#); [1Sm. 7.15-17](#)).

Em Israel, assim como em outras sociedades antigas, a acusação privada era a norma. Um indivíduo com uma queixa tinha que levar o caso ao tribunal. Somente em situações de idolatria ou outros crimes religiosos graves eram instituídas acusações públicas ([Dt 13](#); [17.2-7](#)). Mesmo em casos de assassinato, a acusação ficava nas mãos dos parentes da vítima. Um parente, chamado de "vingador do sangue", tinha que perseguir o suposto assassino até a cidade de refúgio mais próxima, onde era realizado um julgamento ([Nm 35.10-34](#); [Dt 19.1-13](#)).

Os julgamentos eram realizados em locais públicos, como o espaço aberto perto de um portão da cidade ([Dt 21.19](#)). Durante o julgamento, os juízes estavam sentados, mas as partes em disputa e as testemunhas ficavam de pé. Eram necessárias pelo menos duas testemunhas para condenar ([19.15](#)). Elas tinham que ser testemunhas oculares que flagraram o acusado. Onde faltavam provas tão claras (e.g., em disputas sobre propriedade), os litigantes podiam fazer um juramento para demonstrar sua honestidade ([Êx 22.8-13](#)). Se um marido suspeitasse da infidelidade de sua esposa, mas não tivesse provas, ele poderia exigir que ela passasse por uma prova de beber "água amarga" para demonstrar sua inocência ([Nm 5.6-31](#)).

Quando todas as provas foram apresentadas, os juízes deram seu veredicto. Aqueles que haviam feito a acusação tinham o dever de executar a sentença do tribunal. Assim, uma testemunha de idolatria tinha que atirar a primeira pedra na execução do culpado ([Dt 17.7](#)). Certos funcionários administrativos podem ter tido o trabalho de registrar a decisão do tribunal e garantir que ela fosse cumprida ([16.18](#)). Às vezes, pode ter sido difícil para as pessoas defenderem seus direitos legais se seu oponente viesse de uma família forte e rica.

Outros livros do Antigo Testamento

Quando Israel se tornou um reino, certas mudanças foram feitas em seu sistema judicial. Mais obviamente, o rei se tornou o juiz supremo que lidava com os casos mais difíceis. Salomão demonstrou sua grande sabedoria ao julgar entre duas mulheres que ambas alegavam ser a mãe de um determinado bebê ([1Rs 3.16-28](#)). Esperava-se que os reis, que tinham todo o poder necessário para fazer cumprir suas decisões, usassem esse poder para ajudar os membros mais fracos da sociedade, como órfãos e viúvas ([Sl 72.12](#)).

Na prática, no entanto, os reis de Israel nem sempre viveram de acordo com esse ideal. Absalão semeou as sementes de uma revolução ao dizer àqueles que vinham à corte real que seu pai, o Rei Davi, não administrava bem a justiça ([2Sm 15.1-6](#)). Um julgamento notável no AT ilustra como os poderes judiciais reais poderiam ser completamente mal utilizados por governantes inescrupulosos. Nabote foi condenado à morte por uma acusação forjada de blasfêmia para que o Rei Acabe pudesse expandir os terrenos de seu palácio tomando a vinha de Nabote. Embora a acusação fosse falsa, o julgamento seguiu os procedimentos legais corretos. Dois patifes foram encontrados para dar testemunho de que ouviram Nabote amaldiçoar Deus e o rei ([1Rs 21.10](#)); uma testemunha teria sido insuficiente para garantir a condenação. Nabote foi julgado pelos anciãos da cidade em um local público. Após ser condenado, ele foi levado para fora da cidade e executado (vv. [11-13](#)). Em outros julgamentos, o profeta Jeremias foi acusado de atividades subversivas mais de uma vez ([Jr 26](#); [37.11-38.28](#)).

Os profetas às vezes retratavam Deus como levando Israel ao tribunal para responder pelos erros da nação. Deus listaria os pecados de Israel e convidaria o povo a explicar seu comportamento. Às vezes, céu e terra, ou as montanhas, eram chamados para serem testemunhas confirmando a verdade das acusações de Deus. Finalmente, o julgamento era pronunciado (e.g., [Is 1.2-26](#); [43](#); [Jr 2.4-37](#); [Mq 6](#)).

Um tema recorrente no livro de Jó é o pedido de Jó por um julgamento. Jó acreditava que, se tivesse uma audiência justa, sua inocência seria demonstrada e Deus pararia de causar-lhe tanto sofrimento (cf. [Jó 13.23](#)). Eventualmente, Deus atendeu ao pedido de Jó e um longo interrogatório começou, finalmente reduzindo Jó ao silêncio ([42.1-6](#)).

Procedimentos legais no Novo Testamento

Numerosos julgamentos ocorrem no NT. Jesus foi julgado pelo Sinédrio (o supremo tribunal religioso judaico) e também pelo governador romano. O livro de Atos menciona várias ações judiciais destinadas a impedir a propagação do Cristianismo. Lucas, o autor de Atos, apresenta uma descrição vívida e precisa de como os tribunais operavam nas províncias do Império Romano. Atos atinge um clímax com Paulo viajando para Roma para ter seu caso ouvido pelo Imperador Romano Nero. Os procedimentos legais nos tribunais

romanos eram regidos por regras complicadas que se assemelhavam amplamente às técnicas judiciais modernas. Crimes graves eram tratados por promotores públicos, e os julgamentos eram geralmente conduzidos por um juiz. Havia advogados para a acusação e advogados para a defesa.

Na Judeia e em outras províncias do império, o sistema legal local não foi suprimido. Os tribunais judaicos tradicionais tinham permissão para julgar delitos menores e religiosos ([At 4; 6.12-7.60](#)), mas não podiam lidar com casos graves onde a pena de morte pudesse estar envolvida. Por essa razão, quando o Sinédrio considerou Jesus culpado de blasfêmia por afirmar ser o Filho de Deus e o Messias, tiveram que transferir o caso para Pôncio Pilatos, o procurador romano (governador) da Judeia. Os judeus consideravam a blasfêmia digna de morte, mas como admitiram a Pilatos, “Nós não temos o direito de matar ninguém” ([Jo 18.31](#), NTLH). A regra em todo o Império Romano era que apenas os governadores podiam pronunciar a sentença de morte. A execução do apóstolo Tiago pelas autoridades judaicas, mencionada pelo historiador judeu Josefo, ocorreu durante um interregno entre dois governadores. O apedrejamento de Estevão foi feito às pressas, sem o consentimento de Pilatos ([At 7](#)).

Os julgamentos de Jesus

Jesus foi julgado primeiro pelo Sinédrio, presidido pelo sumo sacerdote. Pelos padrões posteriores da prática legal judaica, esse julgamento foi um tanto irregular. E.g., parece ter sido realizado tanto à noite quanto na véspera de um festival. Julgamentos criminais não deveriam ocorrer nesses momentos. Não é certo que essas regras existissem nos dias de Jesus, mas mesmo que existissem, pouco pode ser feito dessa técnica, já que o tribunal judaico não tinha poder para executar sua sentença.

Após a condenação pelo Sinédrio, Jesus foi levado a Pilatos, cuja residência em Jerusalém, o antigo palácio real chamado Pretório, ficava no lado oeste da cidade, perto do moderno Portão de Jaffa. Era improvável que os romanos condenassem alguém à morte por uma questão religiosa, então as autoridades judaicas apresentaram suas acusações contra Jesus em termos políticos: ele violou a lei ao “proibir-nos de dar tributo a César, e dizendo que ele mesmo é Cristo, um rei” ([Lc 23.2](#), rsv). Talvez percebendo algo falso nessas acusações (elas eram na verdade religiosas em vez de políticas), Pilatos

enviou Jesus a Herodes, o governante da Galileia, que estava em Jerusalém na época. Pilatos, que não precisava enviar galileus a Herodes para julgamento, provavelmente viu isso como um meio de evitar uma decisão desconfortável. Herodes, no entanto, declarou Jesus inocente e o devolveu a Pilatos.

Pilatos ofereceu dar a Jesus uma surra disciplinar, tradicionalmente aplicada a encrenqueiros como um aviso para que se comportassem no futuro ([Lc 23.16](#)). Mas isso não satisfez os acusadores de Jesus, que insistiram na acusação de insurreição, ameaçando denunciar Pilatos ao Imperador se ele não condenasse Jesus. Pilatos, que não tinha sido um governador muito bem-sucedido, temia reclamações oficiais sobre sua administração, então a ameaça funcionou. Ele sentenciou Jesus a ser crucificado sob a acusação de ser rei dos judeus. A pesada flagelação que precedeu a Crucificação nunca foi um castigo por si só, mas era frequentemente um acompanhamento de outras punições. Outra característica da prática legal romana ilustrada nos Evangelhos foi a divisão das roupas de Jesus entre os soldados; os executores tinham permissão para ficar com esses efeitos pessoais como um benefício adicional.

As provações do apóstolo Paulo

Os julgamentos de Paulo registrados no livro de Atos também refletem a divisão entre a autoridade judaica e romana em questões legais. Quando foi preso, Paulo teve uma audiência preliminar perante o Sinédrio ([At 23](#)). Ele foi então transferido para o governador para um julgamento formal em Cesareia, a sede habitual do governador. Lá, ele foi julgado perante Félix, que adiou o caso por dois anos até que um novo governador fosse nomeado. Lucas relatou que Félix (outro governador impopular) fez isso para agradar os judeus, mas era bastante comum que os governadores deixassem casos para serem resolvidos por seus sucessores.

Quando Festo, o novo governador, chegou, ele sugeriu que Paulo fosse julgado em Jerusalém. Paulo, não gostando da perspectiva de ser julgado lá, exerceu seu direito como cidadão romano de ser julgado em Roma perante o Imperador ([At 25.1-20](#)). O restante do livro de Atos conta como Paulo eventualmente chegou a Roma e teve que esperar mais dois anos antes que seu caso fosse ouvido. Nenhum detalhe do julgamento de Paulo em Roma é conhecido, mas Nero, que era Imperador quando Paulo chegou, julgou muito poucos casos pessoalmente. Ele nomeou juízes para lidar com

casos de apelação como o de Paulo, então é improvável que Paulo tenha sido realmente julgado por Nero.

O direito de apelar ao Imperador não era o único direito legal possuído pelos cidadãos romanos. Eles também estavam protegidos de serem espancados sem julgamento, um direito afirmado por Paulo em Filipos e Jerusalém ([At 16.37](#); [22.24–29](#)).

Veja também Vingador de sangue; Cidades de refúgio; Lei civil e justiça; Lei criminal e punição; Sinédrio.

Tribuno

Um oficial militar romano que servia como comandante de uma coorte (1.000 homens). No uso do Novo Testamento, designava o comandante da guarnição romana (posto militar) em Jerusalém (por exemplo, [At 21.31](#); [22.24](#); [23.10](#); [24.22](#)). Paulo foi colocado sob a proteção do tribuno após sua prisão em Jerusalém ([21.33](#)).

Trigo

O trigo é um tipo de gramínea cereal amplamente cultivada por seu grão comestível. Cinco tipos de trigo crescem naturalmente na Terra Santa, e pelo menos outros oito tipos são cultivados lá hoje. A maioria, senão todos, desses tipos de trigo eram provavelmente conhecidos nos tempos bíblicos. As variedades selvagens eram provavelmente mais comuns naquela época do que são agora. Alguns desses tipos de trigo selvagem incluem:

- einkorn (*Triticum monococcum*),
- thaoudar (*Triticum thaoudar*), e
- emmer selvagem (*Triticum dicoccoides*).

O trigo composto (*Triticum compositum*) possui espigas ramificadas que frequentemente têm até sete cabeças por caule. Este tipo é claramente mencionado em [Gênesis 41.5–57](#). Ele aparece em muitos monumentos e inscrições egípcias e ainda é comumente encontrado no Delta do Nilo, onde é chamado de "trigo múmia". As pessoas também o cultivam na Terra Santa.

O trigo mais comum mencionado na Bíblia é o trigo de verão e inverno regular, *Triticum aestivum*. Este trigo é uma gramínea anual (uma planta que

completa seu ciclo de vida em um ano). Ele tem sido cultivado no Egito e em outras terras orientais desde os tempos antigos. Ninguém sabe exatamente de onde veio pela primeira vez. Foram encontrados grãos de trigo em tumbas egípcias muito antigas e nos restos de habitações lacustres pré-históricas na Suíça. O trigo era certamente o principal grão da Mesopotâmia no tempo de Jacó ([Gn 30.14](#)).

Nos tempos bíblicos, as culturas básicas frequentemente incluíam ervilhas, feijões, lentilhas, cominho, cevada, painço e espelta, mas o trigo sempre foi o principal ingrediente. O Egito era um grande produtor de grãos, e Abrão ([Gn 12.10](#)) e os irmãos de José (cap. [42](#)) naturalmente foram ao Egito para comprar trigo quando houve uma fome (grave escassez de alimentos) em Canaã.

Os moinhos, pedras de moinho, celeiros e eiras mencionados na Bíblia referem-se a equipamentos usados para processar grãos em farinha. A farinha fina usada para fazer os pães da proposição ([Lv 24.5](#)) era definitivamente farinha de trigo. As pessoas frequentemente armazenavam trigo para uso doméstico na parte central de suas casas. Isso explica a história contada em [2 Samuel 4.6](#). Às vezes, as pessoas também armazenavam trigo em poços secos ([2Sm 17.19](#)).

Veja Agricultura; Alimentos e preparação de alimentos.

Tristeza

Sofrimento emocional trazido por luto, acidente ou desastre. Lamentar é causar ou sentir tristeza, ou angústia. O conceito é encontrado nas Escrituras sob uma variedade de circunstâncias. Isaque e Rebeca experimentaram tristeza quando seu filho Esaú se casou com uma mulher hitita ([Gn 26.35](#)). Deus lamentou a miséria de Israel trazida sobre eles por desobediência ([Jz 10.16](#)). Porque ela não tinha filho, Ana estava triste — tanto que parecia estar bêbada enquanto orava ([1Sm 1.16](#)). Da mesma forma, Samuel, perturbado com a desobediência do rei Saul, orou a noite toda. Jó estava extremamente triste com sua perda pessoal ([Jó 2.13](#); cf. [6.2](#); [16.6](#)), e o salmista demonstrou poeticamente angústia e tristeza ([Sl 6.7](#); [31.9–10](#); [69.26](#); [73.21](#); [95.10](#); [112.10](#)). O livro de Lamentações é dedicado à expressão de tristeza, e os profetas em geral falam de julgamento porque Israel havia entristecido um Deus santo.

Jesus experimentou tristeza e angústia ([Mc 3.5](#); [Jo 11.33](#)), incluindo o choro pela morte de um amigo ([Jo 11.35](#)). Os judeus aparentemente se entristeciam quando os apóstolos ensinavam sobre Cristo ([Atos 4.2](#)). O apóstolo Paulo instruiu os crentes a não entristecer uns aos outros ([Rm 14.15](#)) e não queria causar qualquer tristeza ([2Co 2.1-5](#)). Acima de tudo, o crente não deve entristecer o Espírito Santo ([Ef 4.30](#)). Um crente pode, é claro, experimentar tristeza e sofrimento em um mundo estranho ([1Pe 2.19](#)). Nos tempos bíblicos, a tristeza recebia expressão especial em um momento de morte por meio de gritos, lamentos e choro ([Jr 9.17-18](#); [Am 5.16](#); [Mc 5.38](#)).

Veja também Luto.

Trôade

Uma cidade nos tempos antigos estava localizada no que hoje é a Turquia. Situava-se a 16,1 quilômetros ao sul de Troia. Troia era famosa como o local onde ocorreu a Guerra de Troia, sobre a qual o antigo poeta Homero escreveu. Tanto Troia quanto Trôade foram construídas em uma área chamada Planície de Trôade, que se estendia por cerca de 16,1 quilômetros ao longo do mar. O apóstolo Paulo viajou de Trôade para a Macedônia após receber uma visão em que um homem dizia: "Venha para a Macedônia e ajude-nos" ([At 16.9](#)).

História primitiva

Por volta de 300 a.C., o rei selêucida Antígono fundou a cidade e a nomeou em sua homenagem. Mais tarde, o nome da cidade mudou para Alexandria Trôade em honra a Alexandre, o Grande, que havia passado por Trôade em busca dos persas. A cidade tornou-se uma colônia romana quando o poder romano substituiu os gregos. Segundo alguns estudiosos, Júlio César imaginou Trôade como sua capital oriental. Mais tarde, Constantino, o Grande, inicialmente considerou torná-la sua capital antes de Bizâncio (Constantinopla).

Visitas de Paulo a Trôade

Trôade era um importante porto marítimo na época de Paulo, pois era a rota mais fácil e curta da Ásia para a Europa.

Na segunda viagem missionária, Paulo e Silas chegaram a Trôade. Isso ocorreu "depois que o Espírito Santo os impediu de falar a palavra na

província da Ásia" ([At 16.6](#)). Esta viagem à Europa não é enfatizada em Atos. No entanto, muitos estudiosos acreditam que essa curta viagem teve grande importância histórica. Eles comparam sua importância à invasão da Grã-Bretanha por Júlio César. Após essa visão, Paulo e Silas partiram de Trôade e passaram pela ilha de Samotrácia. Então, desembarcaram em Neápolis (atual Kavala), sua primeira parada na Europa ([v.11](#)).

Sabemos que alguém deve ter estabelecido uma igreja em Trôade devido a eventos descritos posteriormente. Paulo concluiu sua missão em Éfeso e, em seguida, pregou o evangelho em Troas ([2Co 2.12](#)). A caminho de Jerusalém pela última vez, Paulo parou em Trôade, onde pregou até depois da meia-noite. Um dos jovens adormeceu profundamente, caiu de uma janela e morreu, mas Paulo o ressuscitou. Depois, Paulo continuou ensinando até de manhã ([At 20.6-12](#)).

Paulo visitou Trôade novamente. Parece que foi quando ele foi preso lá. Ele deixou para trás um manto e papéis. Em sua segunda carta a Timóteo, Paulo pede que ele traga esses itens para ele em sua prisão em Roma ([2Tm 4.13](#)).

Tróximo

Um cristão da província da Ásia. Ele acompanhou Paulo em sua viagem final a Jerusalém ([At 20.4](#)). Alguns judeus viram Tróximo, o efésio, com Paulo em Jerusalém e presumiram que Paulo o havia levado ao templo. Como Tróximo não era judeu, eles o acusaram de profanar o templo ([21.28-29](#)). Esta falsa acusação se tornou a desculpa para prender e encarcerar Paulo.

Tróximo estava viajando com Paulo como um dos representantes da igreja asiática. Eles o haviam selecionado para supervisionar a coleta para a igreja de Jerusalém. Tróximo provavelmente foi um dos crentes que viajaram com Tito para entregar a Segunda aos Coríntios ([2Co 8.16-24](#)). De acordo com [2 Timóteo 4.20](#), Tróximo acompanhou Paulo antes de sua prisão final em Roma. No entanto, Tróximo ficou em Mileto por causa de uma doença. A tradição sugere que o Imperador Nero ordenou que Tróximo fosse morto por decapitação.

Trogílio

Trogílio é uma área rochosa no mar entre a ilha de Samos e a cidade de Mileto. Em [Atos 20.15](#), algumas

cópias antigas da Bíblia mencionam que o navio de Paulo parou neste local durante sua viagem a Jerusalém, perto do final de sua terceira viagem missionária. Como Trogílio é uma porção de terra que se projeta no mar entre Samos e Mileto, seria razoável que um navio à vela tivesse parado lá para passar a noite.

No entanto, a maioria dos estudiosos que examinam manuscritos antigos da Bíblia acredita que a frase "ficando em Trogílio" (que aparece na Almeida Revista e Corrigida) foi adicionada ao texto bíblico posteriormente e não fazia parte do escrito original.

Troncos

Uma forma comum de punição e confinamento nos tempos bíblicos ([2Cr 16.10](#); [At 16.24](#)). Os troncos eram estruturas de madeira com buracos para prender os pés, mãos ou pescoço de um prisioneiro. Isso impedia o movimento e causava grande desconforto.

Veja Direito penal e punição.

Trono

Uma cadeira cerimonial elevada simboliza a importância e autoridade de seu ocupante. À medida que a palavra "trono" se espalhou, tornou-se um símbolo de realeza e passou a significar o próprio reino. Quando Faraó fez de José vice-rei, ele disse: "Somente em relação ao trono serei maior do que você" ([Gn 41.40](#)). O estabelecimento de Davi como rei de Israel foi equivalente ao estabelecimento do trono de Davi ([2Sm 3.10](#)). Ocupando o trono indicava sucessão à realeza ([1Rs 1.46](#)).

Apenas um trono é descrito em detalhe no Antigo Testamento, o trono de Salomão ([1Rs 10.18-20](#); [2Cr 9.17-19](#)). A descrição e os monumentos antigos mostram tronos. Eles sugerem a aparência do trono de Israel. Um assento elevado com seis degraus levando até ele, o trono era parcialmente feito de marfim e revestido com ouro. O trono tinha um encosto e braços. Havia estátuas de leões ao lado dele e seis estátuas semelhantes em cada lado dos degraus. Embora não mencionado na descrição do Antigo Testamento, um escabelo era uma parte indispensável do trono ([Is 66.1](#)).

O termo hebraico *kisseh* é usado como um assento de honra para qualquer pessoa distinta:

- Um sacerdote ([1Sm 4.13.18](#));
- Um governante ([Sl 94.20](#));
- Um oficial militar ([Jr 1.15](#));
- Um hóspede favorecido ([2Rs 4.10](#)).

Refere-se principalmente à cadeira de um rei a partir da qual ele governava. O Antigo Testamento menciona os tronos de reis estrangeiros ([Êx 11.5](#); [Jr 43.10](#); [Jn 3.6](#)). Enfatiza especialmente o trono de Israel e o trono de Davi.

O Deus de Israel é descrito metaforicamente como sentado em um trono ([Is 66.1](#)). Muitos profetas descrevem visões de Deus em um trono:

- Micaías ([1Rs 22.19](#));
- Isaías ([Is 6.1-3](#));
- Ezequiel ([Ez 1.4-28](#); [10.1](#));
- Daniel ([Dn 7.9-10](#)).

Mais tarde, a visão de Ezequiel sobre o trono de Deus teve grande importância no "misticismo do trono" judaico. Em [Apocalipse 4](#), o trono de Deus é rodeado pelos 24 tronos dos anciãos. Um arco-íris de esmeralda e sete tochas o cercam. Um mar de cristal está à frente, com quatro criaturas vivas de cada lado.

O trono de Deus geralmente está no céu ([Sl 11.4](#); [Mt 5.34](#)). Mas, o trono de Deus também é descrito como estando em:

- Jerusalém ([Jr 3.17](#));
- O templo ([Ez 43.6-7](#));
- Israel ([Jr 14.21](#)).

O conceito do trono de Cristo é raro no Antigo Testamento ([Is 9.7](#); [Jr 17.25](#)), mas comum no Novo Testamento ([Lc 1.32](#); [At 2.30](#)). Este trono simboliza a realeza e autoridade de Cristo.

Trono do julgamento

O lugar diante do qual as pessoas prestarão contas de suas vidas a Deus.

No Antigo Testamento

O conceito de julgamento divino no Novo Testamento tem origem no Antigo Testamento. No Antigo Testamento, Deus é visto como o Juiz de todo o mundo, especialmente de seu próprio povo.

Quando Abraão pediu a Deus para poupar a cidade de Sodoma, ele se referiu a Deus como "o juiz do mundo inteiro" ([Gn 18.25](#)). O papel de Moisés como juiz sobre os israelitas baseava-se na crença de que Deus estava dando julgamentos através dele. Uma relação semelhante existia entre Deus e os juízes que lideraram Israel após a conquista da terra prometida. Essa compreensão de Deus como Juiz é claramente vista na mensagem de Jefté ao rei de Amom: "O Senhor é o juiz. Ele decidirá hoje entre os israelitas e os amonitas" ([Jz 11.27](#)). Quando Deus chamou Samuel, ele lhe disse que Ele (Deus) julgaria a casa de Eli.

A ideia de Deus como o Juiz de seu povo é comum nos Salmos e Profetas. Em [Salmo 9.4](#), Davi disse de Deus: "Tu és um juiz justo e, sentado no teu trono, fizeste justiça, julgando a meu favor". Ele continuou: "Mas o Senhor é Rei para sempre. Sentado no seu trono, ele faz os seus julgamentos. Deus governa o mundo com justiça e julga os povos de acordo com o que é direito" ([Salmo 9.7-8](#)). Isaías descreveu um tempo futuro quando Deus julgará as nações ([Is 2.4](#)). Joel também falou de Deus como o Juiz das nações ([Jl 3.12](#)).

No Novo Testamento

Essas declarações do Antigo Testamento formam o pano de fundo para o entendimento do Novo Testamento sobre o tribunal de Deus ou de Cristo. A imagem de um tribunal veio da prática romana, onde o julgamento ocorria em uma plataforma (em grego, *bema*) ou tribunal, de onde um juiz ouviria e decidiria casos. É por isso que a maioria das referências do Novo Testamento a um tribunal ocorre quando Jesus ou o apóstolo Paulo foi levado perante uma autoridade governante. Por exemplo, Pilatos sentou-se em seu tribunal quando julgou Jesus ([Mt 27.19](#); cp. [Jo 19.13](#); [At 18.12,16-17](#); [25.6,10,17](#)).

Duas passagens do Novo Testamento falam diretamente sobre o tribunal de Deus ou de Cristo: [Romanos 14.10](#) e [2 Coríntios 5.10](#). Em [Romanos 14.10](#), Paulo abordou a questão urgente da unidade dentro da igreja — unidade baseada na aceitação amorosa daqueles com diferentes opiniões sobre como a fé afeta a vida diária. Paulo instou tanto os cristãos judeus quanto os gentios a aceitarem uns

aos outros, apesar das diferenças sobre comer certos alimentos e observar certos dias. Ele os lembrou de que todos devem, eventualmente, comparecer diante do tribunal de Deus para prestar contas de como viveram. Como Deus é o Juiz supremo, os cristãos não devem julgar uns aos outros. Da mesma forma, em [2 Coríntios 5](#), Paulo explicou por que os cristãos se esforçam para agradar ao Senhor: todos devem comparecer diante do tribunal de Cristo para serem recompensados por suas ações. O tribunal de Cristo ou de Deus, portanto, representa a responsabilidade final do cristão.

Veja também Bema; Julgamento; Juízo Final; Segunda vinda de Cristo.

Trovão, Filhos Do

Tradução da palavra "Boanerges", o sobrenome dado por Jesus a Tiago e João ([Mc 3.17](#)). *Ver* Boanerges.

Tubal

Quinto dos filhos listados de Jafé na tabela das nações ([Gn 10.2](#); [1Cr 1.5](#)). Tubal mais tarde ganhou importância nos escritos proféticos de Isaías e Ezequiel como uma das nações que seriam julgadas por ameaçar o povo de Deus ([Is 66.19](#); [Ez 27.13](#); [32.26](#); [38.2-3](#); [39.1](#)). Tubal é tipicamente mencionado com Javã e Mesaque como nações do norte ou nações das regiões costeiras ([Is 66.19](#); [Ez 38.2](#)). O fato de Tubal ter negociado com Tiro ([Ez 27.13](#)) apoia a premissa de que Tubal estava localizado em uma região costeira. Além dessa evidência escassa, é difícil determinar a identificação étnica precisa ou a localização de Tubal. Foi identificado com os citas, os ibéricos, a região entre os mares Negro e Cáspio, Tessália e várias tribos hititas.

Tubalcaim

Filho de Lameque por sua esposa Zila ([Gn 4.22](#)). Ele era "um forjador de todos os instrumentos de bronze e ferro". Embora o texto não afirme que ele foi o primeiro ou o "pai" de todos os ferreiros, muitos estudiosos acreditam que o texto originalmente fazia um paralelo com os versículos [20](#) e [21](#) para implicar que ele foi o primeiro.

Tuberculose

Um termo médico que se refere à tuberculose dos pulmões (uma infecção causada por bactérias). A palavra "tuberculose" não aparece em nenhuma versão brasileira da Bíblia ([Lv 26.16](#); [Dt 28.22](#)). No entanto, não significa especificamente tuberculose. Em vez disso, refere-se a qualquer doença de longa duração que faz o corpo definhar. Isso pode incluir câncer, diarreia, má nutrição, malária, insuficiência renal e outros problemas de saúde. Na Bíblia, essa palavra é listada como uma das muitas condições médicas que afetariam aqueles que não seguem os mandamentos de Deus. Algumas das traduções encontradas para essa palavra incluem "doenças contagiosas" (NTLH) e "tísica" (ARC).

Veja também Doença; Medicina e prática médica.

Túmulo de Raquel

Um marco foi estabelecido por Jacó no local do túmulo de Raquel ([Gn 35.19–20](#)). Ainda existia na época de Samuel ([1Sm 10.2](#)).

Duas tradições persistentes tornam sua localização original ainda questionável:

1. A tradição mais antiga localiza o túmulo perto de Belém, ao sul de Jerusalém ([Gn 35.19](#); [48.7](#); [Mt 2.18](#)). Esta opção tem forte apoio de Josefo, Eusébio, Jerônimo, Orígenes e dos Talmudistas.
2. O segundo local é Efrata ([Gn 35.19](#)), que estava na fronteira norte de Benjamim, a 16,1 quilômetros ao norte de Jerusalém ([1Sm 10.2](#); [Jr 31.15](#)), perto da antiga Betel.

O túmulo de Raquel é o primeiro exemplo registrado na Bíblia de um "monumento sepulcral" (uma grande estátua em memória dos mortos). Uma imagem do túmulo é uma peça decorativa comum em lares judaicos ao redor do mundo.

Túnel de Ezequias

Veja Siloé, Piscina de.

Túnica

Veja Roupas.

Tutor

Um servo que era responsável por acompanhar, proteger e, às vezes, disciplinar o filho de seu mestre até que o menino atingisse a maturidade. Algumas Bíblias usam os termos "aio" ou "guardião" para expressar a mesma ideia.

Veja Guardião.